



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

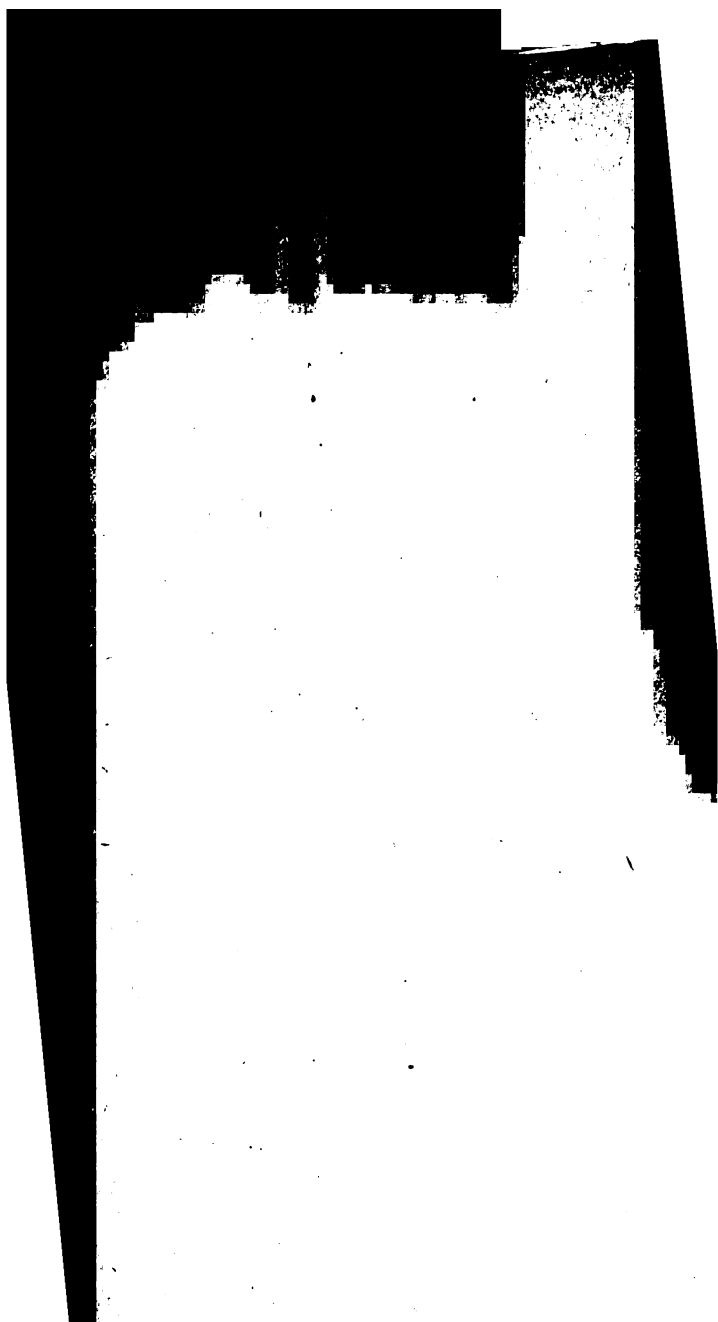
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

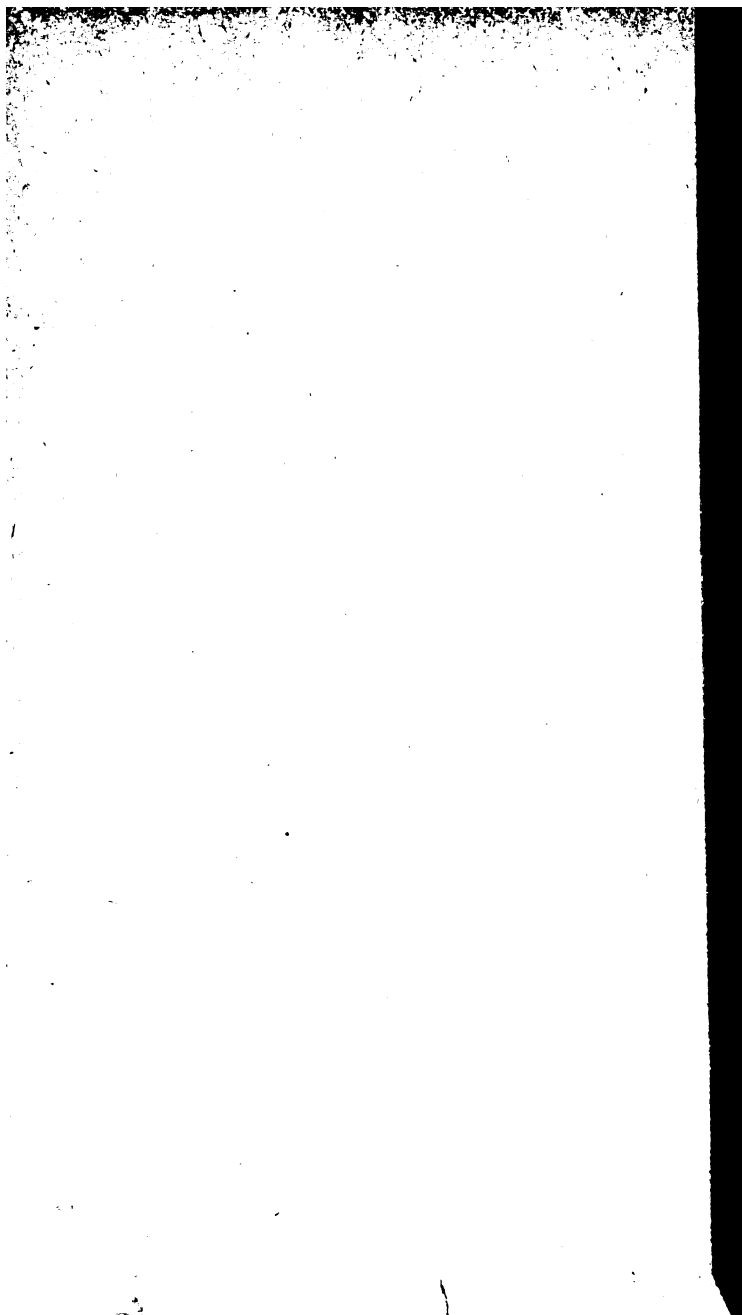
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

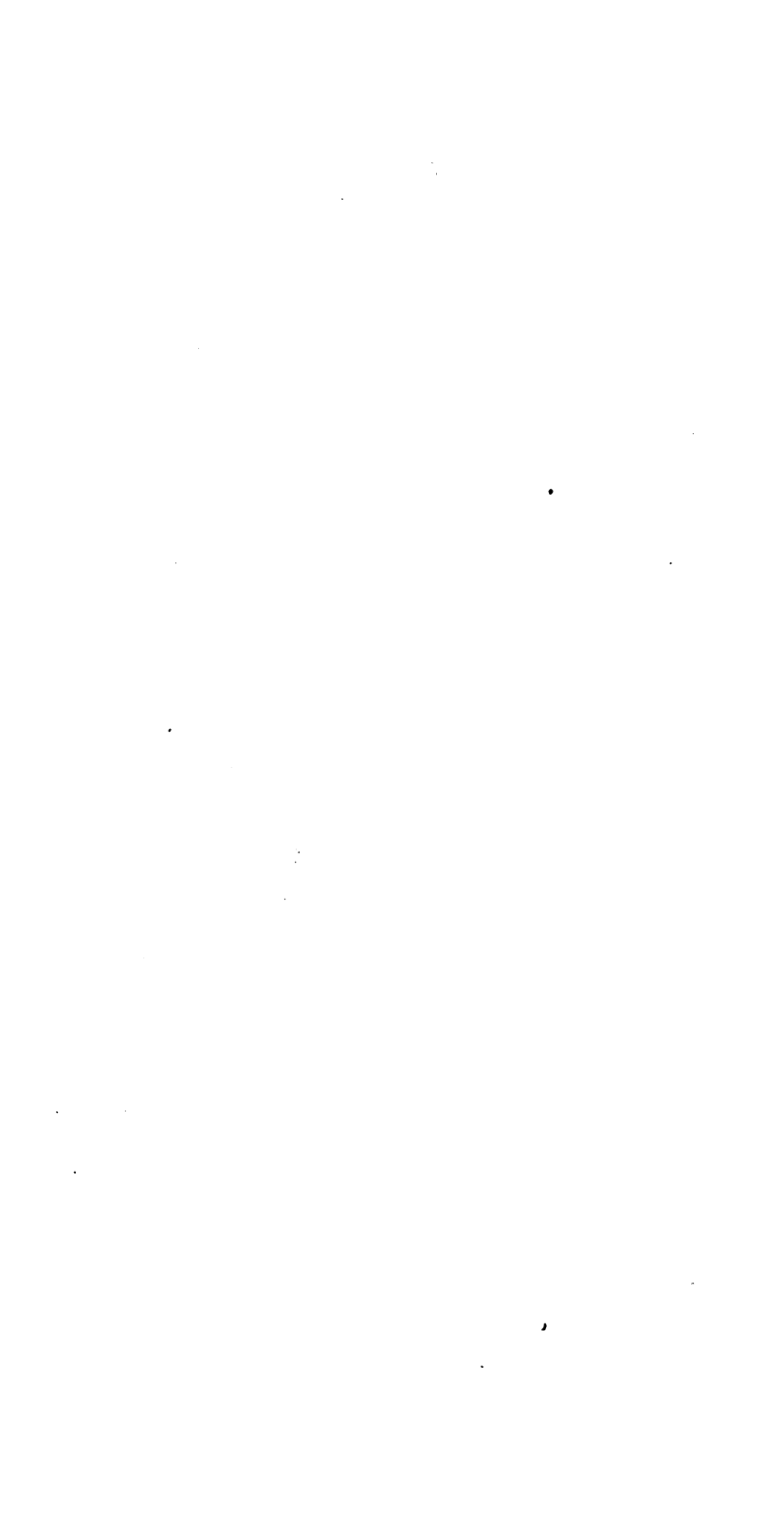














CASTILMO

THEATRO DE SHAKESPEARE

1.ª TENTATIVA

SONHO

D'UMA

NOITE DE S. JOÃO

DRAMA EM 5 ACTOS E EM VERSO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

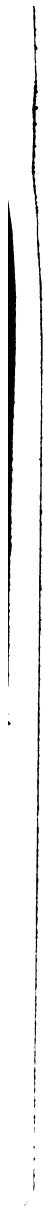
ERNESTO CHARDRON

EUGENIO CHARDRON

—
PÓRTO

—
BRAGA

1875



CASTILMO

THEATRO DE SHAKESPEARE

1.ª TENTATIVA

SONMO

D'UMA

NOITE DE S. JOÃO

DRAMA EM 5 ACTOS E EM VERSO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

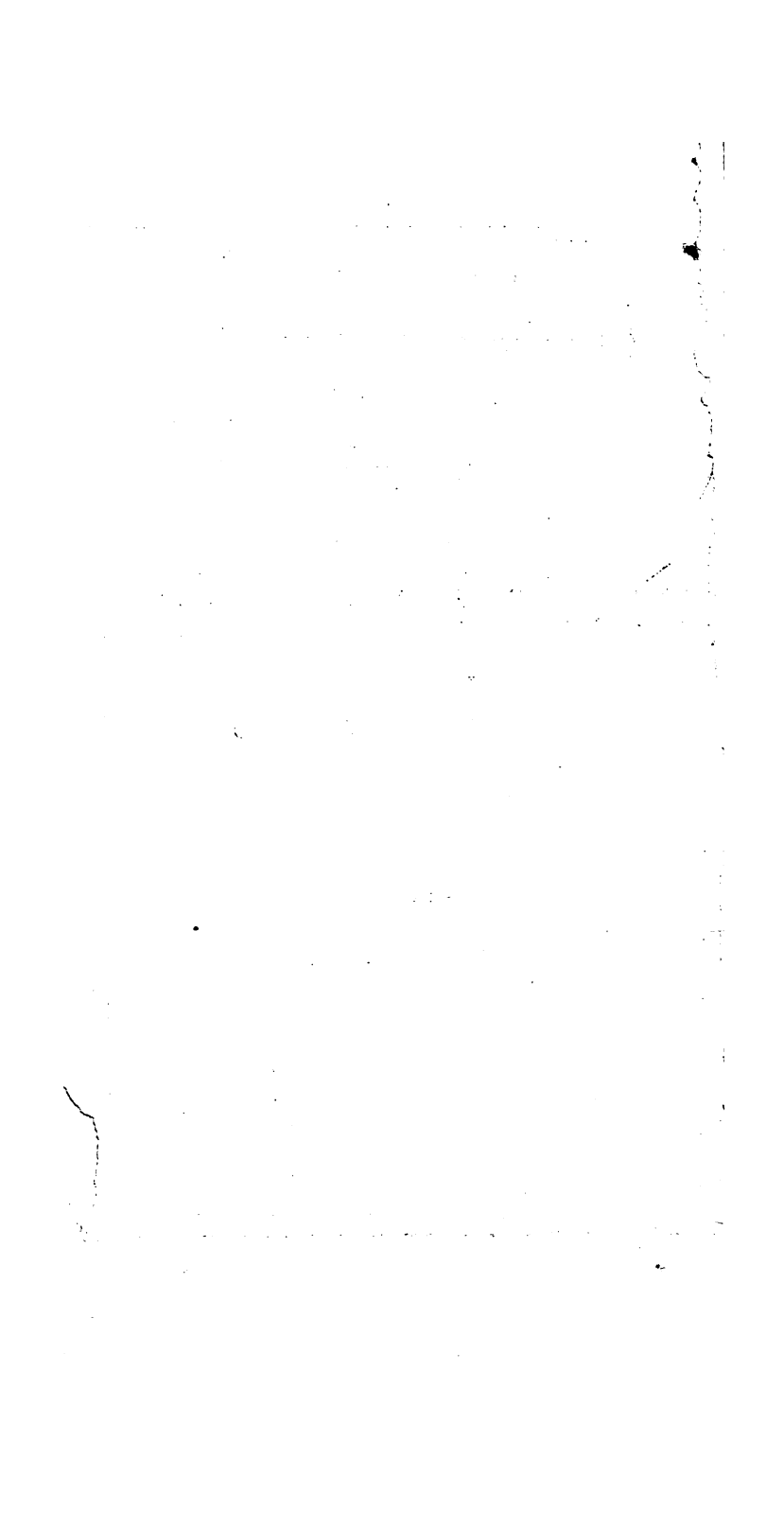
ERNESTO CHARDRON

EUGENIO CHARDRON

—
PÓRTO

—
BRAGA

1875



SONHO
D'UMA
NOITE DE S. JOÃO

DRAMA EM 5 ACTOS E EM VERSO

Á VENDA
NA
LIVRARIA CHARDRON
—
PORTO E BRAGA

VISCONDE DE CASTILHO

- AMOR E MELANCOLIA, seguido da CHAVE DO ENIGMA. 2.^a edição. — 1 vol..... 800 réis
CAMÕES, ESTUDO HISTORICO POETICO. 2.^a edição, completamente acrescentada nas notas. — 3 vol..... 1\$500 »
A NOITE DO CASTELLO E OS CIUMES DO BARDO. 2.^a edição, mais acrescentada. — 1 vol..... 1\$000 »
TRADUCCÃO DOS FASTOS DE OVIDIO, annotada por mais de 100 escriptores portuguezes contemporaneos. — 6 vol. 4.^o..... 3\$600 »

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

- CANTOS MATUTINOS. 3.^a edição. — 1 vol..... 800 »

JOÃO DE DEUS

- RAMO DE FLORES. — 1 vol..... 300 »

CUNHA VIANNA

- RELAMPAGOS. — 1 vol..... 400 »

GONÇALVES DIAS

- POESIAS. 5.^a edição, unica completa, inclusivè os TYMBIRAS. — 2 vol..... 2\$000 »

OBRAS de CASIMIRO D'ABREU, ALVARES D'AZEVEDO e outros POETAS BRAZILEIROS.

Antonio Feliciano de

CASTILHO

THEATRO DE SHAKESPEARE

1.^a TENTATIVA

SONHO

D'UMA

NOITE DE S. JOÃO

DRAMA EM 5 ACTOS E EM VERSO



LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

EUGENIO CHARDRON

—
PORTO

—
BRAGA

1874



TYP. DA LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
BARTHOLOMEU HENRIQUE DE MORAES
50 — Rua da Picaria — 54
—
PORTO

A

AMILLO CASTELLO BRANCO

O OPULENTADOR DA LINGUAGEM VERNACULA
E DA LITTERATURA PORTUGUEZA

Offerece com um estreito abraço

O feu

CASTILHO.



FIGURAS DO DRAMA

THESEU (*Thefeus*) — Duque de Athenas.

EGEU (*Egeus*) — Pai de Hermia.

LYSANDRO (*Lyfander*) }
DEMETRIO (*Demetrius*) } Namorados de Hermia.

PHILOSTRATO (*Philoftrate*) — Intendente dos divertimentos
peffoaes de Thefeu.

MARMELO (*Quince*), carpinteiro

CANELLAS (*Botton*), tecelão

GAITINHAS (*Flute*), folleiro

TROMBAS (*Snout*), caldeireiro

RABOTE (*Snug*), marceneiro

ESFOMEADO (*Starveling*), alfaiate

} Mestres de Athenas.

HYPPOLITA (*Hippolyta*) — Ex-Rainha das Amazonas.

HERMIA (*Hermia*) — Filha de Egeu, e amante de Lyfandro.

HELENA (*Helena*) — Amante de Demetrio.

OBERON (*Oberon*) — Rei dos genios.

TITANIA (*Titania*) — Rainha das fadas.

PUCK ou ROBIM ou ROBINO (*Puck*) — Trafgo.

FLOR DA ERVILHA (*Pea's Blossom*)

TEIA D'ARANHA (*Cobweb*)

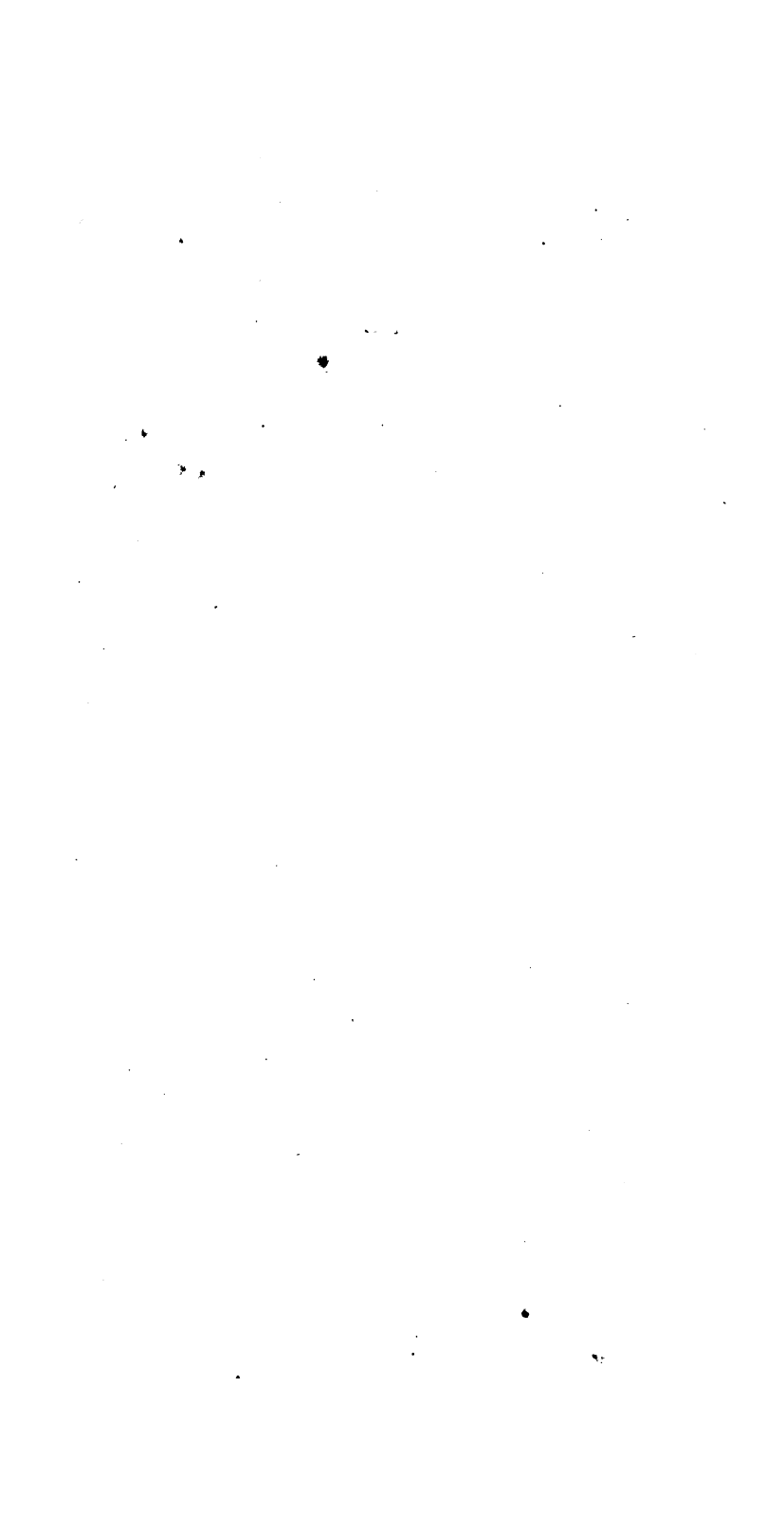
PHALENA (*Moth*)

SEMENTE DE MOSTARDA (*Mustard-feed*)

UMA FADA.

} Sylphides.

FADAS e espiritos da comitiva de OBERON e TITANIA. Sequazes de THESEU e de HYPPOLITA. MUSICOS.



SONHO
D'UMA
NOITE DE S. JOÃO

ACTO I

QUADRO I

Sala nos Paços do Duque Theseu em Athenas.

SCENA I

THESEU, HYPPOLITA, PHILOSTRATO e SEQUITO

THESEU

Emfim, gentil Hyppolita,
já tardou mais a hora
das nossas faustas nupcias;
mais quatro dias fóra,
e a lua nova entrou.
Como esta velha lua
teimosa inda recua
o bem que anciando estou!
parece impia madrastra
que adrede e áciente afafta

o instante de entregar
a joven orphão soffrego
a fortunosa herança,
que é d'elle, e cuja esp'rança
o cança a delirar.

HYPPOLITA

Paciencia; quatro dias
breve na fombra escoam;
e quatro noites voam
fonhando-se alegrias.
Calma a impaciencia tua;
ver-fe-ha, não tarde, a lua
feu arco argenteo erguer;
momento em que aos amores
prisões de eternas flores
deve Hymeneu tecer.

THESEU

Philostrato, vê se aprestas
condignos jogos e scenas,
com que os mancebos de Athenas
dêm realce ás noffas festas.
Melancholias e penas
vão lá para os funeraes;
em meus Paços festivaes
tão fó folgazãs Camenas.

(Sai Philostrato.)

SCENA II

THESEU, HYPPOLITA e SEQUITO

THESEU (*para Hyppolita*)

Minha guerreira intrepida,
fe te venci com a espada,
hoje triumphas arbitra
d'est'alma avaffalada.
Delicias, espectaculos,
gofos a cada passo,
auspicios dêm prosperrimos
ao nosso mutuo laço.

SCENA III

THESEU, HYPPOLITA e SEQUITO, EGEU, HERMIA,
LYSANDRO e DEMETRIO

EGEU

Prosperidades mil ao Duque, ao gran Theseu.

THESEU

Graças. Que novas ha, fiel, honrado Egeu?

EGEU

Novas ruins, meu Duque: um pai que hoje se humilha
ante o seu soberano a denunciar-lhe a filha,
o fangue do meu fangue: a minha Hermia.

(Para Demetrio)

Vem,

Demetrio.

(Para Theseu)

Meu senhor, este mancebo tem
palavra que lhe eu dei de ser meu genro.

(Para Lyfandro)

Agora

tu, Lyfandro.

(Aproxima-o ao Duque)

Meu Duque, este homem na má hora
m'a enfeitiçou.

(Para Lyfandro)

Sim, tu, Lyfandro seductor,
tu, co'a fascinação dos verfinhos de amor,
lograste embelecar-m'a. As trocas de miminhos,
prenda vai, prenda vem, juntando-se aos verfinhos,

alhearam-m'a de si. Quem lhe ia descantar
 de baixo do balcão por noites de luar
 refalfados bemóes em trovas embusteiras,
 fenão tu? Quem lhe fez cadeias feiticeiras
 de cabello meclado entre o oiro da manilha?
 Tu; tu tens-me encarchada a minha pobre filha
 co'os diches dos anneis, das cifras, co'as chouchices
 de mólhinhos de flor, bolos, e gulodices;
 mimos fim de nonáda, e mas infidias certas
 para vencer defdens de moças inexpertas.
 É verdade! a poder de tanta seducção,
 roubaste a filha ao pai, e ao meu feu coração.
 Tão sujeitinha me era! e encontro-a uma altanada.
 As razões paternaes foram com ella nada.
 Ao meu bom Duque a trago; e ante elle lhe declaro
 que ou se ha-de receber co'o genro que me é caro,
 co'o meu Demetrio, e logo, ou a relaxo ás penas
 que ás más filhas impôz no foral velho Athenas.
 A lei diz que ella é minha; eu dou-lhe á escolha a forte:
 ou aceitar Demetrio, ou resolver-se á morte.

THESEU

Vamos lá gentil donzella;
 é preciso
 que Hermia pense com juizo.
 Filha ao pae não se rebella;
 pai e Deus aos olhos d'ella
 devem ter equal valor.

Da lindeza que em ti brilha
deves n'elle amar o auctor.
Sem o pai, que fôra a filha?
és a estatua; elle o escultor.
Quando a obra descontente
feu auctor,
não póde este em continente
immolal-a ao feu furor?
É Demetrio um guapo nobre.

HERMIA

E Lyfandro?

THESEU

Embora o feja;
em Demetrio é que descobre
teu pai genro qual defeja;
tanto basta. Se a balança
pende igual de parte a parte,
onde um pai feu pezo lança,
decidiu; é sujeitar-te.

HERMIA

Se meu pai viffe como eu
n'este confronto, oxalá!

THESEU

Mas não vê; ceda pois já,
sem mais, teu juizo ao feu.

HERMIA

Não fe offenda Vossa Alteza.
 Um poder que eu propria admiro,
 contra o qual não fei defeza,
 é quem dita o que eu profiro.
 Sim; é mais que atrevimento
 em donzella o pôr notorio
 em tão claro confistorio
 de feu peito o ardor violento.
 Mas pergunto: a que supplicio
 me exporão fe affoita eu ouso
 refistir ao sacrificio
 de me unir a odiado esposo?

THESEU

Ou fer morta, ou fer banida
 para sempre d'entre a gente.
 Ou perpetuo adeus á vida,
 ou viver perpetuamente
 n'um sepulchro submergida.
 Olha a tua mocidade!
 ouve o teu interior!
 de ti mesma tem piedade!
 pensa e escolhe.

Se a vontade
 de teu pai falseada fôr,

terás força ou coração
que resista á dôr sem termo
de gemer em solidão,
entrajada á laia do ermo,
infecunda entre infecundas,
a cantar de dia a dia
sob abobadas profundas,
quando em lagrimas te inundas,
gloria á Deusa austera e fria,
á selvatica Diana?
Virgens ha nos córos d'ella
de pureza sobre-humana,
que a tal forte chamam bella;
bem o fei; mas flor ditosa
é a rosa que se colhe.
A esquecida onde se esfolhe
entre espinhos, nem é rosa;
vive e morre estranha a amor;
só gosou da soledade.

HERMIA

Antes só murchar-me em flor,
do que em mão que não me agrade.

THESEU

Inda a hora não é vinda
da tremenda escolha tua.
Penfa, penfa, é tempo ainda.

Quando aponte a nova lua
que ha-de unir feu fado ao meu,

(indicando Hyppolita)

n'esse dia Hermia morreu
expiando co'a existencia
a filial defobediencia;
ou só foga á morte dura
a Demetrio recebendo,
ou correndo
ao refugio da claufura.
Penfa, e elege; é triple a forte:
fer esposa, ou dada á morte,
ou ás aras de Dianna
ir votar-te, sem piedade,
á tristeza mais tyranna,
e a perpetua virgindade.

DEMETRIO

Hermia, Hermia, ah! fê piedosa,
pois bondosa o céo te ha feito.
Tu, Lyfandro, n'este pleito
que direito
ao meu pódes contrapôr?

LYSANDRO

Se dá jus a um laço eterno,
ó Demetrio, o amor paterno,
vai, desposa o genitor.
Hermia bella a mim só ama;
 praz-te dama
que te opponha alheio amor?

EGEU

Sim, Lyfandro zombeteiro,
tenho affecto verdadeiro
a Demetrio; e em favor feu
livre cedo o que é só meu;
cedo-lhe Hermia porque é minha.
Quanto jus fobre ella eu tinha
todo a elle o transferi.

LYSANDRO (*a Thefeu*)

Meu fenhor, quanto a nobreza
(alto e claro o affoalho aqui)
não me excede o meu rival.
Quanto ao mais, fem altiveza
lhe direi que me não val.
Meu amor ao feu transcende;
se tem bens não n-os pretende,

a-la-fé aos meus oppôr.
 Mas por cima de tudo isto,
 não tem elle, e eu tenho, e infisto,
 de Hermia o firme, o santo amor.
 Porque logo deveria
 quem de tanto se gloria,
 com razão,
 renunciar a Hermia bella,
 se antes mesmo que a mão d'ella,
 já lhe tenho o coração?
 E Demetrio (aqui lh'o ouso
 exprobrar) recorde Helena,
 que elle amou, que elle condemna
 co'o seu genio mariposo
 ao mais barbaro penar!
 ella, a filha de Nedáro,
 virgem linda,
 que deixada ao defamparo,
 ao seu monstro ingrato e caro
 toda extremos guarda ainda
 em seu peito accefo altar.

THESEU

Já (confesso) o tinha ouvido;
 tinha até já resolvido
 com Demetrio conversar
 n'esse objecto melindroso;
 mas em vesperas de esposo
 tive mais em que pensar.

*

Tu, Demetrio, e tu, Egeu,
vinde fós comigo; temos
grave affumpto que tratemos,
vós, mais eu.

E tu, Hermia, é ver se dobras
effe genio, e se recobras
co'a obediencia um pai; fenão,
já te disse a alternativa;
noffas leis bem claras fão:
cadafalfo, ou folidão;
morte em flor, ou no ermo viva.

*(Reparando em que Hyppolita está com os olhos
marejados fitos em Hermia)*

Linda Hyppolita, que magoa
pôz teus olhos razos de agoa?
Vamos, vinde os dois tambem;
vós, Demetrio, e Egeu, convém
praticarmos fós por fós
coifa ás bodas concernente,
e outras mais, que a ambos vós
interessam grandemente.

EGEU

Senhor, vamos; tal dever
é prazer.

(Saem todos menos Lyfandro e Hermia.)

SCENA IV

LYSANDRO e HERMIA

LYSANDRO

Que tens, encanto amado?
 que pallidez!
 como o florir rozado
 fe te esfolhou na tez!

HERMIA

São rozas fem rocío;
 e mas porém,
 nos olhos trago bem
 com que as regar em fio.

LYSANDRO

D'entre milhões de amores
 que li e ouvi,
 nem um ifento a dores
 pude extremar 'té 'qui.
 N'uns a defegualdade
 de geração.....

HERMIA

Triste disparidade!
 a nobre co'o villão!

LYSANDRO

N'outros a incongruencia
de annos.

HERMIA

Que horror!
Cafada a florefcencia
co'o invernall rigor!

LYSANDRO

Aqui furor paterno
força o querer.

HERMIA

Que tormontofo inferno!
por olhos de outrem ver!

LYSANDRO

Embora a fympathia
poffa depois
vir por milagre um dia
a congraçar os dois;
uma doença, a guerra,
a morte emfim,

meuinho cibernico,
do Eden os deitara.
Ephemera ventura!
 sim que abateu!
sombra fugaz! doçura
que a alma entreteñhou!
relampago que ao fundo
 nocturno vão
subito arranca um mundo
de terra, mar, e cãu,
e antes que um filho de Eva
 proñra: *Óhni!*
já o enguliu a treva.
Tudo que apraz se eivai.

HERNIA

Se pois é lei do fado
 que sempre a dôr
caminhe negra ao lado
do verdadeiro amor,
vamos soffrendo a nossa
 como os demais.
Quem ha que amando possa
negar-se ao pranto e aos ais,
bem como aos devaneios,
 ao vão sonhar,
aos fervidos anceios,
ao longo suspirar?

São o cortejo infausto
d'esta paixão,
que fez sempre holocausto
do humano coração.

LYSANDRO

Affisado pensar! mas houve uma lembrança
que em bem me occorre agora, e me enche de esperança:
a fete legoas fó da nossa Athenas, fóra
portanto já do alcance a leis funestas, móra
uma viuva rica e sem filhos, matrona
cujo amor, pois me é tia e me quer muito, abona
a ti e a mim, por mim mais filho que fobrinho,
um refugio seguro, e ao nosso enlace um ninho.
Se pois o teu amor é qual o julgo, fai
na calada da noite, amanhã mesmo, e vai
fugida ao patrio lar, que te agoirava morte,
sob um céo protector, achar o teu conforto,
no bosque legoa fó distante da cidade,
lá onde te encontrei na gran festividade
do primeiro de maio. Alembra-te? a primeira
vez que nos vimos; não? a tua companheira
por signal que era Helena.

HERMIA

Oh! fim! prometto; juro,
gentil Lyfandro meu, pelo arco mais seguro

que amor póde brandir, pela auri-plumea frecha
 melhor do feu carcaz, pelo candor sem pecha
 das pombas de Cyprina, e pelos nós que prendem
 e aditam corações que em mutuo amor se accendem,
 pelo fogo em que ardera a miserrima Dido
 quando viu dar á vella o teucro fementido,
 pelo sem conto emfim de perfidas promeſſas,
 em que teu ſexo ao meu bem póde pedir meſſas,
 amanhã lá ferei no prazo dado.

LYSANDRO

Amor,
 não faltes.
 Olha Helena! é ella.

SCENA V

LYSANDRO, HERMIA, HELENA

HERMIA

Que favor
 dos céos, formoſa amiga! a que és vinda?

HELENA

Eu, formoſa!
 deſdize-te; eſſa gloria é Hermia quem a goſa.

Deu-te o amor de Demetrio o fôro da lindeza;
feliz quem é formosa! A alma no amor acceza
tem por norte em feu rumo a luz dos olhos d'ella;
a voz enamorada encantos lhe revela,
como ao pastor o ouvir da cotovia a esparfa,
quando verdeja o trigo e entra a abrolhar a farça.
Ah! pegar-se a doença, e não a formosura!
a tua, minha amiga, é que era uma ventura
fe eu a tomasse, e já! D'esses olhos queria
o esplendor; d'essa falla a maga melodia.
Se o mundo fosse meu, dava-o todo, á excepção
de Demetrio tão só, pela transformação
de mim em ti, de Helena em Hermia. Ah! por piedade
que me enfines como é que a altiva liberdade
de Demetrio rendeste.

HERMIA

Ignoro; eu, sempre enfados
com elle; elle comigo eternamente agradados.

HELENA

Tem os enfados teus com elle mais encanto,
que todo o meu forrir-lhe.

HERMIA

Eu o maldigo em quanto
elle por mim se fina.

HELENA

Ai! fossem persuasivas
mais que essas maldições as minhas rogativas!

HERMIA

Quanto o abomino mais, mais elle me persegue.

HELENA

Repulsa o meu amor, e o meu amor o fegue.

HERMIA

Se é louco, é minha culpa?

HELENA

E eu culpo-te? Só digo
que as graças, de que o céu foi prodigo contigo,
fão a minha desgraça, e foram-me ventura
se as eu possuisse em mim.

HERMIA

Pódes ficar segura
de que não torna a ver-me. O meu Lyfandro e eu, cedo
vamos fugir d'aqui, d'Athenas, d'este ledo

Elyfio meu, que o foi por certo até á hora
em que avistei Lyfandro, e é meu inferno agora.
Tomára comprehender como é que amor opéra
metamorphoses taes!

LYSANDRO (*para Helena*)

A explicação sincera
d'este enigma, eil-a aqui: quando o rosto argentino
Phebe ámanhã mirar no espelho neptunino,
e as relvas aspergir de liquidos diamantes,
prazo sempre propicio ás evasões de amantes,
fugimos, Hermia e eu.

HERMIA (*para Helena*)

Lembra-te aquella felva
onde ambas tanta vez sós na florida relva,
reclinadas a par (ditosas innocencias!)
trocavamos sem medo as nossas confidencias?
pois lá é que ha-de fer o nosso encontro; damos
a espalda sem faudade a Athenas, e voamos
para remoto sitio e mais benigna gente.
Socia minha fiel nos brincos de innocente,
miserá Helena, adeus! ora por nós; e possa
dar-te algum dia o céo ventura equal á nossa,
unindo-te a Demetrio.

(Para Lyfandro)

Alembra-te do ajuste,
não faltes, Lyfandro. Embora, embora custe,
us; não ha remedio; é força que se privem
olhos do manjar de que os amantes vivem,
que amanhã chegue a fausta noite.

LYSANDRO

Crê
não hei-de faltar, minha Hermia.

(Sai Hermia.)

SCENA VI

LYSANDRO e HELENA

LYSANDRO

O céo te dê
em Demetrio extremos taes, que aos teus
m devendo. Adeus Helena! adeus!

(Sai.)

SCENA VII

HELENA, só

Umam nascem com prosperas fadas,
nascem outras nas horas mingradas.
Toda a gente a dizer: *Hermia é bella,*
mas Helena não n-o é menos que ella.
Que aproveita o que diz toda a gente,
se Demetrio no voto diffente?
Não quer ver o que os mais estão vendo,
e elle não.
Tens mysterios que eu não comprehendo,
coração!
Elle, escravo de barbara esquiva;
eu, de um barbaro ingrato captiva!
Ai amor! como as coisas transtornas!
que de objectos aliás sem valia
de encantos adornas!
em vez de olhos só tens phantasia.
Não de balde pintaram Cupido
deus vendado;
anda á toa co' o tino perdido.
Cego e alado
quer dizer que a despenhos se atira
sem cuidar.
Creancinha, não sabe extremar
bem, de mal; da verdade, a mentira.

Por folgar, muchachitos maganos
 sóem armar entre fi mil enganos;
 é teor
 que tambem a brincar ufa amor.

Emquanto Demetrio notado não tinha
 os olhos da Hermia, ninguem lhe continha
 a abrupta faraiva de juras a mim.
 Mal Hermia lhe raia, põe subito fim
 a tantos granizos, derrete-os, mudados
 na chuva que chovem meus olhos cançados.

Pois vou revelar-lhe que a sua beldade
 na proxima noite nos foga. Oh! se elle ha-de
 ao bosque seguil-a! Se m'o elle agradece
 bem paga me fico; depois, se acontece
 que fós regressemos os dois para Athenas,
 que premio! e que allivio não tem minhas penas!

QUADRO II

Na mesma cidade de Athenas. Cafés de malta de varios officiaes mechanicos.

SCENA VIII

MARMELO (carpinteiro). MESTRE RABOTE, (marceneiro).
MESTRE CANELLAS (tecelão). GAITINHAS (folheiro).
TROMBAS (caldeireiro). ESFOMEADO (alfaiate).

MARMELO

Falta ainda alguém da gente da comedia?

CANELLAS

Faça a chamada e logo o faça.

MARMELO

Temos

no rol quantos artifices de Athenas
pareceu que melhor dariam conta
do auto famoso destinado ás bodas
do Duque e da Duqueza. O caso é ferio.
Vai-se representar ás barbas d'elles,
e no proprio palacio.

CANELLAS

Antes de tudo,
mestre Pedro Marmelo, é bom sabermos
o affumpo do auto; os nomes dos actores
ler-se-hão depois; sem regra não fai obra.

MARMELO

Fallou bem. Pois o titulo do auto
é: «A MAIS QUE INFELIZ TRAGI-COMEDIA
«EM QUE SE AMOSTRA A DESASTRADA MORTE
«DOS AMANTES LEAES PYRAMO E THISBE.»

CANELLAS

Sim fenhor; obra prima em realidade!
Vá lá, Pedro Marmelo, agora chame
os focios pelo rol; regrinha em tudo.
Rapazes, alinhar.

(Enfileiram-se)

MARMELO

Cada um responde
fó quando fôr chamado.

(Deletreando na lista)

Mestre.... Nico....

Nicolau, por alcunha *o das canellas*,
tecelão.

CANELLAS

Que papel? declare-o, e figa.

MARMELO

Fazes Pyramo.

CANELLAS

O Pyramo é tyranno,
ou galã?

MARMELO

É galã, galã tão fino,
que por amor se mata.

CANELLAS

Então já vejo
que para a coisa fe fazer com regra,
hei-de chorar. Verão como fe alagam
em bâtegas de pranto os meus ouvintes.
Ha-de fer dôr debaixo de preceito.
Siga aos mais. O meu fórte era tyranno;
dêssem-me um papel de Hercules, veriam
fe os montes de me ouvir fe não rachavam.

(Declamando enthuſtaſticamente) -

As rochas ſe abalam
em furia aos facões!
os gonzos eſtalam
das negras priſões!
de Phebo a carroça
remette co'os fados,
que eſtavam em paz,
e por adoidados
mettendo-os em troça,
os faz e desfaz.

Que ſublime!!...

Adiante as mais peſſoas.

Aſſim é que ſe expreſſa um bom tyranno,
como Hercules; galãs fãõ mais mavioſos.

MARMELO *(chamando pela liſta)*

Gaspar Gaitinhas, o folleiro.

GAITINHAS

Prompto,
meſtre Marmelo.

MARMELO

O teu papel é Thisbe.

*

GAITINHAS

Que é Thisbe? algum andante cavalleiro?

MARMELO

Qual! a amada de Pyramo.

GAITINHAS

Senhora?

eu! co'a barba a pungir já n'estes queixos!

MARMELO

Adeus! vai de caraça; e emquanto á falla,
pódel-a adelgaçar quanto quizeres.

CANELLAS

Eu, se ha licença de esconder a cara,
posso tambem fer Thisbe. Em voz prometto
que fovelão nenhum me leve as lampas;
quando não, oiçam.

(Fazendo falla de mulher)

«Thisne! Thisne!»

(Fallando no seu tom natural)

Esperem
que me enganei.

(Tornando a fazer falla de mulher)

« Ah! Pyramo querido!
tua Thisbe querida, a tua dama
querida.....»

MARMELO

Nada, nada. A tua parte
é Pyramo; a de Thisbe é do Gaitinhas.

CANELLAS

Vá lá, profiga.

MARMELO *(chamando pela lista)*

Mestre Esfomeado,
alfaiate.

ESFOMEADO

Presente, e ás suas ordens,
ôr Marmelo.

MARMELO

Alfaiate o Esfomeado:
o alfaiate fará de mãe da Thisbe.

(Chamando pela lista)

Thomaz Trombas, o mestre caldeireiro.

TROMBAS

Cá estou, Pedro Marmelo.

MARMELO

É o pai de Pyramo,
e eu o da Thisbe. Tu.....

(Chamando pela lista)

Mestre Rabote,
marceneiro, o lião. Temos o auto
distribuido a primor; não lhes parece?

RABOTE

Se ahí tem a parte do lião escripta,
venha lá, que eu fou rombo da *mimoria*.

MARMELO

Deixe-o fer; improvise; o caso todo
é rugir.

CANELLAS

O lião também o eu quero;
verão que bruto! rugirei por modo,
que regale o auditorio. Até Sua Alteza
me ha-de gritar «bis! bis!»

MARMELO

Se amedrontaffes
bem de mais, aterravas a Duqueza
e as damas; era tudo em alaridos;
e nós, acto contínuo, á dependura.

TODOS

Que de cachos! arreda!

CANELLAS

Iffo é verdade,
rapazes; fe endoidaffemos de medo
as damas, sempre lá lhes ficaria
com luz quanto bastasse de bestunto
para nos pôr na fôrca; mas descancem,

que eu hei-de pôr na voz abafadores,
por modo que o rugir mais sôe a arrulho
de pomba namorada; hei-de rugir-lhes,
que nem um *raxinol*.

MARMELO

Adeus; já diffe:
o teu papel é o Pyramo, e mais nada.
O Pyramo, vês tu? é um rapazote
de aspecto prazenteiro, um Rodriguinho
todo alfenado, á laia de uns que vemos
nos paffeios do estio espanejar-fe;
mui fenhor, muito amavel; está dito:
has-de fazer o Pyramo.

CANELLAS

Pois feja.
Que barba devo eu pôr que mais condiga
co' o tal figuro?

MARMELO

Eu fei! a que quizeres!

CANELLAS

Tenho uma côr de palha, tenho a outra
côr de laranja, tenho uma escarlate,

e tambem tenho a outra, affim tirante a grenha de francez, toda amarella.

MARMELO

De francez, fe o francez não fôr pellado.
 Farás o teu papel escanhoodinho,
 que é melhor; mãos á obra, meus fenhores.
 Aqui tem cada um a fua parte.
 O que eu peço, encommendo, e recommendo,
 é que as vão aprender a toda a preffa,
 que ámanhã á tardinha enfaia-fe isto
 na matta convifinha do palacio,
 d'aqui menos de legoa, ao luar; fe foffe
 cá na cidade o enfaio, Deus nos livre!
 eram logo olheirinhos a esfpreitar-nos,
 rompia-fe o segredo, e a brincadeira
 prevista já, fahia-nos aguada.
 Agora vou fazer o apontamento
 de tudo que é mifter para effectuarmos
 a representação; ninguem me falte,
 por quem fãõ!

CANELLAS

Lá feremos. Boa idéa
 teve o mestre Marmelo. Affim o enfaio,

fem medo de mirões, corre mais livre;
fempre ha mais defaffogo. Andar. As partes
bem sabidinhas. Fóra já!

MARMELO

Sentido.
No Carvalho do Duque é o prazo dado.

CANELLAS

Bom. Dê por onde dér não faltaremos.

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II

QUADRO III

Logar selvatico ás abas de Athenas.
Noite de lua.

SCENA I

Entra de um lado uma FADA, e do outro um TRASGO, que está continuamente em movimentos de brincalhão.

TRASGO

Por onde é o ir, espírita?

FADA

Por valles, por oiteiros,
por feves de espinheiros,
mattas e matagaes.
Traſpaffo o fogo, as aguas;
tudo me dá paſſagem,
fuaviffima viagem
como as da lua, e mais.

Sirvo a Rainha; os circulos
que ella abre nos relvados,
fendo por mim regados,
criam-lhe a noffa flôr:
as prímulas. Das prímulas
as mais cimeiras, ella
fuas as chama, as zela
com maternal amor.
Ver-lhe a roupagem aurea
de pintas falpicada!
são os rubis da fada,
e alma fragrancia dão.
Mandou-me agora ás perolas
do orvalho, e as mais fulgentes,
pendel-as por pingentes,
ao côro feu loução.
E adeus tu lá, dos genios
o brincalhão mais louco!
Titania dentro em pouco
ferá n'este logar.
As fadas do feu sequito
hemos de acompanhal-a.
Adeus, jogral, abala;
não posso mais tardar.

TRASGO

Aqui esta noite fazemos nós festa
co'o noffo Monarcha. Vai, vai, boa fada,
livrar a Rainha de que entre á floresta,

nem seja por elle de longe aventada,
 que El-Rei Oberon,
 com todos seus genios, tão dado, e tão bom,
 contra ella arde em furia por causa do infante
 que a um Rei lá das Indias furtára e incessante
 conduz a seu lado. Jámais houve pagem
 que a este em lindeza levasse vantagem.
 O esposo tem zelos, por isso queria
 tal pagem tirar-lhe que aos seus juntaria,
 e sempre o traria comfigo correndo
 por ferras e bosques. Titania acha horrendo
 o antojo do esposo;
 tem prezo e não larga seu pagem formoso;
 corôa-o de flores, não vê, nem quer ver
 no mundo outra gloria nem outro prazer.
 Ahi tens porque nunca se encontram em matta,
 em prado, em nascente de liquida prata,
 debaixo do manto celeste broslado,
 sem mutuas querellas, sem rispido enfado;
 a ponto que os fylphos, de medo trementes,
 se allapam na concha das landes pendentes.

FADA

Tu és por força o espirito
 perpetuo galhofeiro,
 malicioso, trefego,
 amavel trapaceiro,
 que tem por nome e titulo
 Robim o brincalhão,
 pois não?

Não és? não és o genio
que affusta as aldeanitas,
peças de todo o genero
faz para as ver afflictas,
e na cozinha rustica
põe tudo de travez?

não és?

defnata o leite, em liquido
deixa a manteiga, impede
que dê farinha a machina,
e que o fermento azede,
e estafa a errar por gandaras
do viandante os pés?

não és?

e quanto mais descommodos
causou, mais ri; mas ama
a quem, «lindinho magico»
e «bom duendinho» o chama;
a effes taes ajuda-os,
colma-os de bens sem fim;
és? fim?

TRASGO

Sim o tal fou que leva á tuna
a noite em peças; por fortuna
configo ás vezes diftrahir
El-Rei meu amo, e faço-o rir.
Vejo um cavallo focgado,
de boa fava arraçoado,

dou-lhe de longe o meu relincho
 de egoa amorosa; é logo um pincho,
 e orelha fita. Encontro a Brazia,
 comadre féria, ancha, e durazia,
 que está co' o olho na bebida,
 faço-me, zás! maçã cozida
 dentro na malga occultamente;
 põe-se a beber; vou de repente,
 filo-lhe o beíço. A velha fula
 pulá; a cerveja com ella pula;
 verte-se e toda se defata
 pelas beiçolas e barbella
 rugosa, flaccida, amarella,
 d'ella; não ha, não ha cascata
 de tanta graça como aquella!
 Auféra avó para contar
 um caso atroz de arripiar,
 quer-se affentar na tripecinha
 que ao lado enxerga, e em que eu me tinha
 mudado adrede; eu fujo, e truz!
 sentou-se no ar, cai de chapuz!
 fica no chão amezendada;
 falta-lhe a toffe; quer furgir,
 a toffe cresce; está damnada;
 e tudo doido! a rir! a rir!

(Para a Fada, e em voz mais baixa)

Chega Oberon; fume-te, Fada.

FADA

E lá vem a minha
fenhora Rainha
tambem.
Ai! se fe encontrassem
e os odios findassem
em bem!

SCENA VII

FADA, o TRASGO, OBERON que vem com seus GENIOS do
mesmo lado d'onde saíra o TRASGO, e TITANIA que vem
com as suas FADAS do lado opposto.

OBERON

Máo encontro ao luar, féra Titania!

TITANIA (*á parte*)

Olá!

o zeloso Oberon!!

(Para as Fadas)

Fadas, partir, e já.
Reneguei o feu leito e a sua convivencia.

OBERON (*Para Titania*)

Pára, louca fem pejo; exijo obediencia;
marido fou.

TITANIA

Então trate-me como esposa.

(*Sorrindo ironica*)

Supporá que não fei que me falseia? que oufa
muita vez desertar da região das Fadas
feito em pastor Corino, e á fombra das ramadas
passar dias fentado, a modular na avena
versos de amor, a par com Filis toda amena?
E porque ora vens cá desde a escarpada zona
confins da India? á fé que é só porque a amazona
velhos amores teus, a fanfarrona heroína,
que fez, calçada á macha, as guerras, determina
cafar-se com Theseu. As tuas preffas todas
foram (bem claro está) para auspiciar-lhe as bodas.

OBERON

Ó Titania! pois tu atréves-te a accusar-me
de deslealdade! a mim! atréves-te a exprobrar-me
Hyppolita? eu não fei que amavas a Theseu?
a Perigene, áquella a que elle pertenceu,

e a quem raptado havia, emfim, não n-o raptaste n'uma lumiosa noite? a fé não lhe quebrafte que elle tinha jurado á linda Egle? áquella gentil Ariadne? e á outra, a Antiope tão bella?

TITANIA

Mentiras do ciume! Inda desde o solsticio nem uma vez, que é uma, a nocturno comicio concorremos em alto, em baixa, em valle, em prado, em bosque, ao pé de arroio em juncos enredado, ou de fonte a manar por leito de feixinhos, ou em praia ao troar dos escarceos marinhos, para entrançar em paz nossas dançantes rondas, ao ficiar do vento, e ao frémito das ondas, nunca, nunca jámais, que as tuas gritarias não viessem dar mate ás nossas alegrias. Por isso ha tanto tempo os ventos desvezados de nos flautear festins, se vingam bem vingados, trazendo-nos do mar funestos nevoeiros: incham-se na campanha arroios a ribeiros; ribeiros a raudaes, que as margens arrazando vão affogar as chãs. Andou-se o boi cançando em vão; fuou de balde o lavrador; e a messe antes de engradecer nas leiras apodrece; inundam-se redís; perecem greis; o armento morto no campo, abunda aos corvos mantimento; dos jogos o terreiro é lodo; o labyrintho das fendas no relvado, um cahos; indistincto aos miseros mortaes o inverno, deffagrado do feu cantar devoto e villancíco amado.

Tambem por isso a lua, essa arbitra dos mares, pallida de rancor, humedecendo os ares, doenças mil produz. Co'a aerea intemperança não ha já de estações aspecto nem mudança: vai no feio poifar da rosa purpurina a branca, a arripiada, a crespa carambina, em quanto, por escarneo ás quadras mais louças, co'um festão de botões das barbas orna as cãs e a calva luzidia o velho inverno. O que era d'antes estio, outomno, inverno, e primavera, é tudo um mixto agora, horrenda mascarada das quadras, co'a libré toda entre si trocada. De que provém tudo isto? Ah! sabe-o, se o não pensas: das nossas diffenções, das nossas defavenças; a culpa é toda nossa.

OBERON

Então põe-lhe limite.
Será bem que Titania o seu esposo irrite?
Que lhe pede Oberon? pede-lhe unicamente
um reles pagemzito.

TITANIA

Ouve-me á boa mente;
escusas de teimar; não posso; preferia
das Fadas abdicar a etherea monarchia
a perder tal menino. A sua mãe tão dada
foi sempre ao culto e amor d'esta familia Fada,

*

que muita vez eu e ella andámos muito manas
passeandito a par n'aquellas indianas
tépidas virações das noites rescendentes.
Nos loiros areaes sentando-nos contentes
á beirinha do mar, viamos voadores
ir e vir os baixéis dos grossos mercadores;
e davamos a rir, notando em cada vella
a bojuda prenhez, obra do vento n'ella.
Era de ver então a minha extravagante
dar comfigo no pégo, alçar o ventre arfante
onde amadurecia o meu futuro pagem,
arremedando o panno inchado pela aragem,
e voltar para terra ufana co'os miminhos
que do mar me trazia em cambio aos meus carinhos.
Ai barqueta gentil d'este amoroso trato!
perdi-te; eras mortal; finaste-te no acto
de m'ó doar á luz. Por ti lhe quero tanto,
que o não largo de mim; certo o não largo.

OBERON

has-de aqui demorar-te?

Quanto

TITANIA

Até serem passadas
as bodas de Thefeu talvez. Queres co'as fadas

dançar em fanta paz ao resplendor da lua?
fegue-nos; quando não, vai-te; a preferência tua,
fe a minha te despraz, também me importa pouco.

OBERON

Entrega-me o menino, e figo-te.

TITANIA

Eftás louco?
nem por todo o teu reino. Andemo-nos, vaffallas,
antes que maior furia affanhe as noffas fallas.

(Sai com as fuas fadas por onde eram vindas.)

SCENA III

FADA, o TRASGO, OBERON com os feus GENIOS

OBERON *(voltando-se para o lado por onde fuiu
a Rainha)*

Vai, que m'ó has-de pagar; oh! fe has-de! e já da matta
me não fais fem castigo, indocil, doida, ingrata.
Vem cá, Trafguinho meu. Lembra-te certo dia,
que eftando-me eu fentado em bronca penedia

é beira mar, paixão cantando: uma bexiga
 montada n'um jardim de tal jardim cheia
 era a voz que arrastava e pegava e moveu entrelinhas,
 que pede ouvir melhor tres milhas marinhas,
 se apanha do Empyreo ao campo unido.

TRASSO

Vi;

lembrá-me.

OBERON

O que porém não viste porque a ti
 te era defezo e eu sim, foi o Amor todo armado
 voar por entre a terra e a fria lua, irado
 contra linda veital n'um throno do occidente,
 fazer-lhe pontaria, e do arco omnipotente
 vibrar-lhe tal farpão com tanta valentia,
 que a cem mil corações a eito chofraria.
 Baldo tiro; o virote acceio em fogo amante
 apagou-se (vi-o eu) no atravessar volante
 a casta radiação da lua regelada,
 profeguindo portanto a augusta coroada
 isenta de paixões os virginaes recreios
 de seus habituaes e puros devaneios.
 Outrosim reparei onde havia caído
 o errado passador do aligero Cupido;
 foi n'uma occidental florinha, antes de neve,
 hoje rubra; rubor que á chaga amante deve.
 Chamam-n'a *amor perfeito* as raparigas; planta
 que um dia te mostrei; tem um condão que espanta

o fumo d'essa flor (vai-m'a buscar): lançado nos olhos de quem jaza em somno sepultado, quer homem quer mulher, faz com que um louco affecto lhe abraze o coração pelo primeiro objecto que em despertando aviste. Aqui já de improviso essa flor; não te dou mais tempo que o preciso para um nado de legua ao Leviathan.

TRASGO

Ligeiro

até aqui. Para mim, rodear o globo inteiro era obra não mais de quarenta minutos.

(Sai.)

SCENA IV

OBERON, só

Agora é que vai ver da sua teima os fructos a minha cara esposa. Assim que me chegar o desejado fumo, hei-de ir mui devagar ver se dorme bem fundo; apenas tal a colho, é logo uma gottinha infusa em cada olho. Quando acorde e os abrir, ao primeiro vivente que se lhe deparar concebe amor ardente; seja embora leão, urso, toiro bravo, orangotango, lobo, ou descortez bugio,

feguil-o-ha namorada. Ora enquanto Titania delirar (pois fô eu posso curar-lhe a infania co'o succo d'outra herva) eu a farei largar-me o feu apajador. Vem gente; posso estar-me onde estou, e escutar. Gran privilegio é isto: poder ouvir e ver sem de ninguem ser visto.

SCENA V

OBERON, DEMETRIO, e HELENA

DEMETRIO

Não te amo; deixa-me. Onde, onde
Lyfandro e Hermia estarão?
se acho o logar que os esconde,
matei-o por minha mão,
como ella tambem me mata.
Dizes-me que ambos cá vem;
chego, corro toda a matta;
que defespero! ninguem!
Deixar-te-has de perseguir-me?

HELENA

Cabe ao imarr que me atrai
de eu me ir traz elle arguir-me?
culpa alheia em mim recai?

DÉMETRIO

Mostrei-te eu nunca ternura?
 e nem sequer polidez?
 co'a mais austera secura
 não te hei dito tanta vez:
 «Não te amo? não posso amar-te?
 «não quero amar-te, nem fei?»

HELENA

És como eu no idolatrar-te;
 cumpro um fado; um fado é lei.
 Sou o teu fiel cãozinho;
 quanto mais rispido lhe és,
 mais dobras n'elle o carinho,
 mais elle te roja aos pés.
 Como o teu pobre fabujo,
 deixar-me-hei por ti tratar;
 ralha, espanca-me, não fujo;
 queres-me até desgraçar?
 não me queixo; mas permite
 que eu te possa inda seguir;
 é favor tão sem limite,
 que mal ouso a t'ó pedir.
 Com tanto amor só requiero
 (olha que humilde ambição!)
 a dita de fraldiqueiro,
 a forte de um triste cão.

DEMETRIO

Ver-te é fentir meu desgosto
eivar-fe ao galarim.

HELENA

Quanto mais vejo teu rosto,
mais o amor se ateia em mim.

DEMETRIO

Admiro a temeridade,
que, furda á voz do pudor,
te fez saír da cidade
com quem te não cata amor!
Donzella ha 'hi que se affoite
a arrostar, flor virginal,
tentações! florestas! noite!
a noite a tantas fatal!...

HELENA

Para mim é sempre dia
quando o meu sol vendo estou.
Elle e um ermo, que alegria!
todo o mundo em cambio dou.

DEMETRIO

Fujo; fica-te sófinha;
vou-me fumir nos farçaes;
guar'te da furia damninha
dos nocturnos animaes.

HELENA

Onde ha coração nas féras,
que em fereza iguale ao teu?
mas enganas-te se esperas
na fuga correr mais que eu.
Trocás a historia fabida:
de Daphne Apollo a fugir,
e Daphne de amor perdida
feu Apollo a perseguir.
Pomba dar caça a milhano,
e corça a tigre que val,
se entre victima e tyranno
toda a luta é desigual?

DEMETRIO

Basta, basta de loucura;
já tens delirado affaz;
deixa-me, ou n'esta espeffura
ultrajada emfim ferás.

HELENA

Templos, campo, nem cidade
tem-me livrado até 'qui
de ultrages teus? crueldade
como a tua inda a não vi,
meu Demetrio; os teus rigores,
tua esquivança feroz,
fão mais que deshonoradores
de Helena, de todas nós,
que já fomos destinadas
do céu e em todo o logar,
para fermos requestadas
e não para requestar.
Mas ávante! é meu destino;
d'este inferno um céu farei,
se fôr o meu affassino
aquelle a quem fó amei.

(Sai Demetrio, e Helena apoz elle.)

SCENA VI

OBERON, só

Antes que tranfponhais a orla da espeffura,
verás, moça infeliz, como elle te procura
e chora os teus defdens.

SCENA VII

OBERON e o TRASGO

OBERON

Trazes a flor? bemvindo,
meu vadio.

TRASGO

Eil-a aqui.

OBERON

Venha meu Trafgo lindo.

(Recebe as flores da mão do Trafgo)

E outra incumbencia: ha hi um tomilhal povoado de primulas reaes, que tem no feu estrado por donzellas de honor violetas em cardumes. Entretecem-lhes sombra e mesclam-lhes perfumes rofeiras de côr vária, e madrefilva; é lá o quarto da Rainha. Assim como lhe dá, em perfixas fazões da noite, a irresistivel precifão de dormir, a camara aprazivel onde se acofta é effa; embala-fe nas flores, e adormenta-fe ao fom de bailes cantadores,

'té que adormece em cheio envolta na camiza
 que uma serpe despiu, fina, mosqueada, e liza.
 É tempo; vou-me encher-lhe os olhos descuidosos
 d'este succo, possante a inçar-lhe de horrorosos
 phantafmas vãos a ideia. E tu, leva igualmente
 d'estas flores;

(dá-lh'as)

no bosque has-de encontrar dormente
 um moço atheniense; e perto uma beldade
 que o adora, e só n'elle encontra crueldade;
 põe nos olhos do ingrato o gran feitiço, e vela
 em que, mal que os descerre, a encontre logo a ella.
 Repara no signal: trajado á atheniense.
 Vai-te, e arranja isso bem; que elle em mais nada pense,
 do que n'ella; e por ella em fragoa tal se veja,
 e inda maior que a fragoa em que ora a triste arqueja.
 E antes que o gallo cante, aqui de novo.

TRASGO

Prestes
 cumprirá voffo escravo as ordens que lhe déstes.

QUADRO IV

Outro sitio do bosque onde chamam o «Carvalho do Duque». A um lado o torrão amenissimo, espeffura de tomilhos, primaveras e violetas, sombreada de roseiras multicores, e madre-filvas, tal como Oberon o descreveu ao Traço, na ultima scena do precedente Quadro. Por diversas partes á toa alguns relvados e hervançaes incultos.

SCENA VIII

TITANIA e a sua comitiva de FADAS

TITANIA

Vá um balho de roda e descante de fadas!
 cada uma irá depois ao que tem de fazer
 n'um terço de minuto: ha hi rozas fechadas
 por catar; é preciso ir tambem combater
 co'os morcegos, que trago os meus pobres filphitos
 quasi nós, e hei mister de lhes dar casaquitos
 de aza morcega; e cumpre a de mais desterrar
 o mocho gritador que nos leva a piar
 por ahi toda a noite. Ha-de ser pelo medo
 que os meus genios fubtís lhe farão no arvored.

Cantae e adormecei-me. Em me vendo dormida,
cada uma ao lavor de que se acha incumbida.

*(Reclina-se na moita florida; as Fadas dançam
de roda.)*

I.^a FADA *(cantando)*

Vós, malhadas bilingues ferpentes,
vós, ouriços das cerdas pungentes,
i-vos! i-vos! fumi-vos! fumi-vos!
Bichos cegos, lagartos nocivos,
para longe, que a noffa Rainha
quer dormir defcançada; eia! afinha!
fóra todos! deixai-a dormir.

CÔRO DAS FADAS

Filomena cantadeira
fem parceira no cantar,
Filomena da alegria,
 principia
principia a gorgear.

(Começa a cantar o rouxinol)

A Rainha é já na cama.
Vá, derrama, Filomena,
a toada mais amena
com que foes adormentar.

Ru ru, a rolar!
 a rolar ru ru!
 no bercinho tu
 ru ru
 e nós a embalar!

Maleficios, máos pezares,
 máos azares, má venida,
 não entredes á guarida
 da dormida,
 que precifa defcançar.
 Boa noite! boa noite!
 boa noite que te coite!
 boa noite! boa noite!

Cá vamos lidar;
 repoífa ora tu.
 A rolar ru ru!
 ru ru a rolar!

2.^a FADA

Ide, aranhas, fiar para os tectos!
 vós fumi-vos, pernudos infectos!
 caracoes, fcaravelhos, bichinhos,
 fe cá vinheis, trocae os caminhos!
 Longe, longe, relé fevandija!
 aqui nada que empeça ou que afflija
 a Rainha que jaz a dormir.

CÔRO DAS FADAS

Filomena cantadeira,
fem parceira no cantar,
Filomena da alegria,
aporfia
aporfia a gorgear.
A Rainha é já na cama.
Vá, derrama, Filomena,
a toada mais amena
com que foes adormentar.

Ru ru, a rolar!
a rolar ru ru!
no bercinho tu
ru ru
e nós a embalar.

Maleficios, mãos pezares,
mãos azares, má venida,
não entredes á guarida
da dormida
que precisa defcançar.
Boa noite! boa noite!
boa noite que te coite!
boa noite! boa noite!

cá vamos lidar;
 repoifa ora tu.
 A rolar ru ru!
 ru ru a rolar!

I.^a FADA

Jaz tudo quedo emfim. Não ha já novidade
 que possa molestar a Sua Magestade.
 Cada uma de nós agora á sua lida;
 que fique uma porém nos ares suspendida
 a fazer fentinella á Rainha dormida.

(Saem todas. Titania pegou no somno.)

SCENA IX

TITANIA adormecida e OBERON

OBERON *(expremendo os amores perfeitos nos olhos
 de Titania)*

O primeiro mortal que desperta aqui vires,
 tal paixão gere em ti, que traz elle delires,
 embora feja um tigre, ou um gato, ou leopardo,
 ou urfo mal lambido, ou cerdofo javardo.
 Em chegando ente vil, abre os olhos; é vindo
 o instante de acordar. O conjuro está findo.

(Sai.)

*

SCENA X

TITANIA ainda adormecida, LYSANDRO e HERMIA
que chegam

LYSANDRO

Tem paciencia, amada minha;
perdidos no bosque andamos;
faída, em vão a buscamos;
e tu já vens cançadinha.
Melhor é n'este logar
esperarmos que amanheça,
se te apraz.

HERMIA (*reclinando-se na relva*)

Bello! a cabeça
já eu fei onde a acostar;
aqui n'esta foufa relva.
E tu, Lyfandro, vê lá
onde has-de dormir. Não ha
falta de colxões na selva.

LYSANDRO (*abeirando-se do mesmo relvado*)

N'esse mesmo cabeçal
caibo eu tambem; par que se ama
não são mais que um; e uma cama
é o throno conjugal.

HERMIA

Iffo é que não, meu querido;
o meu bom Lyfandro faz
mais longinho em fanta paz
o feu camarim florido.
Peço-lh'o eu.

LYSANDRO

Que má tenção
podia eu ter, minha vida?
teu coração não duvida
do que diz meu coração.
Amor a amor não illude;
não tens como eu esta fé?
no dormir comigo ao pé
que arrisca a tua virtude?
Não te jurei que sou teu?
não me juraste que és minha?

HERMIA

Sim, mas a jura não tinha
tanto alcance, entendi eu.
Não me arreceo de nada;
se me eu temesse de ti,
o fizo que reina aqui
procurasse outra morada.

Mas ouve, meu doce amor,
não me fiques tão vizinho;
se t'ó não diz teu carinho,
que t'ó diga o meu pudor.
O mundo tudo envenena;
entre o amor de um leal
e um recato virginal
haver barreiras ordena.
Portanto vai defcançar
mais longinho; fim? e agora,
boa noite até á aurora;
boa noite, e bom fonhar.
Ao céo praza que a violencia
com que te abrazas por mim,
se mantenha até ao fim
d'effa preciosa existencia.

LYSANDRO

Amêm, digo eu cá tambem;
Amêm, a oração tão doce!
quando eu infiel te fosse,
faltasse-me a vida. Amêm.
Já cá topei a jazida.
Boa noite; adeus! adeus!
fecha os lindos olhos teus;
dorme em paz, Hermia querida.

HERMIA

Outra tanta alegre paz
te infundam o foinho e os foinhos,
que fô momentos risonhos
dormindo desfrutarás.

(Adormecem.)

SCENA XI

ITANIA adormecida, HERMIA e LYSANDRO
adormecidos, e o TRASGO

TRASGO

mais corro o bosque, espreiro, e me confumo;
fco atheniense a quem se impinja o fummo
z que gera amor. Só vejo escuridade,
ito silencio. Olé! ferá verdade?
o a modo ali alguém deitado. É certo;
em; de atheniense é o feu trajo. Perto,
nido e frio chão, dorme profundamente
da que o ama, e a quem o alvar descrente
com rigor, segundo affirma El-Rei.
-n'a. Que fantinha! e donzella de lei:

antes quiz dormir fô no lodo, que chegada
a um bruto descortez, que tem o amor em nada.
Mas deixa estar, fandeu, que vou descarregar-te
n'esses olhos tal dóse, e tão segundo a arte,
que te enzonze de amor.

*(Expremendo os amores perfeitos nos olhos
de Lyfandro)*

Eu com este feitiço
que nos olhos te expremo aqui te encarcho e enguiço,
para que nunca mais, desde que os descerrares,
os tornes a pregar, bebendo doido os ares
por quem de ti se ria. Assim que eu fôr partido,
tu acorda. Oberon ficou á minha espéra;
vou-me; tenho cumprido o encargo que me déra.

(Sai.)

SCENA XII

TITANIA, HERMIA, e LYSANDRO ainda a dormir,
HELENA e DEMETRIO que entram

HELENA

Detem-te, e mata-me embora,
caro Demetrio.

DEMETRIO

Alto ahi.
 Não te me chegues; agora
 intimo-t'ó.

HELENA

Has-de-me aqui
 deixar n'esta escuridade?
 Oh! não.

DEMETRIO

Torno-t'ó a dizer:
 pára... ou te has-de arrepender
 de tanta importunidade.
 Quero-me ir sófinho.

(Sai arrebatadamente.)

SCENA XIII

Os PRECEDENTES menos DEMETRIO

HELENA

Estou
 que não posso já comigo,
 de perseguir o inimigo,
 que o coração me roubou.

Quanto o imploro mais piedosa,
mais lhe encontro o genio crú.
Hermia, quão feliz és tu!
quão feliz em fer formosa!
em haver nos olhos teus
esse brilho e luz celeste!
mas como é que tu lhes déste
o esplendor que falta aos meus?
não co'as lagrimas salgadas,
pois d'esses liquidos faes
chovem meus olhos bem mais
que os teus por faces rosadas.
É que fou feia, já fei,
como um urso, um monstro horrendo;
tanto, que as feras correndo
já fogem d'onde eu cheguei.
Sendo assim, porque me espanto
de que Demetrio tambem,
como as feras que me vêm,
me fuja e me odeie tanto?
Mal haja o espelho impostor
que disse á vaidade minha
que Hermia em seus olhos não tinha
mais que eu nos meus esplendor.
Que vejo! um homem deitado?
aqui? Lyfandro? Deus meu!
morreria? adormeceu?
não n'ó vejo enfanguentado,
nem ferido. Olá! olá!
Lyfandro, se és vivo, esperta.

LYSANDRO (*acordando*)

Bradando tal voz álerda,
 um, morto reffurgirá.
 Eu por ti audaz voaria
 'té de um incendio atravez.
 Oh! que diaphana que és,
 minha Helena! que alegria!
 e que prodigio sem par!
 Em teu peito transparente
 estou vendo claramente
 o coração palpar.
 Onde está Demetrio, o infame?
 fe o colho ás mãos, voto a Deus
 que o meu ferro aos dias feus
 córte de um talho o liame.

HELENA

Lyfandro, não digas tal!
 não digas tal! mais cordura!
 Se elle tem a defventura
 de amar a Hermia, que val
 fendo só tua Hermia bella?
 o feu amor te prediz
 o quanto vais fer feliz
 com ella.

LYSANDRO

Eu feliz com ella!
oh! nunca; nunca jámais.
Agora me está pefando
das horas que andei gastando
em femfaborias taes.
Quem eu amo, e obter espero,
não é Hermia, é Helena só.
Por um corvo, um noitibó,
trocar-te, ó pomba, não quero.
Em tudo se deve estar
pelo que a razão ordena;
e a razão diz: como Helena
não se póde outra encontrar.
Depois da flor vem o fruto;
era mancebo, flori;
hoje que amadureci
cumpro as leis que ao fizo efcuto.
A prudencia é quem me traz
co'a liberdade captiva
aos olhos de quem deriva
de hoje ávante a minha paz;
olhos onde efcripto leio
em lettras de almo esplendor
dos mil romances de amor
o melhor que ao mundo veio.

HELENA

Para zombaria igual
nunca me eu fuppuz nascida.
Eſta ironica inveſtida
a mim, Lyfandro, vem mal.
Não me bastava a deſgraça
da paixão com que fiel
tenho amado e amo um cruel
que me avilta e me eſpedaça?
Não me fobrava o rigor
de Demetrio? inda por cima
de eu não merecer-lhe eſtima,
zombas agora, ſenhor!
Já é fereza eſſe ultraje;
poupa-me á ironia atroz.
Ultima phraze entre nós:
adeus! Em nobre linhage,
confeſſo, nunca penſei
coubefſe tal villania.
Meu Deus! um me repudia,
outro me infulta! onde irei?

(Sai ſem ter reparado em Hermia.)

SCENA XIV

Os MESMOS, menos HELENA

LYSANDRO

Não viu Hermia; Hermia dormida
jaz além.

(Para Hermia, de longe)

Nunca, mulher,
onde Lyfandro estiver
fejas tu apparecida.
Nem já ver-te posso. Estou
como quem tragou fobejo
de manjar bem doce, e entejo
para sempre lhe tomou.
Em erro que se abr'nuncia
já nunca mais se recai.
Vai-te, meu fastio, vai;
fume-te, prava herefia;
ninguem, muito menos eu,
sem horror possa encarar-te;
dil-o-hei sempre e em toda a parte;
sou teu, Helena, e só teu.

(Sai.)

SCENA XV

Os MESMOS, menos LYSANDRO

HERMIA (*levantando-se estremunhada*)

Lyfandro, acode-me! espanca
do meu feio, que m'ò rõe,
esta fêrpe! arranca! arranca
o monstro! falva-me! dóe!

(*Tornada em fi*)

Que horroroso pefadello!
inda estou toda a tremer.
Tinha no feio a roer
um dragão; cuido inda vel-o.
E tu quedo, ali sentado,
vias tudo aquillo a rir!
Mas que é d'elle, o meu amado!
meu Lyfandro! fem me ouvir!
fem responder-me! Onde és ido?
onde estás tu, meu senhor,
meu Lyfandro? nem foído
de voz responde; que horror!
Não ouves os meus clamores?
não me deixes aqui só!
ai! por todos os amores
te imploro! de mim tem dó!

Tenho medo. Já me finto
a luz dos olhos faltar;
Lyfandro n'este recinto
não é; pois em que logar
poderei achal-o? ai! forte!
forte funesta! já já,
ou vel-o onde quer que está,
ou se o perco, achar a morte.

(Sai.)

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III

A mesma vista ultima do precedente acto.

SCENA I

TITANIA ainda a dormir no mesmo lugar, MARMELO, MESTRE RABOTE, MESTRE CANELLAS, GAITINHAS, TROMBAS, e ESFOMEADO.

CANELLAS

Estamos todos?

MARMELO

Cáspité! bom fitio
para a gente enfaiar! verde o tablado,
pilriteiros em flôr os bastidores.
Toca a enfaiar o auto, exactamente
qual se ha-de dar perante o Senhor Duque.

CANELLAS

Pedro Marmelo.....

MARMELO

Que lhe quer o grulha
meestre Canellas?

CANELLAS

Na comedia ha coifas,
que nunca hão-de agradar; primeiramente,
Pyramo ha-de puxar da durindana
para a cravar no peito. O madamismo
soffre lá isso? vá, responda.

TROMBAS

Medo
não lhes ha-de faltar.

ESFOMEADO

Eu cá requeiro
que não se acabe a peça em matadoiro.

Ho
me f
em
hã o
que
e p
cã
nã
Ni
de

B
P
P

CANELLAS

Iffo é que não; e occorre-me um remedio: mestre Marmelo que me arranje um prologo em que dê a intender que estas espadas não são das de ferir, nem se imagine que o Pyramo realmente se traspassa; e para as focegar de todo em todo, diga até que eu, o Pyramo, realmente não sou Pyramo tal; sou o conhecido Nicolau, por alcunha *o das canellas*, de officio tecelão. Foram-se os medos.

MARMELO

Bom; metter-se-ha n'um prologo essa coisa; prologo que ha-de ter quatorze versos postejados á laia dos fonetos.

CANELLAS

Quatorze é pouco; dezasseis.

TROMBAS

E os berros do leão não põem medo ao mulherio?

ESFOMEADO

Eu affento que fim.

CANELLAS

Penfem bem n'isso,
meus senhores; leões diante de damas!
Deus nos acuda! Ha ave de rapina
como o leão? portanto é bom cautella.

TROMBAS

Pois faça-fe outro prologo que diga
não fer leão.

CANELLAS

E póde bellamente
o actor dizer quem é, ter mesmo a juba
de modo que não tape a cara toda,
e dizer isto, ou coisa femelhante:
«Senhoras!» ou «Belliffimas senhoras!
«peço-vos...» ou «requeiro-vos...» ou «rogo-vos
«que vos não aterreis nem tenhais medo;
«que me esquartejem se eu matar nem uma.
«Tolo era eu, se fosse leão de véras,
«de vir metter-me cá, para cahir-me
«todo o gentio em cima e efcangalhar-me.

«Qual leão! fou um homem como os outros.»
 E então é que declara a sua graça,
 e diz: «mestre Rabote o marceneiro.»

MARMELO

Seja assim; mas dois pontos ha na historia
 peores de arranjar. Logo o primeiro
 é metter-fe o luar dentro na casa,
 porque o Pyramo e a Thisbe (e dil-o a peça)
 encontram-fe ao luar.

RABOTE

O que eu pergunto
 é fe a noite em que a gente representa
 é de luar ou não.

CANELLAS

Que é da folhinha?
 ha por ahi quem tenha uma folhinha?
 procurar n'ella onde é que diz luares.

MARMELO

Ha, ha lua effa noite.

CANELLAS

Havendo lua,
deixa-se um tanto aberta uma janella,
e ahi temos nós luar.

MARMELO

Perfeitamente;
e ha tambem outro modo: entra um fugeito
com seu feixe de silvas sobraçado,
e lanterna na mão, o qual declara
que vem alli desfigurar a lua.
O peor, o que a mim me faz cabeça,
é como se ha-de armar dentro na fala
o muro; pois, segundo a historia reza,
pela racha do muro é que fallavam
Pyramo e Thisbe.

RABOTE

Carregar co'um muro
para uma fala, não se póde. Oiçamos
mestre Canellas.

CANELLAS

O papel do muro
quem quer o representa. Em se caiando,

geita nd
ia fing'

mur o
dar o

Se inf
To ca
por

o fei
Py r:
o fe
a f

C

geffando, ou embarreando uma peffoa,
já finge muro; abrindo os dedos...

(mostra-o em acção)

ifto...

muro rachado; e podem já contentes
dar o Pyramo e 'a Thisbe á taramélla.

MARMELO

Se iffo é poffivel, temos tudo em ordem.
Toca a enfaiar; affentem-fe-me ahi todos
por effa relva.

(Affentam-fe todos em femi-circulo)

Cada um que repita
o feu papel fó quando fôr chamado.
Pyramo principia; e mal conclua
o feu dito, abalar para o filvedo;
affim depois os mais fegundo a ordem.

SCENA II

Os PRECEDENTES e o TRASGO no fundo do theatro

TRASGO

Que bruta malta agora é effa
que vem aqui para a floresta
alanzoar,

quando no berço inda a Rainha
deseja estar descansadinha,
nem lá vem dia inda a rasgar?
Tate! é comedia que se enfaia!
pois quero ser espectador;
e se achar leo, talvez me faça
tambem actor.

MARMELO

Falla, Pyramo. A Thisbe para a frente.

CANELLAS (*Pyramo*)

Ah! Thisbe! como as flores horrorosas
tem bom cheiro!

MARMELO

«Horrorosas?» olorosas.

CANELLAS (*Pyramo*)

As flôres olorosas tem bom cheiro;
pois assim é teu bafo, amada Thisbe.
Espera, oiço uma voz; tu não te auzentes;
vou ver... já torno.

(*Sai.*)

SCENA III

Os PRECEDENTES menos CANELLAS

TRASGO

Pyramo tão lôrpa
nunca o vi.

(Sai atraz de Canellas)

SCENA IV

Os PRECEDENTES menos o TRASGO

GAITINHAS (*Thisbe*)

Eu agora é que respondo,
não?

MARMELO

Pois então! repara bem no entrecho:
o Pyramo fahiu fó por motivo
de ir ver d'onde provinha aquella bulha,
e não póde tardar.

GAITINHAS (*Thisbe*)

Ai! radiofíssimo
Pyramo! lyrio candido d'esta alma!
faces de rosa agreste! apetitoso
como nenhum dos nossos franganotes!
amavel judeufinho, e tão de raça
como o melhor corcel que é sempre prestes
e não arreia nunca! irei, meu Pyramo,
ter contigo no tumulo de *Nico*.

MARMELO

No tumulo de Nino, homem. Tens feito
uma falsada! O tumulo de Nino
não é por ora; é lá para a resposta
que deves dar ao Pyramo; não leves
o papel todo a fio; espera as deixas.

(*Procurando Pyramo com os olhos*)

Pyramo, agora tu; começa a falla
logo depois do « não arreia nunca ».

SCENA V

Os PRECEDENTES e o TRASGO que torna feguido
de CANELLAS, que vem com cabeça de jumento

GAITINHAS (*Thisbe*)

Como o melhor corcel que é sempre prestes
e não arreia nunca.

CANELLAS (*Pyramo*)

Ah! Thisbe amante!
bello queria eu fer só pela gloria
de te amar sempre a ti.

MARMELO (*reparando na cabeça de Canellas*)

Céos! que estupenda,
que monstruosa coisa! andam feitiços
co'a gente aqui, por vida minha. Amigos,
fafar já d'este bosque endiabrado!
fujâmos! quem nos val? ai! quem me acode?

(*Sáem todos os actores do auto, correndo espavoridos,
menos Canellas.*)

SCENA VI

TITANIA ainda a dormir; o TRASGO, e CANELLAS

TRASGO (*a rir olhando para o lado por onde os comediantes se abalaram*)

Olá! como fogem! lá vão! que estorninhos!
Pois vou baralhar-os por taes descaminhos,
por taes labirintos, por taes redemoinhos
de mattos, de charcos, filvedos, e espinhos,
que fiquem doidinhos.

Ver-me-hão, já cavallo faltar-lhes d'aqui,
já cão d'outra parte, d'além javali;
já fogo, já urfo, que estou por ali
buscando a cachola que ha pouco perdi;
relinchos, latidos, grunhidos, rugidos,
zunidos de lume no ar confundidos,
verão como azoizam aquelles ouvidos,
e trocam feus donos em loucos varridos!

(*Sai.*)

SCENA VII

Os PRECEDENTES menos o TRASGO

CANELLAS

Então que é isto? os nossos comediantes
moscam-me? não intendo a brincadeira;
quererão ver se me põem medo?

SCENA VIII

Os PRECEDENTES e TROMBAS

TROMBAS

Ó homem,
nunca te vi assim. Pobre Canellas!
que transformo! isto que é?

CANELLAS

Fórtes espantos!
jumentice até alli!

(Sai o Trombas.)

SCENA IX

Os PRECEDENTES menos o TROMBAS, e MARMELO
que chega

MARMELO

Ai! Deus te acuda!
valha-te Deus, Canellas! d'esta feita
é que estás transformado!

(Sai.)

SCENA X

Os PRECEDENTES menos MARMELO

CANELLAS

Agora intendo
a caçoadinha: querem persuadir-me
de que estou burro, a ver se me põem medo;
matem-fe bem; não fujo; não. Passeemos
por aqui a cantar para que vejam
que estou na mesma, e não engulo araras.

(Cantando)

O melro côr de azeviche
co'o feu bico alaranjado;
a carriça rabi-curta,
o tordo tão afinado!...

TITANIA *(levantando-se)*

Que ouvi! que voz angelica
me acorda para amores,
que faio toda jubilos
do meu colchão de flores?

CANELLAS *(continuando a cantar)*

o pardal e a cotovia
não menos que o tentilhão,
o pardo cuco que cuca
feu teimoso cantochão!

(Fallando)

Porque em boa verdade: quem tem fizo
póde altercar com passaro tão doido?
pôr-se a contradizel-o quando o bruto
teima a berrar cucu, cucu, cucu?

TITANIA

Mais! mais! que voz! que muzica!
fegue o teu lindo canto,
gentil mortal; encanto
maior nunca eu fenti.
Não só me enleva o cantico
tão cheio de doçura;
tambem a formosura
que resplandece em ti.
Em summa: ha nos teus meritos
um tal condão, tão raro,
que eu propria te declaro
que ardo por ti de amor.
Affim, fem mais preambulos,
e apenas que te vejo,
venço o nativo pejo,
meu bello seductor.

CANELLAS

Pois fenhora, declaro-lhe sincero
que não lhe acho razão; verdade seja
que razão e affeição mal se emparceiram
hoje em dia; e faz pena que não haja
na visinhança alguém que as harmonise.
Tive graça; não tive? um remoqueinho
em vindo a pêllo chia-me no papo.

TITANIA

Sobre lindo, discreto.

CANELLAS

Eu nem discreto
nem lindo sou. O que eu tomára agora
era atinar como faír da matta;
não carecia de melhor juizo.

TITANIA

aires tu da matta! escufas de pensal-o;
uer te agrade quer não, eis teu perpetuo abrigo;
ual fabes quem eu sou, que amante assim te fallo;
ódes-te gloriar de ver-me a fós contigo.
Espírita sou eu tão alta em jerarchia,
ue as ethereas regiões me são avassaladas;
amo-te; e quero ter-te em minha companhia,
pôr ao teu serviço as mais formosas fadas.
Ellas te hão-de ir pescar na profundez dos mares
dias das mais louças a fim de engalanar-te;
quando queiras dormir, virão co'os seus cantares
o teu catre florido em côro acalentar-te.
mfim, por meu condão liberto da materia
l, caduca, e pesada, onus da humanidade,
oder-te-has elevar, effência pura e etherea,
livre percorrer comnosco a immensidade.

Aqui já, Flôr-da-ervilha; aqui, Teia-de-aranha;
aqui, Phalena; aqui, Semente-de-mostarda.

(Entram quatro Sylphides)

1.^a SYLPHIDE

Prompta.

2.^a SYLPHIDE

Prompta.

3.^a SYLPHIDE

Cá estou.

4.^a SYLPHIDE

Que manda?

TITANIA

Á vossa guarda
confio este fidalgo, esta lindeza estranha;
obsequiae-m'ò em tudo; ao passear diverti-m'ò
tripudiando-lhe á roda; em lhe apontando a fome
logo ali um banquete em que á vontade tome,
até mais não poder, o que ha de maior mimo:
damascos, figos, uva, amoras, e grofelhas,
e faquinhos de mel furtados ás abelhas.

D'estas cumpre tambem serem por vós cortadas as pernas mais á farta em cera befuntadas; poder-vos-hão servir á guifa de candeias quando fizer escuro; andade-me, accendei-as á luz do pyrilampo, e allumiae meus amores, affim ao recolher como ao furgir das flores. Mas emquanto dormir, para evitar que os olhos a lua lhe moleste, engenhae-lhe uns antolhos de azas de mariposa as mais bem matizadas. Sylphides minhas, vá, vá, minhas boas fadas, prostrae-vos a feus pés com toda a reverencia, e não menos que a mim jurae-lhe obediencia.

1.^a SYLPHIDE

Feliz vivente, falve!

2.^a SYLPHIDE

Salve, feliz vivente!

3.^a SYLPHIDE

Perpetuamente falve!

4.^a SYLPHIDE

Salve perpetuamente!

CANELLAS (*cortejando respeitadamente*)

Á protecção de Vossas Eminencias
humilde me encommendo.

(*Para a 1.^a Sylphide*)

A sua graça
se faz favor, minha gentil Princeza?

1.^a SYLPHIDE

Teia-de-Aranha.

CANELLAS

Pois senhora Dona
Teia-de-Aranha, quando me aconteça
lanhar dedo, já fei quem me foccorre.

(*Para a 2.^a Sylphide*)

E esta fidalga?

2.^a SYLPHIDE

Flor-da-ervilha.

CANELLAS

Queira
recommendar-me a sua mãe, a illustre
Dona Vage, e a feu pai Dom Grão-de-bico.
Peço tambem á Dona Flor-da-ervilha
que me escreva no rol dos seus dilectos.

(Para a 3.^a Sylphide)

E cá esta fenhora? por obsequio
o feu nome.

3.^a SYLPHIDE

Semente-de-mostarda.

CANELLAS

Pois fenhora Semente-de-mostarda,
conheço-a muito bem; tem já curtido
com animo e valor grandes trabalhos.
O agigantado pérfido rosbife
tem-lhe tragado immensa parentella.
Que vezes me não fez sua familia
vir a lagrima ao olho! Pois fenhora
Semente-de-mostarda, o que lhe digo
é que de a ver realmente me regalo.

TITANIA

Vai-te ora fer feu fequito,
fequito meu fiel;
e alberga-m'ò bem commodo
no meu caramanchel.
Engano-me? olhos humidos
fitando a lua effá;
quando ella verte lagrimas,
que flor não chorará?
choram até as minimas,
choram porque é signal
de estar nos tranfes ultimos
florinha virginal.
Emmudecei effe idolo
do meu amor fiel,
e ide encerrar-m'ò tacito
no meu caramanchel.

QUADRO V

Outra parte do bosque.

SCENA XI

OBERON, só

Tomára já saber se a Titania espertou,
e quem foi o mortal que primeiro avistou,
e por quem deve andar co'o juizo variado.

(Repara no Trasgo, que vem entrando)

Chega o meu galopim.

SCENA XII

O MESMO e o TRASGO

OBERON

Sê bemvindo, estouvado!
é pôr já para aqui as diversas diabruras
com que has-de ter gastaado estas horas escuras
no arvoredado encantado.

TRASGO

A Rainha minh'ama
anda fóra de si por um monstro a quem ama.
Segundo o seu costume, acoftou-se e dormia
na recamara verde. Uma atroz companhia
de actores de má morte, officiaes mestreiros
de Athenas, tecelões, caldeireiros, folleiros,
et coet'ra, resolveu dar um auto na festa
do conforcio do Duque, e escolheu a floresta,
e logo o fitio ao pé d'onde dorme a Rainha,
para vir enfaiar-se. O mais lorpa que vinha
na manada boçal era o Pyramo; a peça
lá ia em andamento; eis que fai todo á pressa,
deixando os mais em scena, o meu Pyramo, e voa
a agachar-se no matto. Eu, venida tão boa
para um logro, perdel-a! isso não; de repente,
sem elle perceber, de cabeça de gente
fiz-lhe cabeça d'afno; eil-o então, por forçado
a replicar á Thisbe, outra vez no tablado,
galã de especie nova, orelhudo e felpudo.
Revolução geral! que terror! foge tudo.
Não lembravam senão marrequinhos em bando
a folgar n'um paúl, quando vêem rastejando
vir lá o caçador; ou as gralhas, que ao truz
com que os echos acorda insperado arcabuz
debandam a vofear; tal e tão repentina
despejou o theatro a avejão afinina.

Que rifota era ver os farçantes fugindo,
 mal que eu lhes bato o pé, uns sobre outros caindo,
 a gritar: «quem me acode! oh d'Athenas! soccorro!»
 De todo co'o pavor o bestunto mazorro
 lhes desluz; cuidam ver nos objectos sem vida
 malfeitores que os vem embargar na fugida.
 Este deixa a uma filva uma aba em despojo;
 fica a outro o chapéu sobre as puas de um tojo;
 delirantes de horror dispersaram-se em summa.
 D'entre as figuras do auto uma apenas, fô uma,
 ficou em scena; e qual? o meu Pyramo asneiro;
 o acafo é que então foi (não fui eu) zombeteiro.
 Eis que a Rainha acorda; e no mesmo momento
 avista-o, pasma, e fica adorando um jumento.

OBERON

Vai tudo até melhor do que eu mesmo ideára;
 mas dize: o athenienfe em quem eu te ordenára
 que infiltraffes o amor, encontrastel-o?

TRASGO (*com signal affirmativo*)

E entregue
 a bom dormir. El-Rei quanto a isso focegue;
 tudo se fez a ponto: a moçoila dormia
 ao pé d'elle; e portanto, impossivel feria
 elle não a avistar quando os olhos abrisse;
 já vê se executei tudo quanto me disse.

SCENA XIII

Os MESMOS, DEMETRIO e HERMIA

OBERON

Não te apartes, lá vem o atheniense.

TRASGO

Á-la-fé
que o homem não foi este; ella fim é que o é.

DEMETRIO

Porque são effes rigores
para commigo? commigo
que fó vos confagro amores!
tratais-me como inimigo!

HERMIA

Condemno-te, fim, condemno;
que menos posso eu fazer
a quem me faz padecer
as cruas ancias que peno,
se é certo, como receio,
que ao meu Lyfandro querido,
quando o viste adormecido
oufaste rasgar o feio?

Foi pouco o fangue espalhado;
fó te chega ao tornozelo;
mais! mais! precisas vertel-o
'té ficares afogado.

O sol não é mais do dia,
do que Lyfandro foi meu,
do que a mim fó pertencia
Lyfandro emquanto viveu.
Elle em meu somno profundo
fugir-me! escusas cançar-te;
era mais facil o mundo
rasgar-se de parte a parte,
passar-lhe por dentro a lua,
aos antipodas chegar,
e encobrir co'a esphera sua
no zenith o orbe solar.
Mataste-m'ò tu, malvado!
n'essa mortal pallidez
não o vejo eu?

DEMETRIO

Mas não vês
que é pallor de assassinado?
sim; teu rigor me assassina.
Mas tu, que a morte me dás,
co'ò mesmo brilho inda estás,
como a estrella vespertina
que além se vê fulgurante.

HERMIA

Sim; mas tudo isso a que vem,
quando eu te peço o meu bem,
meu Lyfandro, o meu amante?
Ah! Demetrio! que desgraça!
tu não tens alma de féra;
restitue-m'o.

DEMETRIO

Antes quizera
lançar aos meus cães de caça
o arcaboço d'elle.

HERMIA

Cão!

monstro! fume-te! impossível
me é ver quem julga infensível
um virgineo coração.
Mataste-m'o, fim, já vejo;
nunca mais homem te chames;
vá; fer franco; vá; desejo,
(se é bem verdade que me ames,
'té por esse amor te cito)
desejo, quero saber,
se ousarias sem tremer
em Lyfandro encarar fito

fe o encontrasses desperto,
 tu que o mataste a dormir.
 Grande proeza por certo!
 assim, podia-o ferir
 qualquer vibora asquerosa,
 o mais covarde reptil.
 Vibora, vibora vil,
 lingua infame e peçonhosa!

DEMETRIO

Um méro engano te enfúria;
 nem o matei, nem morreu,
 que eu faiba. Fazes-me injuria...

HERMIA

Repete, rogo-t'ó eu:
 vive? fãó e falvo?

DEMETRIO

E a mim
 jurar-t'ó que bem me traz?

HERMIA

Que nunca mais me verás.
 Tenho-te odio, odio sem fim;
 detesto-te. Morto ou não

que esteja, a ultima vez
que te escuto, que me vês,
é esta; fica-te.

(*Sai.*)

SCENA XIV

Os MESMOS menos HERMIA

DEMETRIO (*depois de ter estado por algum tempo
a olhar para a parte por onde Hermia
desappareceu correndo*)

Em vão
apoz ella correria
emquanto a raiva lhe dura;
vamos ver se esta espeffura
o somno me concilia.
Somno atrazado acrescenta
dores á amorosa chaga.
Se um breve á-conta me paga,
bem haja elle! vá! tenta,
espirito meu cançado!
vá, repoufa alguns momentos!

(*Deita-se na relva*)

Bosques tristes, somnolentos,
dáe allivio a um desgraçado.

(*Fecha os olhos e ageita-se para dormir.*)

OBERON (*ao Trasgo*)

Vês, doido, o que fizeste? expremeste o veneno
 n'um amante fiel; um amor tão sereno
 por culpa tua agora ennoitou-se, em lugar
 da justa punição que eu tentava irrogar
 a um féro defamor.

TRASGO

Obras são do destino,
 que n'isto de paixões anda sempre sem tino;
 por um homem leal, cria centos e centos
 de falsos cuja vida é tecer juramentos
 com perjurios a eito.

OBERON

Ora pois, vai, Robino,
 corre o bosque já já, qual veloz torvelino,
 'té que dêes com Helena, atheniense, doente
 do coração; na côr lh'o verás claramente:
 é pallida, suspira, até já do seu peito
 com tanto suspirar traz o viço desfeito.
 Faze pela trazer, com algum teu engano,
 logo logo ante mim, que eu no seu deshumano
 cá tomo á minha conta influir o feitiço.

TRASGO

Cá vou, cá vou, meu Rei, que no voffo ferviceo
fou xára; não me ganha um farpão despedido
do arco tartareo.

(*Sai.*)

SCENA XV

Os MESMOS menos o TRASGO

OBERON (*expremendo o amor perfeito nos olhos
de Demetrio*)

Flor, que do archeiro Cupido
foste víctima, imbebe a virtude que estillas
d'este homem que ora jaz nas ingratas pupillas.
Quando elle procurar fua amante, ache n'ella
não menos esplendor que o de Venus, d'aquella
que lá dos céos nos mira.

(*Inclinando-se a Demetrio adormecido*)

Encontrando-a, ao faires
do prefente lethargo, a feus pés só aspores
a que ella te despene.

SCENA XVI

Os MESMOS e o TRASGO

TRASGO

Alto rei do alto bando
dos genios, eis Robim; já cumpriu voffo mando.
Helena acha-fe ali a dois passos; o tal
que por engano meu recebeu a fatal
influição d'amor, lá lhe está requerendo
a devida mercê. Rei, faber só pretendo
fe havemos de affistir ao final do entremez.
Que doida raça humana!

OBERON

É preciso, bem vês,
dar-fe-lhes campo livre; has-de ouvir, mas de parte,
o que vai.

TRASGO

Serão dois, dois portanto a ralar-te
com as fuas petições. Pobre moça! Eu farçada
melhor inda a não vi! Quanto, quanto me agrada
poder prefenciar taes comedias!

OBERON

Lá vem;
não te bulas; silencio! efcutál-os convém.

SCENA XVII

OBERON e o TRASGO invífveis, DEMETRIO adormecido,
LYSANDRO, HELENA

LYSANDRO

Cortejo-a por zombaria?
póde suppôr que a não amo?
pois o chôro que eu derramo
não a convence? podia
amor que fosse fingido
chorar assim?!

HELENA

Que infistencia
na perfidia! e que impudencia
d'um coração fermentido!
As juras que estais baldando
com quem não n'as póde ouvir,
ide-as antes repetir
a Hermia que está penando.
Quereis trahil-a! deixal-a?!
quem jura a duas ternura
quando é que verdade falla?
a ambas mente e perjura.

LYSANDRO

Quando eu lhe jurava amor
estava fóra de mim...

HELENA

Como agora, quando affirm
a immolais tão fem pudor.

LYSANDRO

Demetrio morre por ella,
e não vòs ama...

DEMETRIO (*acordando*)

Ai, que linda
que tu és, Helena! ainda
fe não viu deufa tão bella.
A que posso eu comparar
tua divina mirada?
O crystal é turvo, é nada!
E a boquinha de tentar!
labios, cerejas maduras,
para os beijos d'um amante!
carnes de neve brilhante
como a que veste as alturas

do Tauro, acariciado
do vento oriental... que digo!
neve afrontada contigo
tinha o negror carregado
da aza do corvo. Ai! que mão!
quando a levantas, que almejos
de t'a comer com mil beijos,
rainha da branquidão,
chave das glorias celestes!

HELENA

Que raiva! que inferno! oh fados!
Entendo: estais apostados
todos contra mim! fizestes
voto de me escarnecer!
Se houvera em vós cortezia,
ou sombra d'ella, eu podia
taes improperios soffrer?
Não basta que me odieis
como fei que me odiais?
unir-vos de mais a mais
para insultar-me! ouzareis
dar-vos por homens, não tendo
de humanos mais que a figura!
e tratar de um modo horrendo
a uma dama illustre e pura!
Hyperbolicos louvores,
juras, protestos, e cultos!
quando vós me odiais, traidores,
não fãõ barbaros insultos?

Ambos vós emulos fois
 no amar a Hermia; está bem;
 mas porque emulos também
 no aviltar-me ambos os dois?
 Grande façanha, alto feito,
 condemnar ao pranto a vida
 d'uma pobre defvalida,
 que mal nenhum vos ha feito!
 É renegar da nobreza,
 injuriar assim donzellas,
 e achar no supplicio d'ellas
 passatempo!

LYSANDRO (*a Demetrio*)

Que fereza,
 Demetrio! tal não façais.
 É brinco mais que feroz;
 pois fei tão bem como vós
 que vós a Hermia adorais.
 E adora-a em santa paz,
 que eu não vos contesto o pleito;
 cedo-vos todo o direito
 ao seu amor. Quem vos faz
 tão franca e formal cedencia,
 bem vos merece outra igual;
 promettei-me defistencia
 não menos franca e formal

do amor de Helena, d'aquella
cujo fou, cujo hei-de fer,
enquanto a que tudo gela
em pó me não resolver.

HELENA

De fobra tendes zombado.

DEMETRIO

Ficae-vos, Lyfandro, embora,
co'a vossa Hermia; eu agora
já perdi d'ella o cuidado,
de todo em todo. F'indou-fe
um leve festim de amor;
o coração retirou-fe,
de si outra vez senhor,
e veio a Helena entregar-fe
para sempre.

LYSANDRO

É falso, Helena!

DEMETRIO

Uma consciencia ferena
não deve calumniar-fe.

Olha por ti, fe não queres
vir a pagal-o e bem caro.
Mas inda agora reparo...
lá chega quem tu preféres.

SCENA XVIII

Os MESMOS e HERMIA

HERMIA

Que monta que a noite escura
nos tolha aos olhos o ver?
o ouvir que então mais fe apura
tambem nos fabe reger.
Sim, Lyfandro, pelo ouvido
é que eu nas trevas te achei;
fenti-te fallar, voei,
e encontro-te, meu querido!
És um mau! ter-me deixado
d'aquelle modo!

LYSANDRO

Podéra!
fe fui pelo amor chamado!
podia deixal-o á espera?

HERMIA

O amor!... que amor te devia
do meu lado separar?

LYSANDRO

O meu, este amor sem par,
e que nem quer parceria.
Helena é quem enche esta alma;
os astros de noite amena,
olhos do Empyreo, aos de Helena,
cedem sem contenda a palma.
Tu de mim, tu que pretendes?
deixei-te, porque em verdade,
se ainda o não comprehendes,
só ella é que tem beldade.
Quero a Helena, a Hermia odeio.

HERMIA

Gracejas; não é possível!

HELENA

Mais outra no trama horrivel!
tê Hermia insultar-me veio!

agora caio na conta:
 mancommunaram-se os tres
 para este infame entremez,
 ordenado em minha affronta.
 Hermia insultante! Hermia ingrata!
 Como affociar-te podéste
 a quem sem causa me investe,
 e sem culpa me maltrata?
 já te não lembra a ternura
 que outr'ora uma á outra unia,
 quando voto se fazia
 de fermos irmãs? perjura!
 esqueceram-te effas horas
 de tão feliz convivencia,
 quando se achava inclemencia
 não ter o tempo demoras,
 e sempre no apartamento
 se chorava já faudade?
 Nem rafto em teu pensamento
 ficou da ditosa idade,
 quando andavamos no estudo?
 quando os brinquedos pueris,
 e a innocencia, tudo, tudo,
 commum nos era? infeliz!
 Que vezes, Hermia, encantadas,
 ante o mesmo bastidor,
 no mesmo coxim sentadas,
 e bordando a mesma flor,

fadas irmãs, tudo ali
era commum entre nós!
gemo o cantar, gemea a voz,
tu junta a mim, e eu a ti!
as nossas mãos em contacto
a brotar flores a esmo,
enquanto fazia o mesmo
das nossas almas o tracto!
Assim crescemos unidas,
como em auras bemfazejas
se admiram duas cerejas
medrar d'um só pé nascidas;
dois corpos e um coração;
como nas armas de um nobre,
quando um só timbre recobre
dois escudos em junção.
Tal mate á affeição antiga
podéste dar de repente,
que te unisses a tal gente
contra a tua pobre amiga?
Ha companheira ou donzella
capaz de affrontar assim
a todo o seu sexo em mim,
e em todo o meu sexo a ella?

HERMIA

Que reprehensões! que violencia!
mas venha o motivo occulto.
Eu co'a mão na consciencia,
que fiz para tanto insulto?

HELENA

Quem, senão tu, induziu
 Lyfandro a que me seguisse,
 e por mofa se fingisse
 prezo a graças que em mim viu?
 quem, senão tu, resolveu
 Demetrio, o teu outro amante,
 que inda ha tão pouco insultante
 me baniu do lado feu,
 a vir-me chamar deidade,
 nympha, divina, celeste?
 Não basta que me deteste?
 mofa é mais que atrocidade.
 Lyfandro tão amoroso
 foge-te! e a mim me persegue!
 tu, só tu, fazes que empregue
 commigo este brinco odioso!
 É culpa minha eu não ter
 para attrahir amadores,
 graças, riquezas, primores,
 de que o ceu te quiz encher?
 e, por maior desventura,
 ame em vão sem ser amada?
 razões para ser chorada
 serão crimes porventura?

HERMIA

Não intendo.

HELENA

Perfevera;
finge-te triste se gostas;
e depois, mal que eu dê costas,
ri de mim, ri, ri, panthera!
Tu e os teus fazei-me esgares;
a bella affuada redobre;
não ha façanha mais nobre!
terá chronica! A abrigares
lá dentro o minimo resto
de piedade, honra, ou decencia,
brinco de tanta inclemencia
viras fer mais que funesto!
Adeus, a culpa foi minha;
a ausencia e talvez a morte,
me livrarão da má forte
que eu merecido não tinha.

LYSANDRO

Formosa Helena, suspende,
suspende, Helena querida;
encanto meu, minha vida,
ás minhas razões attende.

HELENA

Bravissimo!

HERMIA (*a Lyfandro*)

Basta já,
Lyfandro meu, de ironias.

DEMETRIO

Se ella contra villanias
é sem defeza, aqui está
braço que a vingue.

LYSANDRO (*a Demetrio*)

O teu braço
e as suas lamentações,
fão fraquissimas razões
de que eu nenhum caso faço.
Helena, por minha vida
te juro, és o meu enlevo;
e a quem m'ò conteste, devo
calar-lhe a voz fementida.

DEMETRIO (*a Helena*)

Mais do que elle pôde amar-te,
amo-te eu.

LYSANDRO (*a Demetrio*)

Se o cuidas, vamos
ver fós como deslindamos
essa questão n'outra parte.

DEMETRIO

E é já!

HELENA (*suspendendo-se no braço de Lyfandro*)

Lyfandro, que fazes?

LYSANDRO

Larga-me, negra africana!

DEMETRIO (*a Hermia*)

Não tremas, fãõ méras phrases;
com falsas roncãs te engana.

(*A Lyfandro*)

Fingí que faís comigo,
mas ficae; fei bem que a vós
não coube indole feroz.

LYSANDRO (*a Hermia que o está segurando*)

Valha-te a forca, inimigo!
largar-me-has, gata importuna?
vil creatura largar-me-has?
ou mando-te á má fortuna,
ferpente qué a enlear-me eftás!

HERMIA

Quem vos trocou em selvagem?
meu dôce amor! que mudança!

LYSANDRO

Teu amor! eu! beberagem
nauseabunda! eu! que lembrança!
vae-te alimaria, ao diabo!

HERMIA

É gracejo, pois não é?

HELENA

Como o teu, por minha fé.

LYSANDRO

Demetrio (e com isto acabo)
conta comigo.

DEMETRIO

Primeiro
assigna-me obrigação.
Ditos são futil prisão;
melhor fiança requeiro.

LYSANDRO

Queres que a espanque? precisas
de que a fira, de que a mate?
não quero eu; basta que a trate
co'a averfão que em mim dividas.

HERMIA (*a Lyfandro*)

E onde ha 'hi peor tormento
que o teu odio? odio! porquê?
Quem te viu e quem te vê,
iman do meu pensamento!

pobre de mim! não fou inda
 a Hermia que te encantei?
 não és Lyfandro, o que amei?
 linda fui, não fou já linda?
 N'uma só noite adorada,
 e de fubito fugida!
 deufes bons, tirae-me a vida,
 fe nafci tão mal fadada!
 Mas, não é possível!

LYSANDRO

Juro!
 nem mais te defejo ver.
 Affim podes já perder
 esperanças no futuro;
 affirmo-t'ò: a ti detesto
 tanto como adoro a Helena.

HERMIA (*a Lyfandro*)

Barbaro! o que esta alma pena!

(*Para Helena*)

Feiticeira! ente funesto!
 ladra de amor, que viefte
 pela alta noite, á traição,
 roubar-me alma e coração
 do meu idolo celefte!

HELENA

Magnifico em realidade!
Pasmo, como de repente
uma donzella decente
larga pejo e honestidade!
Enganada estás, se esperas
com tão estranha violencia
que eu te imite, na impudencia
dos ditos que vociferas!
Vae-te, mulher sem decóro!
farçante! vil! bonifrate!

HERMIA

Bonifrate! ah! não ignoro
a intenção d'esse dilate!
Comparaste as estaturas;
crês-te gigante, és vaidosa!
de ser mastareu te gofa,
se elle se enleva em alturas.
Ganhas-me essa primazia;
és Amiota em vez de Helena!
mas Hermia, bem que pequena,
tem unhas em que se fia:
póde os olhos arrancar-te!

HELENA

Senhores! vêde esta furia!
 não junteis injuria a injuria!
 Salvae-me! Não tenho a arte
 das invectivas brutaes.
 Mulher sou na covardia;
 fui sempre mansa. Impedi-a
 de maltratar-me. Pensais
 por vel-a de menos vulto
 que eu lhe posso resistir?!

HERMIA

Bem lh'ò ouvistes repetir:
 sou anã; teima no insulto!

HELENA

Boa Hermia, refferena
 odios que eu não mereci;
 amo-te, nunca trahi
 segredo teu; sou Helena,
 a tua leal amiga.
 Só o excessso d'este amor
 que ao meu Demetrio me obriga,
 só elle, foi causador

da nova com que eu lhe vim
de estardes aqui fugidos.
Fostes por elle seguidos,
e elle, seguido por mim.
Que paga me deu o ingrato
por tanto affecto?! increpou-me,
fui despedida, ameaçou-me
co'o mais indigno mau trato,
com pisar-me a pés, e até
co'a morte! Se não ordenas
o contrario, volvo a Athenas,
louca do amor que em mim é;
não torno a seguir-te! Vês
onde me chega a simpleza?
deixa-me ir.

HERMIA

Cuidas talvez
que eu t'o estórvo? com franqueza,
parte, se te praz; não fei
quem t'o impede.

HELENA

Um coração
doido, que traz mim deixei.

HERMIA

Lyfandro ?

HELENA

Demetrio.

LYSANDRO (*mostrando Hermia*)

E então!

Não tremas, Helena minha,
que não te ha-de fazer mal.

DEMETRIO (*a Lyfandro*)

Ella fim, nem penfa em tal;
e mais vendo o que a apadrinha.

HELENA

Quando fai de fi é má,
tem furias, (fempre que o oufa)
disfarça, porque é rapoza,
mas lá dentro a féra está.
Na escóla já o mostrava;
guardar d'ella fe fe irrita;
que, mesmo affim pequenita,
nada teme, é gata brava!

HERMIA

Ella ahi vem outra vez,
fiada em que impune o diz;
a injuriar-me, bem n'a ouvís,
á conta da pequenez.
Vou-lhe faltar!

LYSANDRO

Fóra, fóra,
anã, boleta inguiçada,
missanga, embrião, nónáda,
longe d'aqui na má hora!

DEMETRIO (*mostrando Helena*)

Com quem não quer que a firvais,
já é finezas perder.
Deixae-a, não falleis mais
de Helena, ou de a defender,
pois voto a Deus, que ao primeiro
signal d'amor que lhe deis,
caro a audacia pagareis!

LYSANDRO

Até que por derradeiro
me deixou livre; segui-me
fe o coração vol-o ordena;
vamos ver, campeão sublime,
quem é mais digno de Helena.

DEMETRIO

Seguir-vos eu?! dais-me rizo,
quando cuidais pôr-me affombro;
vamos, mas hombro por hombro,
ambos a par.

LYSANDRO

D'improvifo!

(Sáem Demetrio e Lyfandro juntos.)

SCENA XIX

BERON e o TRASGO invifiveis, HELENA e HERMIA

HERMIA

De tantos defaguizados
fó vós fois a caufadora;
não vos aparteis, fenhora;
ficae!

HELENA

Bafta já de enfados,

não me fio em vós; renego
tão maldita companhia;
em mãos haveis mór valia,
e eu nos pés, que á fuga entrego.

(Sai Helena.)

SCENA XX

Os MESMOS menos HELENA

HERMIA

Quando jámais fe veria
cahos tão horrendo e cego!

(Sai correndo apoz Helena.)

SCENA XXI

OBERON e o TRASGO

OBERON

Ahi tens o que fizeste! ou por estouvamento,
ou por maldade e adrede!

TRASGO

Em mim damnado int
Rei dos phantafmas! nunca! Entendi mal; vest
athenienfe, conforme ao que eu vos tinha ouvic

era o d'elle; portanto, o engano que se deu
 nos olhos para ungir, cuido que não foi meu:
 E que o fosse! a balburdia ha pouco originada
 do meu engano, deu, deu optima farçada!

OBERON

Sim. Mas os dois rivaes lá andam á procura
 d'onde se'hão-de matar. Vai, cerra a noite escura;
 cobre o estrellado céo de nevoeiro denso
 como o negror do inferno; o illuso par inferno
 aparta-o, que nenhum dê com o outro; ora imita
 injurias de Lyfandro a Demetrio, ora grita
 com falla de Demetrio a Lyfandro improperios;
 troca em furias de rizo odios que ahi vão tão férios;
 mas guarda-os sempre longe, até que de moidos,
 caiam; fomno mortal os prive dos sentidos,
 e sob os plumbeos pés, e as azas de morcego,
 de tammanho rancor lhes faça igual socego.
 Nos olhos de Lyfandro então expremérás
 esta herva, que illusões, quaes fumos vãos desfaz,
 e ás coizas restitue o seu nativo ser.
 Como acordem, tudo isto ha-de-lhes parecer
 que não passou de sonho; e os nossos bons amantes
 volverão á cidade, amigos como d'antes,
 e para todo sempre. Emquanto andares n'isso,
 vou-me ver se a Rainha emfim me cede o enliço

não me fio em vós; renego
tão maldita companhia;
em mãos haveis mór valia,
e eu nos pés, que á fuga entrego.

(Sai Helena.)

SCENA XX

Os MESMOS menos HELENA

HERMIA

Quando jámais fe veria
cahos tão horrendo e cego!

(Sai correndo apoz Helena.)

SCENA XXI

OBERON e o TRASGO

OBERON

Ahi tens o que fizeste! ou por estouvamento,
ou por maldade e adrede!

TRASGO

Em mim damnado inter
Rei dos phantafmas! nunca! Entendi mal; vestic
atheniense, conforme ao que eu vos tinha ouvidc

SCENA XXII

O TRASGO, só

Por montes, por valles, por altos, por baixos,
 Robim, meu amigo, leva effes muchachos.
 Defertos e povos hão medo de mim;
 lá vem já um d'elles; á-l'obra Robim!

SCENA XXIII

O TRASGO e LYSANDRO

LYSANDRO

Demetrio fanfarrão! fumifte-te? onde eftás?
 já não roncas?

O TRASGO (*imitando a falla de Demetrio*)

Aqui, aqui, meu villanaz,
 de espada em punho; e tu?

LYSANDRO

Prestes!

TRASGO

Segue-me! O chão
 aqui é pedragofo...

(*Lysandro sai como que guiado pela voz.*)

SCENA XXIV

O TRASGO e DEMETRIO

DEMETRIO

Ah! Lyfandro! ah! fujão!
ah! covarde! vá, falla! escondes-te? emmudeces?
fumifte-te no matto?

TRASGO

As estrellas pareces
que provocas, poltrão! blazonas ao filvedo
affomos de esgrimir, e alapas-te de medo!
furde, vil! tit're, fai! zurzir-te-hei ás varadas!
não fe ha-de enxovalhar o ferro das espadas.

DEMETRIO

Ora fus! vens, ou não?

TRASGO

Segue-me a voz, fe és homem!

(Sai Demetrio e o Trasgo.)

SCENA XXV

LYSANDRO, só

m mas sempre a fugir! Teme que ás mãos o tomem!
 irta-fe, e defafia. Acudo onde me chama,
 . . viftel-o; que pés! que vil! cedo-lhe em fama
 andarilho voador! E aqui eftou eu mettido
 uma azinhaga efcura a tropeçar perdido.
 :fcancemos, fequer; tomára já o dia.

(Deita-fe no chão)

o feu primeiro albor, voto a Deus que a porfia
 -de fer menos van. Em eu vendo o inimigo,
 tammanha infolencia inflijo-lhe o castigo.

(Adormece.)

SCENA XXVI

O TRASGO e DEMETRIO que voltam,
 e LYSANDRO adormecido

TRASGO *(remedando a voz de Lyfandro)*

á! olá! olá! porque não vens, medroso?

DEMETRIO

Se oufas, detem-te ahi já! Saltas de poufo em poufo, sempre a fugir de mim que te não ponha a vista! onde estás, onde estás?

TRASGO

Aqui, aqui, farcifta!

DEMETRIO

Zomba, que has-de pagar-m'ó! Espera a luz, que eu veja por onde andas, e cumpra o que o meu odio almeja. Por ora deixa-te ir; careço de defcanço: Sobre esta gleba fria, ao fomno aqui me lanço; a noite (vive Deus!) depreffa se limita! apenas clarear conta-me co'a visita!

(Deita-se no chão e adormece.)

SCENA XXVII

LYSANDRO adormecido, DEMETRIO adormecido,
o TRASGO e HELENA

HELENA

Já me canças, já me enfadas,
teimosa noite; abrevia
estas horas estiradas
de suspirar pelo dia.
Não tardes não, claridade,
que aneio voltar a Athenas;
escufam-fe novas penas
em tão ruim sociedade.
E tu, tu, que ás vezes fechas
os olhos á propria dôr,
fomno amigo, por favor,
interrompe as minhas queixas.

(Deita-fe e adormece.)

TRASGO

Só tres; falta uma ainda; e fommarão dois pares.
Eil-a! que triste vem! pezar dos maus pezares!
Cupido, eu te renego! endoidecer mulheres
é o teu debique fummo, e a gloria que preféres.

SCENA XXVIII

Os MESMOS e HERMIA

HERMIA

Ai de mim! triste e cançada,
a resistir já não valho!
toda empapada do orvalho,
dos tojos toda rasgada!
Paro aqui, não posso mais;
jazo, até que dia seja.
Lyfandro, o céu te proteja,
se em desafio ateimais.

(Deita-se e adormece.)

TRASGO

Formosa rosthada! ora dormi bem fundo!
A ti, fino amador, os olhos já te inundo
co'o filtro de condão!

(Expreme uma herva nos olhos de Lyfandro)

Em vendo, ao despertares,
a amante por quem tu sempre bebeste os ares,

: festa não vais ter! é certo o aldeão dictado:
 em de cada um por Deus lhe está guardado.
 embaralhar da forte ao cabo tudo irmana;
 o sempre afinal acerta com Joanna;
 teito a cada vazo; o céo é que o destina.
 ra quem vem á luz com tão ditofa fina!

Sai o Trafgo deixando os quatro adormecidos.)

FIM DO 3.º ACTO.

ACTO IV

O mesmo bosque.

SCENA I

TITANIA, CANELLAS; FADAS da comitiva de TITANIA
rodeiam CANELLAS, OBERON por traz sem ser visto

TITANIA (*a Canellas*)

Oh! que florída cama!
fentemo-nos aqui!
Feitiço meu, por ti,
sou toda fogo e chamma.
Deixa-me acarinhar-te!
que lindo! que loução!
Que bem que hão-de ficar-te,
postas por minha mão,

n'esta cabeça linda,
rofas de musgo!

*(Depois de o enfeitar, contemplando-o
com desvanecimento)*

ahi está!

Ai minha gloria infinda,
quem não te adorará?
Orelhas magestosas,
inda eu vos não beijei!
como abanais airofas!
de encanto igual não fei!

CANELLAS

Onde está Flor-da-ervilha?

FLOR-DA-ERVILHA

Aqui.

CANELLAS

Se podes
coça-me, Flor-da-ervilha, esta cabeça.
Que é feito do Senhor Teia-de-aranha?

*

TEIA-DE-ARANHA

Presente.

CANELLAS

Cavalheiro, por obsequio
arme-se, e vá matar-me aquella abelha
dos pés roxos, no cardo alcandorada;
o bolfilho do mel, tire-lh'o, e traga-m'o;
mas olhe que na empreza não se arranhe,
meu guapo cavalheiro; e, sobretudo,
que o bolfilho do mel se lhe não rompa;
escufamos de ver enxovalhado
um fenhór tão casquilho. E que é da nossa
Semente-de-mostarda?

SEMENTE-DE-MOSTARDA

Ás ordens.

CANELLAS

Venha
essa mão. Por favor, minha Senhora,
deixemos escufadas contumelias.

SEMENTE-DE-MOSTARDA

Que manda, Senhor meu?

CANELLÀS

Nada; só peço
 que ajude este Senhor Teia-de-Aranha
 a coçar-me a cabeça. Hei-de ir ao mestre
 barbear esta felpa do focinho,
 que me come a valer; fou um burrico
 tão melindroso, que em sentindo um pello,
 já não posso parar que me não coce.

TIËTANIA

Desejas regalar-te,
 meu adorado amor,
 a ouvir agora muzica,
 muzica de primor?

CANELLÀS

Sim, tenho bom ouvido. Elles que tragam
 ferrinhos mais a chave.

TITANIA

E o meu querido
que ha-de comer?

CANELLAS

Eu fei! uma maquia
de bom grão, por exemplo: aveia fecca
era pitança d'alma; uma gavella
de feno bom, tambem me arranjaria;
nada chega ao bom feno; quem o cheira
logo orneia por mais.

TITANIA

Tenho uma fada
das mais espertas; encartego-a de ir-me
vafculhar no celleiro da doninha
e trazer-te de lá nozes d'este anno.

CANELLAS

Um punhadito ou dois de favas feccas
era o mais do meu gofsto. Olhe, aos feus servos
queira agora dizer que não me acordem;
entrou comigo um fomno!...

TITANIA

Ah! dorme! dorme
entre estes braços. Fadas minhas, presto,
deixai-nos fós. Cada uma ao feu encargo!

(Sáem as fadas.)

SCENA II

Os MESMOS, menos as FADAS

TITANIA

Affim fe abraça olente madrefilva
á madrefilva agreste, e a hera ao olmo.
Oh! como eu te amo! oh! como tu me endoidas!

(Titania e Canellas adormecem.)

SCENA III

OBERON tornando-se visível, TITANIA e CANELLAS adormecidos, e o TRASGO que entra

OBERON

Robim, venhas embóra. Olha-me esta lindeza!
que doidice! até já de assim a ver me peza.
Inda agora encontrei-a á busca, na espessura,
das flores de maís cheiro, abforta na ventura
de as ir levar por mimo ao feu grosseiro alvar;
destemperei, confesso, até a fiz córar.
A cabeça felpuda era já toda flores
frescas, a rescender finíffimos olores.
O rócio que os botões enfeita de ordinario,
como aljofar da aurora, ali, pelo contrario,
era pranto a valer nos olhos das floritas
por se verem assim com tal vergonha afflictas.
Fartei-me de ralhar; ella caíndo em si,
a final se humildou; pediu perdão; cedi,
comtanto que me désse o pagemzito. Breve,
chama logo uma fada, e ordena-lhe m'ó leve
ao meu Bosque Real na Alçaçova Encantada.
Como emfim desistiu da obstinação damnada,
e já tenho o menino, é tempo se liberte
da importuna illusão que a vista lhe perverte.
Vá, Robinzinho, arranca o pobre mesteireiro
do fadario em que o pôz o craneo de fendeiro.

Quer-se que, ao despertar, como os demais dormentes, regresse a Athenas bom, e julgue os accidentes de toda esta noitada um méro pefadello.
O encanto da Rainha, eu cá me vou rompê-lo!

(Toca os olhos de Titania com uma herva)

Torna ao teu fer, vê como vias,
para isso invoco as primasias
da flor de Diana á de Cupido.
Influxos bons, eu vos envido!

Ora, fus, despertai! furgi, Titania minha,
das fadas maioral, e de Oberon rainha!

TITANIA *(acordando e erguendo-se)*

Ai, querido Oberon, que sonho extravagante!
pois não sonhei que tinha um burro por amante!

OBERON

Vel-o ali n'esse chão!

TITANIA

Mas como foi possível!...
um monstro, agora o vejo, e mais que feio, horrível!

OBERON

Cala; vamos Robim, desburrifica-o logo;
e tu, Titania minha, annue-me a novo rogo:
convoca a tua orchestra, e co'a magia fua,
tão profundo dormir n'estes cinco fe influa,
como jámais coubesse em viventes.

TITANIA

Olá,
genios da melodia, um concerto, já, já,
de enfeitçar o fomno.

TRASGO (*tirando a Canellas a cabeça de burro*)

Acordarás a ver
co'os teus olhos de alvar, tudo no proprio fer.

OBERON

Soe a muzica!

(*Ouve-se muzica suaviſſima.*)

E nós, Rainha de Oberon,
travar mãos, e girando uma chacoina ao fom,
ninaremos co'os pés o berço dós dormidos.
Dia grande! aurea paz! ambos de novo unidos!

anhã, quando fôr meia noite, abriremos
 paços de Thefeu com todos os extremos
 glorioso triumpho, as danças nupciaes,
 dando-lhes progenie igual ás mais reaes.
 estes dois cafaes de finos amadores,
 unirão egualmente em vinculos de flores;
 festa do gran Duque á sua festa unida,
 os pares se estreie o summo bem da vida!

TRASGO

Rei dos genios, attenção,
 que d'entre os nocturnos véos,
 já fobe a calhandra aos céos
 co'a matinal faudação.

OBERON

Partamo-nos sem demora;
 e é voar, senhora minha!
 Silencio! pois se avifinha,
 e colher-nos póde, a aurora.
 Mais ageis que a lua errante
 rodeamos nós a esphera.

TITANIA

Vamos, fim, meu regio amante!
 oh! quem já saber me déra

como é que hoje pernoitei
entre mortaes! É mysterio,
que no noſſo vôo ethereo
me ha-de explicar o meu Rei!

(Sáem. Rafga o dia. Soam cornetas a alvorada.)

SCENA IV

Entram THESEU, HYPPOLITA, EGEU e as ſuas comitivas

THESEU

Que é do noſſo coiteiro? onde eſtará? chamae-o.
Pois fe acha concluida a noſſa feſta ao maio,
e podemos contar co'a manhã toda, eſpero
que o latir dos meus cães, por harmonioſo e féro
recreie a minha noiva. A matilha impaciente,
defatrellada, e folta ao valle do poente!
O coiteiro que é d'elle? a minha ſoberana
hoje é que vai goſar enlevos de Diana,
quando no alto do monte eſcutar confundidos
dos fabujos e do echo os rabidos latidos.

HYPPOLITA

Faço ideia. Uma vez em Creta aſſiti eu
á caçada real de um urſo giganteu,

Por Hercules e Cadmo, affombros da floresta,
 Com molossos de Sparta, heroes dignos da festa.
 Celeuma tão feroz jámais a ouvi; não era
 Só na matta o rugir da matinada fera:
 céos, fontes, toda a terra, e tudo, parecia
 altear á competencia a estranha vozeria.
 Não, nunca, nunca ouvi muzico temporal,
 nem trovão de concerto, áquelle estrondo igual.

THESEU

Raça dos cães de Sparta, os meus tambem: beijudos,
 mosqueados no pello, a tal ponto orelhudos,
 que varrem do terreno o orvalho da manhã;
 pernas zambras, barbella, em fumma, quasi irmã
 da dos bois da Theffalia; em perseguir não campam,
 certo é, mas no ladrar, quando a ladrar destampam;
 travam tão a preceito os grossos tons e os finos,
 que nem um carrilhão de temperados finos.
 Nunca tão delicioso abrir de montaria
 se alliou co'a buzina em matta re-sombria
 de Theffalia, de Sparta ou Creta. Ouvil-os-heis;
 e se exagero ou não, vós propria julgareis.
 Tate! nymphas aqui! quem serão?

EGEU

Senhor meu,
 esta é a minha filha em gremio de Morpheu;

isto é Lyfandro; aquelle é Demetrio; olha a Helena, a do velho Nedáro, aqui tambem; que scena! tudo junto e a dormir!

THESEU

Na conta agora caio; quizeram vir tambem render feu culto ao maio; ergueram-fe mais cedo, e sabendo quaes eram as nossas intenções, tambem acá vieram juntar-fe á nossa festa, é claro; trefnoitados, jazem, como se vê, no somno mergulhados. Mas recorda-te, Egeu; não era n'este dia que a tua Hermia eleger feu fado emfim devia?

EGEU

Senhor, fim.

THESEU

Dize logo á gente da caçada que os dormentes acorde ao som d'uma alvorada.

(Alvorada de buzinhas, vozaria festival fóra da scena.)

SCENA V

Os MESMOS, DEMETRIO, LYSANDRO, HERMIA,
HELENA, acordados e levantando-se

THESEU

Bom dia, amigos! É passada
a festa de São Valentim;
não é desde hoje (acho que fim)
que se acazala a passarada
n'este selvatico jardim?

LYSANDRO

Perdão, meu Príncipe.

(Ajoelham todos a Theseu.)

THESEU

De pé;
sem cerimonia, eu vol-o rogo.
Sendo rivaes e hostis até,
não me direis como foi logo
que entrou nos dois tal boa fé,
que sem o minimo receio,
nas trevas, juntos pernoitastes?

LYSANDRO

Responderei, se n'este enleio
de mal desperto, acertar meio
de obedecer ao que ordenastes;
e, antes de mais, Senhor, vos juro,
que o achar-me eu n'este lugar,
mysterio é tal, e tão obscuro,
que ninguem, hoje ou no futuro,
ferá capaz de o deslindar.
Mas... quer-me agora parecer...
se hei-de dizer toda a verdade,
como ante o Duque é meu dever,
que vim com Hermia!... e, em realidade,
com Hermia vim... (céos! que prazer!
vou-me lembrando claramente;)
fugir de Athenas era o fito
do nosso amor sincero e ardente,
por nos furtarmos sem delicto
ao seu foral duro e inclemente.

EGEU

Basta, basta, Senhor; contra elle invoco a lei.
Vês, Demetrio? fugiu, deixando a dois roubados:
a ti, da esposa; a mim, seu pae, e que t'a dei,
do meu jus paternal, d'um jus dos mais sagrados.

DEMETRIO

Foi a Helena que me disse
 traçar-se aquella evasão;
 meu furor fez que os seguisse;
 e ella a mim, sua paixão.
 Entrados, Principe, á matta,
 não fei que poder superno,
 (como a neve ao sopro verno
 se derrete e desbarata),
 todo o amor que a Hermia eu tinha
 o desfez sem mais faudade,
 do que tem a adulta idade
 dos brincos de creancinha.
 Hoje tenho a alma repleta
 d'outro amor que unico vejo;
 quem me abraza, e quem desejo,
 é Helena e só Helena.
 Eu já era o noivo d'ella,
 antes de a Hermia ter visto;
 depois, entoei o apifto
 quando enfermo; ora, que a bella
 faude é recuperada,
 recobro o gosto nativo:
 amo-a, quero-a, n'ella vivo,
 ella, e só ella, me agrada.

THESEU

Ora pois, gentis amantes,
demos graças á Fortuna;
em hora mais opportuna
me direis o resto; Egeu,
vereis em breves instantes
vossos votos excedidos,
e estes dois pares unidos,
como Hyppolita e mais eu.
Mas a manhã já vai alta;
deixar hoje a caçaria!
Eia! a Athenas! prefto, em via!
fausto dia! alegre mez!
maias flores, que ora esmalta
bemdicção do amor mais terno,
vinde ao templo em laço eterno
reunir co'as tres, os tres!
Minha Hyppolita! partamos;
os momentos que tardamos
roubos fãõ a nós, bem vês.

(Sãem Theseu, Hyppolita, Egeu, e suas comitivas.)

SCENA VI

DEMETRIO, LYSANDRO, HERMIA, HELENA

DEMETRIO

Quanto por nós é passado,
começa-me a parecer
um fonho mal apagado,
coisas de tão pouco fer,
como ferras indistinctas
ao longe entre um nevoeiro.

HERMIA

E eu cuido trefver; que tintas
entre o falso e o verdadeiro!

HELENA

Tambem eu; Demetrio faz-me
o effeito de joia achada;
é meu? não é meu? apraz-me;
isto fei, não fei mais nada.

DEMETRIO

Tendes vós toda a certeza
de estar-fe agora desperto?
eu, por mim, julgo mais certo
fermos d'um sonho inda preza.
O Duque não era aqui?
não nos ordenou feguil-o?

HERMIA

Tal qual; inda julgo ouvil-o;
e meu pae, tambem o eu vi.

HELENA

E eu a Hyppolita.

LYSANDRO

Ao altar
mandou feguirmol-o.

DEMETRIO

Estamos
acordados pois; partamos,
partamos fem mais tardar.

Para todos adivinho
que vêm lá fados risonhos;
podemos pelo caminho
ir contando os nossos sonhos.

*(Saem. No momento de desaparecerem, desperta
Canellas.)*

SCENA VII

CANELLAS, só, julgando-se ainda entre os companheiros

Chegando a minha vez, chamem-me, e prompto.
O meu papel diz: — «Pyramo tão lindo...»
Olá! Pedro Marmelo! olá! Gaitinhas!
Remenda-folles! Caldeireiro! Trombas!
Esfomeado! Esta agora é que é bonita!
apanham-me a dormir, safam-se todos.
Que sonho que eu sonhei! não ha no mundo
maginação tão doida que o descreva!
Quem tentasse botar-lhe algum sentido,
era por força um asno. Imaginei-me
fer uma coiza que ninguem percebe...
fim, julgava... fim, tinha... só um doido,
d'estes de pedras, procurára um nome
ao que eu pensava fer n'aquelle sonho.

Hei-de ver se faz d'elle uma ballada
Pedro Marmelo. O titulo, está visto
qual ha-de ser: «O Sonho de Canellas!»
e eu que a espero cantar perante o Duque!
talvez até no tranzito da Thisbe,
para fahir a coisa com mais graça!

(*Sai.*)

QUADRO VI

Em Athenas, casa de Marmelo.

SCENA VIII

Entram MARMELO, GAITINHAS, TROMBAS
e ESFOMEADO

MARMELO

Mandaram ver que é feito do Canellas?
Voltaria á poifada?

ESFOMEADO

É fujeitinho
de quem não ha noticia em parte alguma;
dou que anda enfeitado.

GAITINHAS

Se elle falta,
adeus auto, pois não?

MARMELO

Quem o duvida?
corram co'um prégo accezo Athenas toda,
que não acham segundo como aquelle
para o papel do Pyramo.

GAITINHAS

E decerto,
em talento não ha n'esta cidade
mesteireiro nenhum como o Canellas.

MARMELO

De mais a mais o heroe da peça é elle;
fabe arrulhar como rolinha macha!

GAITINHAS

Qual rolinha! ou qual rolo! é uma ave phenix!

SCENA IX

Os MESMOS e MESTRE RABOTE

RABOTE

Senhores meus, já vem do templo o Duque;
d'esta feita é caforio acogulado
com dois cafaes ou tres. Que defarranjo
não fe ter realifado a brincadeira,
que a todos nos tirava o pé do lodo!

GAITINHAS

Ah! meu rufião Canellas! que perdeste
n'uma bolada a renda vitalicia
de feis pennys por dia; eram feis pennys
que vinham como xara ao teu bolfinho;
com menos d'isso não pagava o Duque
ver-te fazer de Pyramo; o carraasco
que me enforque, fe minto; e merecía-o!
feis pennys por te ver fazer de Pyramo,
era um gofio de graça.

SCENA X

Os MESMOS e CANELLAS

CANELLAS

Onde estão elles,
a bella rapaziada, os meus valentes?

MARMELO

Ditofo dia! instante afortunado!
viva o Canellas!

CANELLAS

Tenho, meus fenhores,
muito que lhes contar; não me perguntem
o que foi; se explicar-vol-o quizeffe,
ter-me-hieis todos vós por patranheiro,
mais que Atheniense algum, se bem que seja
quanto por mim passou pura verdade.

MARMELO

Conta, Canellas meu, conta!

CANELLAS

Não conto.
Nada de perder tempo; só vos digo,
que o fenhor Duque já sahiu da meza;
tratem de engalanar-fe a toda a preffa;

atem as barbas co'o maior preceito,
e enastrem os chapins com fitas novas.
Hemos de ir a palacio; é recordar-se
cada um do feu papel, porque a tragedia
já se annunciou; com isto digo tudo.
A Thisbe leve roupa lavadinha;
o que faz de lião, não roa as unhas,
que hão-de fervir de garras; sobretudo,
caros actores, de cebola e alho
despeçam-se por hoje; os nossos ditos
rescendem a doçura, e fôra improprio
baforal-os com pestes d'essa casta,
ás ventas do auditorio esclarecido.
Mas basta de palrar; é tempo; vamos!

(Saem todos.)

FIM DO 4.º ACTO.

ACTO V

QUADRO VII

Aposento nos paços de Theseu.

SCENA I

THESEU, HYPPOLITA, PHILOSTRATO, Fidalgos,
comitiva

HYPPOLITA

As narrações d'estes amantes,
caro Theseu, fãõ de abyfmar.

THESEU

Contos, ficções extravagantes,
partos da mente a delirar.
A namorados e alienados,
pede a razão se não dê fé;
pois se elles vêem o que não é,
como hãõ-de ser acreditados?

Doido, poeta, e namorado,
nada mais tem que phantasia:
para as visões que o doido cria
o inferno todo era apertado;
o que na aza anda ferido
faz d'uma negra uma lindeza;
o vate, emfim, com a alma acceza,
que até lhe luz no olhar perdido,
da terra aos céos, dos céos á terra,
falta n'um ai. Quem adivinha
nunca, onde está nem por onde erra
aquella eterna ventoinha?
Do extravagar nascem chimeras
que têm um ar de realidade;
assim, quando o estro a mente invade,
cria phantasticas espheras;
de entes fictícios as anima,
com elles trata, acha-os reaes!
O idear! o idear é don que prima
por creador entre os mortaes.
Se fe está ledó, houve emiffario
que nos trouxeffe esse prazer;
na escuridão pelo contrario,
se algum terror nos vem colher,
cada espinheiro é logo um urso,
de guella aberta contra nós.

HYPPOLITA

Sim, na verdade o bom discurso
dita o que exprime a tua voz;

porém o que elles nos declaram
do que esta noite os transtornou,
que nem o amor lhes respeitou,
e os corações se lhes mudaram,
traz um tal ar de convicção,
que se não dá nos fingimentos;
não sei se são ou não portentos,
porém reaes á fé que o são.

SCENA II

Os MESMOS, LYSANDRO, DEMETRIO, HERMIA,
HELENA

THESEU

Vel-os lá vêm todos radiantes,
os nossos quatro desposados!
Gostos sem fim, ditosos fados,
vos doirem todos os instantes!
Amigos meus, vossa ternura
vos refloresça cada dia!

LYSANDRO

E a vós, senhor, inda a ventura
raie mais cheia de alegria!

Os passatempos e os amores,
vos dêem na vida o mago enleio
de um refvalar por sobre flôres,
no leito, á meza, e no passeio!

THESEU

Mas vamos nós: a eternidade
que vai da ceia ao recolher
n'um dia tal, como é que se ha-de
disfarçar hoje com prazer?
Não ha hi dança ou mascarada,
que nos encurte estas tres horas?
Que é da pessoa encarregada
de abreviar estas demoras,
o meu mordomo dos recreios,
Philóstrato?

PHILOSTRATO

Eis-me aqui, senhor.

THESEU

Se tendes comicos, trazei-os,
e que nos dêem, seja o que fôr;
o effencial, é que a impaciencia
d'este esperar pela ventura,
se engane ao menos co'a doçura
que empresta a muzica á existencia,

ou se atordôe co'o tumulto
de algumas mafcaras.

PHILOSTRATO

Aqui
vem o programma do que urdi
para o farau. Senhor, consulto
o voffo gofto fobre a efcolha.
Dos paffatempas que achareis
por mim lançados n'efte folha,
qual para introito efcolhereis?

(Entrega o rol a Thefeu.)

THESEU *(lendo)*

Centauros. Sua guerra. Obra em verfo, cantada
a harpa, por um rapsodo, eunucho athenienfe.»

(Fallando)

diante. É gloria velha á efpofo já narrada,
itre as do meu parente o heroe amphitrionenfe.»

(Lendo)

As bacchantes em orgia, accezas de ebria audacia,
poftejando em furia ao gran-cantor da Thracia.»

(Fallando)

É também velharia. Até me lembra ainda de a ter visto depois da minha última vinda de Thebas com vitória.

(Lendo)

«As mufas pranteando da sciencia, morta á mingua, o cafo miserando.»

(Fallando)

Algumas explosões de fatyra mordente com que não têm que ver festas de amor contente.

(Lendo)

«Auto enfadonho e curto ao cafo defafrado de Pyramo e de Thisbe, êntremez ordenado em fórmula de tragedia.»

(Fallando)

Olá! eu d'esta vez é que nada percebo. Um tragico entremez! e obra curta e enfadonha! é como quem différa forvetes a escaldar! Que enigma d'alta esphera!

PHILOSTRATO

É peça, meu fenhor, que ao todo póde ter dez phrazes quando muito; e, no meu entender, nas dez, ha dez de fobra; ahi está porque enfastia. Não ha composição, em summa, mais fandia; não tem uma expressão que acerte no fentido, nem um unico actor co'o seu papel sabido. Lá bem tragica, isso é. Pyramo, por desgraça co'o seu ferro de pau o peito se traspassa; quando eu tal vi no ensaio, as lagrimas, fenhor, foram tantas em mim, co'um rir suffocador, como nunca jámais as derramou ninguem.

THESEU

E os actores quem são?

PHILOSTRATO

Uns pobres, mas de bem, de calejadas mãos, officiaes de officio d'esta vossa cidade, actores não por vicio, nem já por vocação, como outros curiosos; em lidas corporaes muitissimo aguçosos, mas em pontos de engenho, artes, talento, ou gofio, taboas razas 'té hoje. Agora hão-se proposto

a facção de embutir aquillo na memoria,
só co'a mira, senhor, na esplendida vangloria
de virem contribuir aos festejos ducaes.

THESEU

Oiçamol-os embora.

PHILOSTRATO

Ouvir comicos taes,
e em tão ignobil peça! impossivel! repito
que a ouvi de cabo a cabo; era um rol infinito
de fandices de marca; a menos, meu senhor,
que lhes não leve em conta as intenções, o amor
que têm a Vossa Alteza, e a faina azafamada
em que andam para dar-lhe o que lhes tanto agrada.

THESEU

Que importa! nada é mau, quando a simplicidade
offerta á boa mente em prova de lealdade.
Que entrem, vamos ver isso; e vós, nobres senhoras,
sentae-vos ao theatro; ornae-o, espectadoras.

(Sai Philostrato.)

SCENA III

Os MESMOS menos PHILOSTRATO

HYPPOLITA

Eu por mim, vendo a fraqueza
forcejar, fem conseguir,
e o zelo em nobre empreza
vãos esforços confumir,
fico afflicta.

THESEU

Mas, querida,
aqui não receies tal.

HYPPOLITA

E a declaração formal
por nós n'este instante ouvida,
de que essa gente coitada
fe arroja ao que obter não sabe?

THESEU

Logo, mór louvor nos cabe
fe a agradecemos de nada.

*

a facção de embutir aquillo na memoria,
fó co'a mira, fenhor, na esplendida vangloria
de virem contribuir aos festejos ducaes.

THESEU

Oiçamol-os embora.

PHILOSTRATO

Ouvir comicos taes,
e em tão ignobil peça! impossivel! repito
que a ouvi de cabo a cabo; era um rol infinito
de fandices de marca; a menos, meu fenhor,
que lhes não leve em conta as intenções, o amor
que têm a Vossa Alteza, e a faina azafamada
em que andam para dar-lhe o que lhes tanto agrada.

THESEU

Que importa! nada é mau, quando a simplicidade
offerta á boa mente em prova de lealdade.
Que entrem, vamos ver isso; e vós, nobres fenhoras,
fentae-vos ao theatro; ornae-o, espectadoras.

(Sai Philostrato.)

SCENA III

Os MESMOS menos PHILOSTRATO

HYPPOLITA

Eu por mim, vendo a fraqueza
 forcejar, fem conseguir,
 e o zelo em nobre empreza
 vãos esforços confumir,
 fico afflicta.

THESEU

Mas, querida,
 aqui não receies tal.

HYPPOLITA

E a declaração formal
 por nós n'este instante ouvida,
 de que effa gente coitada
 se arroja ao que obter não sabe?

THESEU

Logo, mór louvor nos cabe
 se a agradecemos de nada.

*

a facção de embutir aquillo na memoria,
fó co'a mira, fenhor, na esplendida vangloria
de virem contribuir aos festejos ducaes.

THESEU

Oiçamol-os embora.

PHILOSTRATO

Ouvir comicos taes,
e em tão ignobil peça! impossivel! repito
que a ouvi de cabo a cabo; era um rol infinito
de fandices de marca; a menos, meu fenhor,
que lhes não leve em conta as intenções, o amor
que têm a Vossa Alteza, e a faina azafamada
em que andam para dar-lhe o que lhes tanto agrada.

THESEU

Que importa! nada é mau, quando a simplicidade
offerta á boa mente em prova de lealdade.
Que entrem, vamos ver isso; e vós, nobres fenhoras,
sentae-vos ao theatro; ornae-o, espectadoras.

(Sai Philostrato.)

SCENA III

Os MESMOS menos PHILOSTRATO

HYPPOLITA

Eu por mim, vendo a fraqueza
 forcejar, fem conseguir,
 e o zelo em nobre empreza
 vãos esforços confumir,
 fico afflicta.

THESEU

Mas, querida,
 aqui não receies tal.

HYPPOLITA

E a declaração formal
 por nós n'este instante ouvida,
 de que effa gente coitada
 se arroja ao que obter não sabe?

THESEU

Logo, mór louvor nos cabe
 se a agradecemos de nada.

*

a facção de embutir aquillo na memoria,
fó co'a mira, fenhor, na esplendida vangloria
de virem contribuir aos festejos ducaes.

THESEU

Oiçamol-os embora.

PHILOSTRATO

Ouvir comicos taes,
e em tão ignobil peça! impossivel! repito
que a ouvi de cabo a cabo; era um rol infinito
de fandices de marca; a menos, meu fenhor,
que lhes não leve em conta as intenções, o amor
que têm a Vossa Alteza, e a faina azafamada
em que andam para dar-lhe o que lhes tanto agrada.

THESEU

Que importa! nada é mau, quando a simplicidade
offerta á boa mente em prova de lealdade.
Que entrem, vamos ver isso; e vós, nobres fenhoras,
sentae-vos ao theatro; ornae-o, espectadoras.

(Sai Philostrato.)

SCENA III

Os MESMOS menos PHILOSTRATO

HYPPOLITA

Eu por mim, vendo a fraqueza
 forcejar, sem conseguir,
 e o zelo em nobre empreza
 vãos esforços confumir,
 fico afflicta.

THESEU

Mas, querida,
 aqui não receies tal.

HYPPOLITA

E a declaração formal
 por nós n'este instante ouvida,
 de que essa gente coitada
 se arroja ao que obter não sabe?

THESEU

Logo, mór louvor nos cabe
 se a agradecemos de nada.

*

a facção de embutir aquillo na memoria,
fó co'a mira, senhor, na esplendida vangloria
de virem contribuir aos festejos ducaes.

THESEU

Oiçamol-os embora.

PHILOSTRATO

Ouvir comicos taes,
e em tão ignobil peça! impossivel! repito
que a ouvi de cabo a cabo; era um rol infinito
de fandices de marca; a menos, meu senhor,
que lhes não leve em conta as intenções, o amor
que têm a Voffa Alteza, e a faina azafamada
em que andam para dar-lhe o que lhes tanto agrada.

THESEU

Que importa! nada é mau, quando a simplicidade
offerta á boa mente em prova de lealdade.
Que entrem, vamos ver isso; e vós, nobres senhoras,
fentae-vos ao theatro; ornae-o, espectadoras.

(Sai Philostrato.)

SCENA III

Os MESMOS menos PHILOSTRATO

HYPPOLITA

Eu por mim, vendo a fraqueza
forcejar, fem conseguir,
e o zelo em nobre empreza
vãos esforços confumir,
fico afflicta.

THESEU

Mas, querida,
aqui não receies tal.

HYPPOLITA

E a declaração formal
por nós n'este instante ouvida,
de que essa gente coitada
se arroja ao que obter não sabe?

THESEU

Logo, mór louvor nos cabe
se a agradecemos de nada.

*

Regalemo-nos de os ver
finceros extravarar;
fobra-nos para os louvar
o empenho de nos prazer.
Muita vez, correndo mundo,
me aconteceu ver-me á frente
de homens de engenho profundo,
que vinham expressamente
com discursos estudados
dar-me os emboras; chegavam,
tremiam, balbuciavam,
davam em fecco pafmados;
todos os seus comprimentos
cifravam-se na mudez;
pois aquella timidez
cá para os meus sentimentos
valia mais que eloquencias,
juro-t'ó. O amor quando cala
por tolhido, então nos falla
melhor que fatuas vehemencias.

SCENA IV

Os MESMOS e PHILOSTRATO

PHILOSTRATO

Se Voffa Alteza o defeja,
o Prologo ahi eftá já prompto.

THESEU

Pois que entre; vem muito a ponto;
e Minerva que o proteja!

(Tanger de trombetas.)

SCENA V

Os MESMOS e a figura do PROLOGO

PROLOGO

Se não goftardes do auto que trazemos...
fim... não é noffa a culpa, está sabido...
fim... que a noffa tenção não foi moer-vos,
foi presentar-vos, fim... uma amostrinha
de amor, e do pouquito que podemos.
Aqui está o principio verdadeiro
do noffo fim; portanto, está bem visto,
que vimos a tremer; fim... que não vimos
co'a presumpção de vos caufarmos gofto.
Tudo que em nós couber, ha-de fazer-se,
não para voffo enlevo, e fim co'a mira
em não ralar. A companhia é prestes.
Colligireis das fallas dos actores
o que faber do auto vos releva.

THESEU

Quanto a pontos e fentido,
o farçante é pouco mestre.

LYSANDRO

O Prologo espavorido,
lembrava um poldro silvestre,
que arrebatava a quem o monta,
e que o freio não contém.
Quem fallou sem pezo e conta,
não fallou; fallar é bem.

HYPPOLITA

Certo é; recitou aquillo
como um muchachinho toca:
dá sons da flauta que emboca,
mas não ha quem possa ouvi-lo.

THESEU

Que falla! não me lembrava,
senão um grilhão em monte.
Ha hi quem lhe os elos conte
n'aquella cegueira brava?
Mas basta de tal discurso.
Philóstrato, que mais temos?
como apressar poderemos
ás horas o tardo curso?

SCENA VI

Os MESMOS, PYRAMO, THISBE, a PAREDE, o LUAR,
e o LEÃO (especie de pantomima)

PROLOGO

Nobre auditorio! dou que estais pasmados do presente espectáculo; e assim mesmo é que deveis ficar, até que venha a verdade a final pôr tudo em limpo. Este fujeito é Pyramo (suppondo que o desejais saber); esta beldade é a Thisbe, está claro. Esse marmanjo, todo de cal e gesso emboldreado, representa parede, a vil parede que separava os nossos namorados, e só por uma fenda, coitadinhos, os deixava fallar de parte a parte, como era de razão. O da lanterna, co'o seu cão e a gavela de silvedo, figura de luar; que os namorados, se inda não sabeis isto, ao luar é que iam sem escrupulos ver-se ao prazo dado no tumulto de Nino, assim... em summa, de papearem de amor mais a seu salvo. Esta féra bestial que leão se chama, certa noite que a Thisbe refuluta chegára antes do amante, fez-lhe medo, digo até que a aterrou, pol-a em fugida.

N'aquelle feu fugir, cahiu-lhe a capa;
e o bruto defalmado, co'a dentuça
a escorrer fangue, achando-a, espedaçou-lh'a.
Sobrevem logo o Pyramo, este moço
esbelto e bem fornido; acha o cadaver
da capa do feu bem, puxa da espada,
fim, da espada homicida e fanguinosa,
e em si a espeta impavido; espadana-lhe
a fangueria do peito; ora, entretanto,
a Thisbe, que fe tinha demorado
ao pé d'uma amoreira, torna ao fitio,
entende o caso, arranca a espada, e vara-fe.
De tudo mais vos darão logo conta
co'as suas proprias fallas, a Parede,
o Luar, o Leão, e os dois amantes.

(Sáem o Prologo, Thisbe, o Leão, e o Luar.)

SCENA VII

Os MESMOS, menos o PROLOGO, THISBE,
o LEÃO, e o LUAR

THESEU

Um leão que fó dá urros
como é que póde fallar?

DEMETRIO

Não é coifa de pasmar,
quando fe ouvem palrar burros.

A PAREDE

N'este passo do auto, eu, por alcunha
 o Trombas, finjo' um muro; mas um muro
 velho e todo rachado; muitas vezes
 atravez d'estas rachas, Thisbe e Pyramo
 vem fegredar amor intimamente.
 Ser eu um muro é claro, e claro o mostram
 a minha pedra e cal e este rebôco;
 isto supposto, reparae na fíga
 por onde, um da direita, outro da esquerda,
 vêm fallar baixo os nossos dois medrosos.

*(Estende um braço com a mão aberta, e um largo
 interstício entre dois dedos.)*

THESEU

Para um cimento lanzudo
 não fallou mal.

DEMETRIO

Eu, fenhor,
 muro melhor fallador...

THESEU

Vem Pyramo; agora mudo!

SCENA VIII

Os MESMOS e PYRAMO

PYRAMO

Oh! noite horrivel! noite negra! noite!
tu que estás sempre onde não está o dia!
noite! noite! ah! ah! ah! se á minha Thisbe
passaria da ideia o noffo ajuste!
Tu, dôce e amavel muro, levantado
entre o chão do pai d'ella e o meu, descobre-me
a tua fíga; espreitarei por ella.

*(O muro estende o braço com a mão aberta e os dedos
apartados, diante da cara de Pyramo)*

Graças, muro cortez! Jove te ampare.
Porém, que vejo? oh! céos! não vejo Thisbe!
Muro ruim que o meu prazer me escondes!
malditas sejam tuas falsas pedras!

THESEU

Acho que o muro, uma vez
que é dotado de razão,
lançará ao descortez
maldicção por maldicção.

PYRAMO (*aproximando-se a Theseu*)

Não, fenhor; onde diz: «malditas sejam
tuas falsas pedras», é a deixa, e péga
logo a falla da Thisbe; ella apparece,
e eu estou cá pela greta a cogial-a.
Já vai ver que é tal qual... Vel-a lá chega.

SCENA IX

Os MESMOS e THISBE

THISBE

Que vezes me não tens ouvido, oh! mouro,
fuzpirar por nos teres apartados
um do outro, eu e o Pyramo! que vezes
tenho pregado os meus purpureos labios
n'esta argamassa tofca!

PYRAMO

Não me engano:
divisei uma falla; á fenda torno
a ver se *escuto*, ó Thisbe, o teu semblante.

THISBE

Amorinhos! és tu? és, amorinhos?

PYRAMO

Quer me creias, quer não, fou o cavalheiro teu namorado, outro fiel *Limandro*.

THISBE

E eu tambem outra Helena, até que o fado me affaffine.

PYRAMO

O *Bucephalo* da historia não fôï mais leal do que eu á sua *Pocris*.

THISBE

E eu tambem, nem *Bucephalo* me ganha em fer com *Pocris* no que eu fou comtigo.

PYRAMO (*pregando os labios nos dedos do muro*)

Pela aberta do muro excommungado venha um beijo!

THISBE (*pregando os labios do outro lado do muro*)

O que eu beijo, não são labios,
é poeira e terraça.

PYRAMO

Queres, Thisbe,
ir ter comigo ao tumulo de *Nico*?

THISBE

Morta ou viva, é já já!

O MURO (*abaixando o braço*)

Tenho acabado
o meu papel; por conseguinte, faço-me.

(*Sáem o muro, Pyramo, e Thisbe.*)

SCENA X

Os MESMOS menos o MURO, PYRAMO, e THISBE

THESEU

E foi-fe. Foi-fe a barreira
que apartava os dois queridos.

DEMETRIO

Paredes que tem ouvidos
vão prestes á voz primeira.

HYPPOLITA

Nunca vi tantos diflates!

THESEU

No genero extravagante,
a obra mais delirante
é sempre a de mais quilates;
e depois a phantasia,
que faz de pedras estatuas,
empresta ás obras mais fatuas
a sua propria poesia.

HYPPOLITA

N'esse caso, quem a méta
atingiu, por conseguinte,
foi o talento do ouvinte,
não o engenho do poeta.

THESEU

Não ache em nós mais rigores
que em si mesma a pobre gente;
fica um theatro excellente,
e elles optimos actores.
Calemo-nos; attenção!
Veamos a que ora vem
estes dois brutos além,
a Lua e mais um Leão.

SCENA XI

Os MESMOS, o LEÃO, e a LUA

LEÃO

Senhoras! vós, que vos finais de medo
vendo correr-vos perto um morganhinho
da maior pequenez, arripiadas
haveis de estar por força e espavoridas
vendo um leão feroz, aqui, rugir-vos
com toda a fua furia! Aflocegae-vos.
Qual leão! nem leôa! isto é fingido.
Quando não, quem da jaula me foltava?
E mais; fe eu fosse féra em realidade,
que viesse cá, de estomago damnado,
em que frescos lençoes me não mettia!

THESEU

Lindo bruto, e boa alminha!

DEMETRIO

Melhor, nunca em bruto a vi!

LYSANDRO

A féra mais montefinha
parece raposa aqui.

THESEU

Ou pato.

DEMETRIO

Pato e rapoza
a um tempo não póde fer,
que a rapoza, não repoufa
co'os patos fem os comer!

THESEU

Ponto em todos effes chiftes
com que o bom fenfo fe amua!
Oiçamos agora a lua,
que nunca fallar a ouviftes.

A LUA

Senhores! a lanterna que estais vendo,
figura-vos a lua e feus dois galhos...

DEMETRIO

Era mais conveniente
ter posto os galhos na testa!

THESEU

Se foffe quarto crefcente,
fim, mas lua cheia é esta.

A LUA (*recomeçando*)

Senhores! a lanterna que estais vendo
figura-vos a lua e feus dois galhos;
e eu, finjo o homem que se vê na lua.

THESEU

Que absurdeza! o figurão,
se o juizo lhe governa,
devia vir na lanterna
em vez de a trazer na mão.
Affim, varreu-se a illusão
do homem da lua.

DEMETRIO

Percebo;
temeu vir no lampião
a par com morrões e cebo.

HYPPOLITA

Esta lua já me apura!
tomára eu outra!

THESEU

A julgal-a
pelo que a vemos de escura,
é mingunte e cedo abala.

Mas emfim, a cortezia
fobre outras razões me pede,
que á lua que se despede
não tape a bocca em tal dia.

LYSANDRO

Vamos; quem póde, concede.
Continúa, lua, avia!

A LUA (*crescendo para o auditorio*)

Falta-me só dizer isto que digo:
que esta lanterna é a lua; que o da lua
fou eu; que este meu feixe de silvedo
é o feixe d'elle; e o cão que me acompanha,
em fumma, é o proprio cão do tal figuro.

DEMETRIO

Bem; se tudo isso é da lua,
metteffe-o no lampião.
Mas lá vem Thisbe; attenção!
oiçamos a falla sua!

SCENA XII.

Os MESMOS e THISBE

THISBE

Cá está o maufoleu do velho *Nico*.
Que é do meu bem?

LEÃO (*rugindo*)

Hãõ! Hãõ!

(*Thisbe foge, deixando cair a capa.*)

DEMETRIO

Viva o leão! que rugido!

THESEU

E a Thisbe! que ligeireza!

HYPPOLITA

E a lua então! a clareza
com que tem resplandecido!

(*O leão despedaça a capa da Thisbe.*)

THESEU

Bem arpoado, leão!

(*O leão sai.*)

SCENA XIII

Os MESMOS, menos o LEÃO

DEMETRIO

Vem Pyramo; o triste acua
fe divisa a capa.

LYSANDRO

Á lua
eclipsou-fe o lampião.

SCENA XIV

Os MESMOS e PYRAMO

PYRAMO

Bem hajas, meiga lua, pelo brilho
dos teus raios de sol; dou-te mil graças
por tanto resplendor, pois me permittes
com a tua aurea luz embevecer-me
em contemplar a minha Thisbe amada.
Mas tate! Ai dôr! Vejamos! Defditofo!
Que defastre cruel! Vêdes, meus olhos?
É possível? tu, tu, minha rolinha!

Esta capa! a melhor! tinta de fangue!
 Aproximae-vos, despiedadas furias!
 Parcas, vinde! cortae-me o extremo fio!
 derrubae! destrui! aniquilae-me!

THESEU

Quasi que afflige tal magoa
 de quem perde o unico bem.

HYPPOLITA

O mesmo finto eu tambem;
 tenho os olhos razos d'agoa!

PYRAMO

Para que eram leões, oh! natureza!
 se este leão perverso ha deshonrado
 a minha estremecida! a que é... a que era
 a mais formosa frol que houve entre damas!
 Vinde, lagrimas, vinde, e consumi-me!
 fái, minha espada, e vara-me este peito,
 aqui, do lado esquerdo, onde me pula
 o coração! expiro, expiro, expiro!
 Já morri, fui-me embora. A alma de Pyramo
 é no céo. Lingua, cessa! oh! lua, foge!
 D'esta vez, morro, morro, morro, morro!

(Cai moribundo; a lua sai.)

SCENA XV

Os MESMOS, menos a LUA

DEMETRIO

E fez ponto.

LYSANDRO

Olé fe fez!
ponto devéras final.
Nunca fez nenhum mortal
taes pontos mais d'uma vez.

THESEU

Se houvesse um cirurgião
póde fer que inda o salvasse,
e o feu brazão confervasse
á burrical geração.

HYPPOLITA

E a lua foi-fe, pergunto,
antes da Thisbe chegar?
como ha-de ella fem luar
atinar co'o feu defunto?

THESEU

Co'a luz dos astros. Oiçamos
o que dirá; lá vem ella
findar co'a fua querella
a tragedia em que penamos.

SCENA XVI

Os MESMOS e THISBE

HYPPOLITA

Por Pyramos d'esta casta
não póde fer longa a pena,
acho eu; qualquer phraze basta;
Deus lh'a depare pequena.

DEMETRIO

D'entre o amante e a fua amada
qual é que vantage alcança?
para inclinar a balança,
fobrára um atomo, um nada.

LYSANDRO

Já co'os feus bellos olhinhos
bispuou o morto.

DEMETRIO

Lá vai
desabafar feus carinhos
e fua dôr. Escutae.

THISBE (*encurvando-se para o corpo de Pyramo*)

Dormes, amor? Finado! meu pombinho!
Levanta-te d'ahi, Pyramo, falla!
falla! Pois nada, nada inteiramente!!
Morto! morto! ha-de a terra, olhos queridos,
encobrir-vos!! nariz acerejado;
testa de liz; queixádas amarellas,
qual flôr de orelha d'urso; acabou tudo!
acabou tudo! Suspirae, amantes!
Ai, olhos verdes, como flôres d'alho!
Co'as voffas lacteas mãos, valei-me oh! Parcas!
no meu fangue as tingi, já que as thefoiras
podéistes pôr na feda do feu fio!
Lingua, basta! Vem cá, fiel espada!
vem, catana, em meu feio te mergulha!
Adeus, amigos! Foi-se a Thisbe, adeus!
adeus, fecho como elle os olhos meus!

(*Traſpassa-se, e cai morta.*)

THESEU

Para enterrar os finados
resta o Luar e o Leão.

DEMETRIO

Que podem fer ajudados
do muro de divifão.

CANELLAS (*levantando-se*)

Qual muro! o muro foi-fe! Agora escolham,
se querem *ver* o epilogo, ou preférem
ouvir um bailarico bergamaſco
por dois focios da noſſa companhia.

THESEU

Nada de epilogo. A peça
apologias diſpenſa,
e até deſculpas. Quem penſa,
(n'uma deſgraça como eſſa
em que tudo ficou morto)
quem penſa em glozas? só acho
que o auçtor, o genio macho
que eſcreveu tão raro aborto,
ſe ſe encarrega da parte
do Pyramo, e em vez de eſpada,
co'a liga da ſua amada
ſe afoga; era a gloria da arte.

Affim mefmo o auto é bonito,
e não fez em fcena fiasco.
Deixe o epilogo, repito;
venha o baile bergamafco!

(Sai uma dança palhaça.)

Meia noite! meia noite!
grita o bronze. Áperta, amantes!
tudo ao thalamo fe acoite
dos espiritos vagantes!
Ámanhã, creio que o dia
não virá de madrugada.
Noffo amor, e esta noitada,
já cá dentro m'õ annuncia.
Eia, amigos! prefto! aos leitos!
vezes quinze inda nos resta
que amor traga aos feus eleitos
renovada esta aurea fefta!
Quinze dias em caricias!
quinze noites em folgar!
onde ha hi, onde ha delicias,
quaes nós vamos desfruãtar?

(Sãem todos.)

QUADRO VIII

Magnifico vestibulo do palacio de Thefeu.

SCENA XVII

O TRASGO (*com uma vaſſoira de gieſtas*)

Chega a hora em que ruge o leão;
 ao luar uiva o lobo; e o colono
 fe refaz no ſilencio do ſomno
 para as lidas que á eſpera lhe eſtão.

O tição na lareira vaſqueja;
 pia o mocho; e ao enfermo affligido
 entremoftra, co'o torvo gemido,
 a mortalha que perto lhe alveja.

É a hora nocturna em que aberta
 cada cova deſpede um finado,
 que lá fegue, fóſinho e calado,
 pela fenda da egreja deſerta.

E nós espiritos,
nós, comitiva
do carro de Hécate
que ao sol se esquivava,
nós, traços, sylphides,
duendes, fadas,
das trevas sequito,
visões fonhadas,
folgar no tacito
da treva grossa!
aproveitemo-nos
de hora tão nossa!
Não oufe o minimo
dos morganhitos,
turbar-vos o ocio,
lares bemsditos!
Para isso, eu, nuncio,
com gieftas só,
aqui do introito
vos varro o pó.

SCENA. XVIII

O MESMO, OBERON, TITANIA, e sua comitiva
de FADAS

OBERON

Jaz em silencio o paço; e estão morrendo os lumes;
chega o momento nosso! Aqui, subtis cardumes!

fadas, genios, aqui, já já, eu vol-o mando!
 furdi, quaes d'um farçal, os passaros em bando!
 Acorrei a dançar, e repeti comigo
 cantos de boa estreia aos noivos que bemdigo!

TITANIA

Ditae vós o theor. Nós todas, de mãos dadas,
 o papearemos logo, em tripudio de fadas,
 chamando á estancia augusta as benções mais doiradas.

*(Tripudio acompanhado de canto sobrenatural,
 com palavras indistinctas.)*

OBERON

Correi, fadas, girae no paço desde agora,
 'té que nos céos desponha a luz da fresca aurora.
 E nós, Titania minha, ao thalamo ducal
 vamo-nos influir com prosperos auspicios
 a fausta bemdicção dos fados mais propicios,
 que aos fructos d'este amor abranja por igual.
 Aos tres pares, que amor agora mesmo enlaça,
 mandamos que jámais se esfolhe o bemquerer;
 e que a estação de amar, que aos mais tão breve passa,
 logre n'estes casaes perpetuo florescer!
 E, por que em nada emfim a dita se lhes quebre,
 os filhos que hão-de vir, defar nenhum terão:
 nem malhas, nem signaes, nem o beijo de lebre,
 nem finalmente, e em fumma, o minimo fenão.

Ora fus! fadaría! Andar, colher dos prados
rócio de antemanhã, que é rócio de virtude!
aspergir cada quarto! e paz que nunca mude
ferá voffo condão, tectos afortunados.

Presto! presto! abalemo-nos! presto!
Lá da noite no ultimo resto,
quando a aurora penfar em furgir,
bastaará nos tornemos a unir.

(Sáem Titania e Oberon com as suas comitivas.)

SCENA XIX

O TRASGO *(ao publico)*

Phantasticos moradores
das regiões extra-mundo,
se desprouvémos, senhores,
a vós, inda habitadores
d'este planeta profundo,
bom remedio; imaginae
que pelo somno passastes;
que estando a dormir, sonhastes;
que o sonho durou um ai,
e que n'outro ai acordastes.

D'este enredo frouxo e vão,
levae fómte a lembrança
d'uma passada illusão;
e em nós, co'o voffo perdão,
dobrae força e confiança.
Palavra de trafo honrado:
fe escapamos d'esta vez
aos filvos do drago irado,
o bem que hoje se não fez,
far-se-ha breve, e melhorado;
crede no voffo Robim.
E agora, benigna gente,
essas mãos todas a mim!
o Trafo, esforçado assim,
voffo fica eternamente!

FIM DO 5.º E ULTIMO ACTO.



NOTAS

NOTAS

I

RAZÃO DO TÍTULO

Não ferei eu quem a dê; ha-de ser Francisco Victor Hugo, o mais cabal interprete, até hoje, das obras de Shakespeare. Ora ouvi-o:

« O titulo posto por Shakespeare á sua peça *Midsummer night's dream*, não vai aqui no francez textualmente vertido, por não ser possível.

« A expressão *Midsummer*, deixar fallar os dictionarios, não tem equivalente verdadeiro em francez. *Midsummer* não significa propriamente o meio do estio; não é um prazo incerto do anno. *Midsummer* é um dia de festa, inteiramente britannico, marcado no calendario protestante no dia 24 de junho, isto é, no começo do estio, correspondente ao S. João no calendario catholico.

« Na Inglaterra de Shakespeare a vespera do *Midsummer* era a noite phantastica por excellencia. N'essa noite, e no momento a ponto em que nascera S. João, é que sahia da terra a afamada semente de feto, que tinha a virtude de tornar invisivel. Para haverem esta semente, pelevavam entre si com toda a braveza as fadas capitaneadas da sua rainha, e os demonios sob o mando de Satanaz. Os magicos mais destemidos, costumavam

ter-se de véla nas solidões, com o intuito de ganharem por mão aos espiritos, e apanharem primeiro que elles, a preciosa femente. Muitas vezes porém lhes succedia aguentar com elles defaveanças pavorosas; e a não terem por si feitiços de grande posse, levavam a vida em contingencias. N'esses lances, os mais bem livrados eram os que só vinham fovados do conflicto.

«Grose, no seu *Provincial Glossary*, falla d'um individuo, que tendo ido á cata da femente, foi arrastado dos espiritos, defancado á mão tente, e sahiu da balburdia descarapuçado. Ao cabo, cuidando ter apurado para si uma boa quantia da femente, fechada n'um cofre com todo o resguardo, quando chegou a casa deu com elle vazio.

«Na mesma meia noite quem quer que estivesse sentado, e em jejum, no portal d'uma igreja, podia ver os espiritos das pessoas que tinham de morrer na freguezia no decurso do anno; estes atravessavam o cemiterio encarreirados na mesma ordem como os haviam de enterrar, encaminhavam-se para a porta da igreja, e batiam.

«Conta o auctor do *Pandemonium*, que uma noite um dos que velavam ao portal d'uma igreja, se deixára adormecer, e os outros que permaneciam despertos, viram a alma d'elle bater á porta, sem o corpo se lhe bolir d'onde jazia.

«Querendo uma rapariga n'essa noite averiguar quem viria a ter por marido, cumpria-lhe estar em jejum, e apparelhar uma ceia no melhor aposento da casa, para o que recobria a meza com uma toalha alva, pondo-lhe em cima pão, queijo, e cerveja boa; abria a porta da rua, voltava para dentro, e sentava-se.

«Á meia noite entrava a sombra do seu predestinado, encaminhava-se para a meza, enchia um copo, bebia á faude da noiva, cortejava-a, e sahia.

«Outro modo costumado das raparigas inglezas para evocarem a apparição dos seus maridos futuros, consistia em defenterrarem um pedaço de carvão de pedra que se achasse por baixo da raiz da tanchagem, e fotopol-o ao traveffeiro. Tinham por infallivel que haviam de ver em sonhos o seu futuro. Crença e costume, que ainda no fim do xvii seculo subsistiam.

« No verão passado, escreve o chronista Aubry em 1695, passeava eu na vespera de S. João Baptista n'um pascego por traz de Montagne House. Era meio dia quando avistei umas vinte e duas ou vinte e tres mulheres, quasi todas bem entrajadas, e todas agachadas, como que a desmondar. A principio não pude perceber a significação d'aquillo; mas ao cabo, houve um moço que me disse que andavam á procura d'um certo carvão por baixo da raiz da tanchagem, para o metterem n'essa noite sob o cabeçal, e verem por sonhos os que haviam de ser seus maridos.

« As defavenças das fadas com os demonios n'essa noite, preocupavam a todas as cabeças. Quem adormecia, já podia contar com os sonhos mais extravagantes e estramboticos.

« Na *Noite de Reis*, Olivia fallando do supposto extragar de Malvolio, dil-o tomado do defatino de *Midsummer*. »

« De tudo isto se conclue que Shakespeare no intitular esta sua comedia de fadaria: *Midsummer night's dream*, nol-a quiz dar por um sonho infolito como o poderia ter um dormente por noite de S. João. E elle proprio explica esse pensamento no epilogo final, quando o Trasgo diz aos espectadores :

« If we shadows have offended,
Think but this (and all is mended),
That you have but slumber 'd here,
While these visions did appear.
And this weak and idle theme,
No more yielding but a dream,
Gentles, do not reprehend.

Phantasticos moradores
das regiões extra-mundo,
se desprouvemos, senhores,
a vós, inda habitadores
d'este planeta profundo,

bom remedio ; imaginae
 que pelo somno passastes ;
 que estando a dormir sonhastes ;
 que o sonho durou um ai,
 e que n'outro ai acordastes.
 D'este enredo frouxo e vão,
 levae sómente a lembrança
 d'uma passada illusão ;
 e em nós co'o voffo perdão,
 dobrae força e confiança.

« Muitos commentadores por defattentarem n'esta explicação dada pelo proprio poeta, phantasiaram que por este titulo: *Midsummer night's dream*, quizera elle especificar o prazo em que o enredo da comedia se passava. A prova de que andaram errados n'esse juizo, é o cuidado com que o auctor nos precaveu, por bocca de um dos interlocutores, de que a acção se dá no começo de maio. Quando Theseu descobre na matta maravilhosa os quatro amantes por terra a dormir, diz a Egeu que certamente haviam de ter vindo celebrar o rito de maio, e para isso madrugaram. Portanto, não é, como geralmente se cuida, *n'uma noite de estio*, que Bottom (Canellas) e Titania se enamoraram ; foi fim n'uma noite de primavera. »

« Esta rectificação não se podia dispensar, visto accusarem a Shakespeare de intitular a peça á toa, cahindo em contradicção comfigo mesmo. »

« A verdade é que tal contradicção não existe. Os successos phantasticos a que o leitor imagina assistir, sonhando, se dão na primeira noite de maio ; mas o sonho, imagina-se que o auditorio o tem na noite de 23 ou 24 de junho, vespera de *Midsummer*. »

Continuemos a ouvir Hugo, coisa que ainda faz ao nosso proposito:

« Para traduzir por um equivalente o titulo inglez, podia eu ter chamado a comedia: *Sonho d'uma noite de S. João*, mas

para leitores francezes esse titulo era vazio de sentido, porque em França não se cazam com essa noite solemne, as mesmas phantasticas superstições que em Inglaterra. Intendi portanto que podia conservar na peça traduzida a versão litteral da obra prima de Shakespeare: *Sonho d'uma noite de estio.*»

Concluamos agora nós com observar que essa ponderação, que judiciosamente o induziu a chamar a comedia franceza *Sonho d'uma noite de estio*, em vez de *Sonho d'uma noite de S. João*, que feria o proprio, de modo nenhum procede para um traductor portuguez.

A noite de S. João não é talvez muito mais inçada de practicas supersticiosas, crenças de prophcias, e chimeras poeticas, entre o povo inglez, que pelos nossos campos, e até pelas nossas cidades; e já pôde ser que no contrabalanço levassemos nós a melhoria, se cada provincia, cada serra, e cada aldeia, concorresse com todo o seu muito haver, e a sua muito maior carencia de bom discurso, n'estas e n'outras materias semelhantes.

Fica-nos de sobra justificado, segundo nos parece, o titulo de *Sonho d'uma noite de S. João*.

II

THESEU (*Duque d'Athenas*)

A qualificação de *Duque de Athenas* só figuradamente se pôde applicar ao famigerado Theseu. O titulo ducal, em qualquer das accepções que se lhe foram com o girar dos tempos variando até aos nossos dias, é posterior largos seculos a Theseu. Shakespeare só o poude empregar aqui como synonymo de tyranno (recebido o nome á boa parte), de Rei, ou soberano de um estado; isso foi-o sem duvida Theseu para os athenienses.

Posto não seja fácil a nós outros, cá tão longe, deslindar com grandes probabilidades de acerto, o verdadeiro e o fabulado que engrandeceram para a posteridade aquelle semi-deus da Grecia antiga, que mereceu erigir-se-lhe um dos templos mais fastosos, e dos menos arruinados ainda hoje, sempre fica indubitavel haver sido Theseu um excellente principe, guerreiro dos mais esforçados, bom politico, fundador e civilizador, e um dos primeiros benemeritos da Attica.

Tal o concebeu a maravilhosa intuição do nosso poeta, e assim nol-o representa no correr da acção.

Grande foi, segundo nos parece, a allucinação de Francisco Victor Hugó, quando na 2.^a nota á comedia escreveu o seguinte:

«O titulo de Duque de Athenas dado a Theseu, para logo nos indica o personagem que nos apparece.

«O Theseu de Shakespeare não é o Theseu da antiguidade, o vencedor do Minotauro, o seductor de Ariadne, o marido da incestuosa Phedra. É sim um grande senhor da idade média, que do classico só tem o nome; não é um heroe, é um cavalleiro. Não offerece sacrificios a Apollo; festeja o dia de S. Valentim, e em formosos versos o declara. Não só é posterior a Dido, mas é-o até á invenção do brazão, do qual Hermia faz a Helena descripção tão por miudo.»

«Para o vestir á propria, não deviam, como hoje se faz no theatro inglez, entrajal-o de chlamyde, calçar-lhe coturno, e pôr-lhe capacete cristado á grega; haviam de o representar como Shakespeare o phantaziára: guarnecido d'uma armadura da Renascença, com escudo d'armas sobre a coiraça, corôa no capacete, e brandindo não o ferro sem punho como os primeiros athenienses, mas sim a espada damasquina de Bayardo ou de La Palice.»

«Em summa o *ennobrecimento* de Theseu, não data do xvi seculo, mas sim do xiv», etc.

Achamos admiravelmente falso todo este arrazoado de Hugo, e contraproducente o quinau que imagina ter dado aos empresarios e actores inglezes, pelo modo como caracterizam o Theseu.

Que ha um anachronismo, e sobeja contradicção entre o heroe tão anterior ao christianismo, e o festejar elle a S. Valentin, é ponto affente e incontestavel; mas quantos outros anachronismos, e em composições mais historicas do que esta, se não poderiam notar ao nosso admiravel poeta?

Agora admittendo-se a hypothese de ser este Theseu, não o antigo, mas outro pertencente já ás eras modernas, posterior a Dido, posterior ao brazão, etc., que explicação, que desculpa, imagina o critico ser possivel para as allusões claramente expressas pelo mesmo Theseu ao seu parente Hercules, á guerra dos Centauros e Lapithas, ao seu regressar victorioso de Thebas? e o seu desposorio com a rainha das amazonas! e as suas caçadas em Creta com Hercules e Cadmo! e tantos outros testemunhos egualmente flagrantes, entre os quaes não avulta pouco o dialogo de Titania com Oberon na scena II do acto II!

De incoherencia e anachronismo, não se nos figura que possa alguém livrar aqui o nosso auctor; mas o que em nossa consciencia entendemos, e damos por mais que provavel, é que anachronismo por anachronismo, menos escandaliza o do S. Valentin na bocca do Theseu mais de duas vezes millenario, que o cardume d'elles muito mais destemperados que reffaltariam das fallas de um Theseu, cavalleiro da idade média.

Sobretudo não esqueçamos que a acção da comedia é sonhada, e que nos sonhos, todos sabem por experiencia o como tempos, logares, e até pessoas, se baralham, e permutam entre si, atropellando não só a logica, mas até a possibilidade.

Em qualquer noite, quanto mais na de S. João, tudo cabe em quem está sonhando.

III

HYPPOLITA

Esta ex-rainha das amazonas, assim como os seus estados exclusivamente femininos, é em boa verdade entidade mais que nebulosa e suspeitíssima. Objecções não leves se levantam da parte da natureza, e as deitaram para as regiões das fabulas, tão frequentadas e queridas dos poetas.

Como quer que seja, esta Hyppolita que na comedia nos apparece vencida e noiva de Theseu, a despeito da outra lenda que a presume vencida por Hercules, e por elle dada ao seu parente e amigo Theseu em casamento, não desmente em Shakespeare a sua indole primitiva de guerreira, mas a torna-a como quer que seja com affectos mais brandos, e mais proprios do seu sexo. Aqui virá menos heroina, mas em troca fai-nos mais devéras mulher, mais amavel, e mais de receber.

IV

EGEU

O Egeu que figura na comedia, nada tem que ver com o Egeu pai de Theseu. Este aqui é um corteção velho, talhado para rizo, e sem importancia alguma, nem historica, nem fabulosa.

V

MESTEIREIROS D'ATHENAS

Meia duzia d'elles nos apresenta o poeta. O primeiro é: *Quince, the carpenter*; á letra, *Marmello carpinteiro*. O *Marmello* cheira a alcunha.

O segundo: *Bottom, the weaver*. Das muitas e diversas significações da palavra *Bottom*, nenhuma nos pareceu tão apropriada para um tecelão, que a houvessemos de preferir á alcunha que lhe démos de *Canellas*, que é o nome que os do officio dão a um canudinho de canna ou páu em que se doba o fio que ha-de faír da lançadeira para se entretecer com os do ordume.

O terceiro: *Flute, the bellows-mender*, que quer dizer textualmente: *Flauta, concerta folles*, não perdeu, chrismando-se em *Gaitinhas, folleiro*.

O quarto: *Snout, the tinker, Trombas*, caldeireiro.

O quinto: *Snug, the joiner*. Varias coizas póde significar *Snug*, mas nenhuma d'ellas pareceu acertar bem, nem com o officio de marceneiro para servir de apodo, nem com a parte de *Leão* que ao sujeito se destina no auto; por isso, e porque tambem o ponto se não julgou de grande substancia, antepoz-se: *Rabote, marceneiro*. Rabote é uma ferramenta do officio.

O sexto: *Starveling, the tailor, o Esfomeado, alfaiate*.

Salta aos olhos a femcerimonia com que Shakespeare trata estes mechanicos, nomeando-os pelas alcunhas, não lhe confiando senão papeis da mais chapada ignorancia, e condignamente executados.

VI

NOTA Á SCENA III DO ACTO I

O variadíssimo culto de Diana, que na Grecia, e na propria cidade de Athenas foi tambem festejadíssima, não deixa de se compadecer até certo ponto com a idéa de que poderia haver, no tempo em que a acção se passa, o que quer que fosse parecido com uma clausura das virgens confagradas á grande deusa. Vesta não teve tambem em Roma as suas sacerdotizas claustradas, para não citarmos outros exemplos?

Pareceu-nos util e justo lembrar isto em abono da invenção, aliás verosimil, de um mosteiro atheniense habitado de virgens de Diana, com voto de celibato.

Como conciliaria o Snr. Francisco Víctor Hugo esta referencia expressa, que Theseu faz aqui a este mythologico monachismo, com a festa de S. Valentim, fundamento, assim como o brazão, com que elle increpa o theatro inglez, por não vestir á idade média o Theseu historico-mythologico?

VII

NOTA Á SCENA VIII DO ACTO I. (*A mais que infeliz tragicomedia em que se amosra a desastrada morte dos amantes leaes Pyramo e Thisbe.*)

Do poema das *Metamorphoses de Ovidio*, livro iv, é que faiu a burlesca parodia que Shakespeare põe em acção n'esta comedia.

Para que melhormente se aprecie a obra do segundo poeta, não é recordar o modo como o primeiro tratára o assumpto.

Vamos transcrevel-o da versão de Bocage, tal como a encontramos na nossa traducção das *Metamorphoses*, tomo I, paginas 174:

Pyramo, singular entre os mancebos,
e Thisbe, superior em formosura
a todas as donzellas do oriente,
tinham contiguas as moradas suas,
lá, onde é fama, que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade.
A amor a visinhança abriu caminho;
n'elles foi com a idade amor crescendo;
e unir-se em dôce nó votaram ambos;
o que injustos os paes não permittiram.
Em vivo igual desejo os dois ardendo,
que isto os paes evitar-lhes não poderam,
sem confidente algum, fô por acenos,
por signaes, se entendiam, se afagavam.
Quando amor se recata é mais activo.
Parede, que os dois lares dividia,
rasgada estava d'uma tenue fenda
desde o tempo em que foram fabricados.
Ninguem tinha notado este defeito;
mas que não sente amor? que não descobre?!
Vós, amantes fieis, vós o notastes;
e d'elle se valeu fagaz ternura.
Soiam por ali passar sem medo
brandas finezas em murmurio brando,
d'uma parte o mancebo, e Thisbe de outra,
prestando unicamente e recebendo
seu halito amoroso, assim carpiam:
— Invejosa parede! a dois amantes
porque, porque te oppões? Ah! que importava,
que perfeita união nos consentisses!

ou, se isto é muito, ao menos franqueaffes
aos oculos de amor logar bastante!
Mas, não fomos ingratos, confessamos
que os nossos corações a ti só devem
dôce conversação que os defafoga. —

Separados assim e em vão diziam:
Dando um faudofo adeus, já quasi á noite,
ao partir, cada qual suave beijo
na parede infensível empregava,
nem que o terno penhor chegar podêsse
aonde o dirigia o pensamento.
Um dia, quando, roto o véo nocturno,
tinha ante os lumes da serena aurora
desmaiado nos céos a luz dos astros,
e Phebo com seu raio ia seccando
sobre as hervas subtís o frio orvalho,
ao logar do costume os dois volveram.
Depois de mutuamente se queixarem
da pesada oppressão, que os constringia,
com mais cautela ainda, em tom mais baixo
concertam entre si, que, em vindo a noite,
haviam de illudir os pais, e os sérvos,
de seus lares fugindo e da cidade;
que, por não se perderem, vagueando
pelo campo espaçoso, ao pé da antiga
sepultura de Nino ambos paraffem,
postos á sombra de arvore frondosa:
esta arvore, que alli ao ar se erguia,
carregada de fructos côm de neve,
então da côm da neve até maduros,
era a grata amoreira; amena fonte
fervendo junto d'ella o chão regava.
Quadrou o ajuste: e nas cerúleas ondas
cahindo tardo o sol para os amantes,
e, d'onde o sol cahiu, surgindo a noite,

MARMELO

Deixe-o fer; improvise; o caso todo
é rugir.

CANELLAS

O leão também o eu quero;
verão que bruto! rugirei por modo,
que regale o auditorio. Até Sua Alteza
me ha-de gritar «bis! bis!»

MARMELO

Se amedrontaffes
bem de mais, aterravas a Duqueza
e as damas; era tudo em alaridos;
e nós, acto contínuo, á dependura.

TODOS

Que de cachos! arreda!

CANELLAS

Isto é verdade,
rapazes; se endoidaffemos de medo
as damas, sempre lá lhes ficaria
com luz quanto bastasse de bestunto
para nos pôr na fôrca; mas descansem,

que eu hei-de pôr na voz abafadores,
por modo que o rugir mais fôe a arrulho
de pomba namorada; hei-de rugir-lhes,
que nem um *raxinol*.

MARMELO

Adeus; já disse:
o teu papel é o Pyramo, e mais nada.
O Pyramo, vês tu? é um rapazote
de aspecto prazenteiro, um Rodriguinho
todo alfenado, á laia de uns que vemos
nos passeios do estio espanejar-se;
mui fenhor, muito amavel; está dito:
has-de fazer o Pyramo.

CANELLAS

Pois feja.
Que barba devo eu pôr que mais condiga
co'ô tal figuro?

MARMELO

Eu fei! a que quizeres!

CANELLAS

Tenho uma côr de palha, tenho a outra
côr de laranja, tenho uma escarlate,

e tambem tenho a outra, affim tirante
a grenha de francez, toda amarella.

MARMELO

De francez, fe o francez não fôr pellado.
Farás o teu papel escanhoadinho,
que é melhor; mãos á obra, meus fenhores.
Aqui tem cada um a fua parte.
O que eu peço, encommendo, e recommendo,
é que as vão aprender a toda a preffa,
que ámanhã á tardinha enfaia-fe isto
na matta convifinha do palacio,
d'aqui menos de legoa, ao luar; fe foffe
cá na cidade o enfaio, Deus nos livre!
eram logo olheirinhos a espreitar-nos,
rompia-fe o fegredo, e a brincadeira
previfta já, fahia-nos aguada.
Agora vou fazer o apontamento
de tudo que é mifter para effectuarmos
a representação; ninguem me falte,
por quem fão!

CANELLAS

Lá feremos. Boa idéa
teve o mestre Marmelo. Affim o enfaio,
fem medo de mirões, corre mais livre;

fempre ha mais defaffogo. Andar. As partes
bem fabidinhas. Fóra já! .

MARMELO

Sentido.
No Carvalho do Duque é o prazo dado.

CANELLAS

Bom. Dê por onde dér não faltaremos.

FIM DO 1.º ACTO.

achada occasião, por entre as fombras
Thisbe astuta das portas volve a chave,
engana os feus, e fai. Cobrindo o rosto,
caminha para o tumulto de Nino:
chega, e debaixo da arvore se affenta:
dava amor oufadia á linda moça.
Eis que feroz leôa, ensanguentada
de recente matança a bocca enorme,
affoma, e vem depôr na fonte a sêde.
Porque o pleno luar cobria o campo,
a vê, ao longe, a babilonia Thisbe;
e com timidos pés em gruta umbrosa
vai fumir-se correndo, e palpitando;
e na carreira o véo lhe cai por terra.
Depois que o torvo bruto a sêde ardente
nas aguas apagou, tornando aos bosques,
o folto véo sem Thisbe acafo encontra,
e no fanguineo dente o despedaça.
Pyramo, que do lar sahiu mais tarde,
que vê no erguido pó signal de féra,
e de féra no chão pégadas nota,
descórando, estremece, e, tinto em fangue,
acha o caído véo. N'uma só noite
diz elle, dois amantes se perderam!
perdeu-se a bella, a triste, a desgraçada,
que de longa existencia era tão digna!
Eu tive toda a culpa; eu, miserando,
eu fui, quem te matou; fui, quem te disse,
que, de noite, que, só, te aventurasses
a tão ermo logar, tão pavoroso;
e, para te acudir, não vim primeiro.
Lacerae-me este corpo abominavel,
devorae-me estas barbaras entranhas,
ó leões, que jazeis por essas cóvas.
Mas chamar pela morte é só dos fracos.

Já da terra levanta o véo da Thisbe,
e, com elle nas mãos, demanda as fombros
da amoreira, logar do terno ajuste.
Cobrindo-o lá de lagrimas e beijos,
o meu fangue, lhe diz, tambem te regue.
Recebe, ó triste véo, tambem meu fangue.
E, subito despindo o ferro agudo,
que ao lado lhe pendia, em fi o embebe:
da ferida mortal o extrahe, o arranca,
e de costas no chão depois baqueia.
Pelos ares com impeto repuxa
o fangue em purpurantes espadanas;
Tal de um pleno aqueducto o plumbeo cano,
roto do tempo, contra o céo dardeja
de aguas fonoras remessada lança.
Da ramosa amoreira os alvos fructos,
pela rubra corrente rociados,
em triste, negra côr a antiga mudam;
e do fangue a raiz humedecida
logo ás amoras purpureia o fumo.

Inda não livre do primeiro susto,
volta a gentil donzella ao fatal sitio,
porque a não ache em falta o caro amante;
co'os olhos, e co'o animo o procura,
desejosa de expôr-lhe o grave risco,
de que pode escapar-se: reconhece
o posto, e n'elle a arvore; com tudo...
mudada no exterior a estranha agora!
Duvída se é a mesma. Emquanto hesita,
vê torcer-se, arquejar na terra um corpo,
na terra, que de fangue está manchada;
recúa de terror: pallido o rosto,
como estatua de buxo, ábsorta, muda,
arripia-se, e freme á similhaça
do rouco mar, fe as virações o encrespam.

Mas depois que attentando emfim conhece
a porção da sua alma, os seus amores,
rompe em chóros, em ais; maltrata o peito,
o peito encantador que o não merece;
arranca delirante as loiras tranças:
entre os braços aperta o corpo amado,
verte amargosas lagrimas no golpe,
correndo misturados sangue e pranto.
Piedosos beijos dá no rosto frio;
clama: — Ó Pyramo! ó céos! que duro caso
te arrebatou de mim!? Pyramo, escuta,
responde-me, querido; a tua amada,
a tua fiel Thisbe é quem te chama! —
O semblante abatido ergue da terra,
ouvindo proferir da amada o nome,
o malfadado moço; eis abre os olhos;
já do pezo da morte enfraquecidos,
volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.
Vê a infeliz seu véo; do amante ao lado
vê a eburnea bainha estar sem ferro.
— Tua mão, teu amor te hão dado a morte!
Eu tambem tenho mãos — exclama a triste —
eu tambem tenho amor capaz de extremos,
que esforço me dará para seguir-te.
Sim eu te seguirei, ferei chamada
da tua desventura, a causa, a fozia.
Separar-nos a morte só podia;
mas não! nem póde a morte separar-nos!
Ó vós, dae terno ouvido ás preces de ambos,
miseros paes de miseros amantes,
que une por lei do Fado amor e a morte;
deixae, que o mesmo tumulo os encerre.
E tu, arvore, tu, que estás cobrindo
agora um só cadaver miserando,
logo dois cubrirás, signaes conferva
da tragedia, que vês, e por teus fructos

diffunde sempre a côr do lucto e magoa,
monumento fatal do negro caso. —

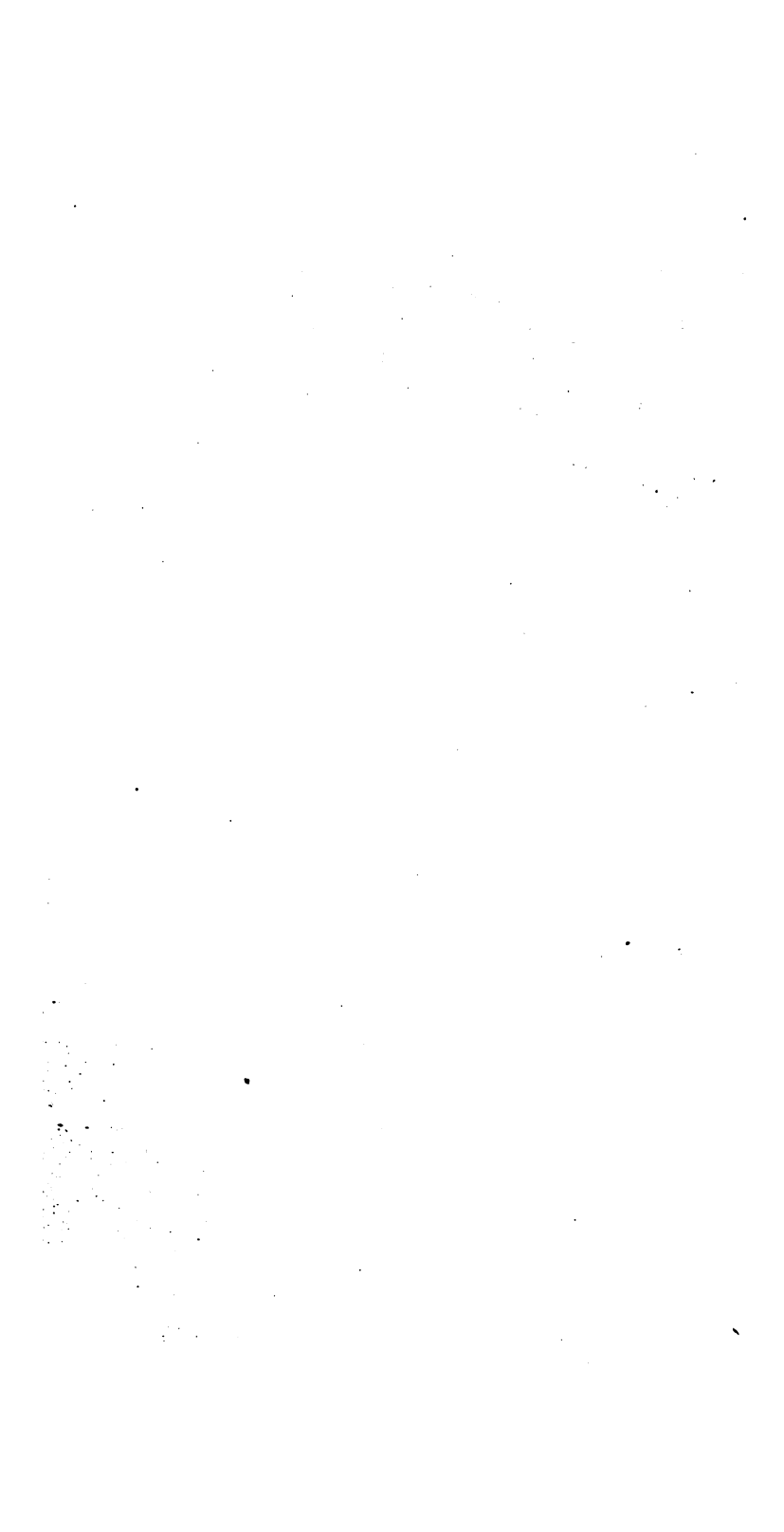
Cala-fe; encofta o peito á ferrea ponta,
do fangue do infeliz tépida ainda,
e traspaffa-fe, e cai. Das préces triftes
comtudo os céos, e os paes fe enterneceram.
Nos ramos da frondifera amoreira,
quando maduro eftá, negreja o fructo ;
e a lacrimofa, paternal piedade
guardou n'uma fó urna as cinzas d'ambos.

VIII

PASSEANDITO (*pag. 52, verso 2*)

Os gerundios em diminutivo, que tão frequentes correm no heſpanhol do ultramar, fãõ tão gracioſitos, que cedi á tentação de empregar eſte aqui em linguagem de fada.





À VENDA NA LIVRARIA CHARDRON

PORTO E BRAGA

CASTILHO

Camões, estudo historico poetico. 2.^a edição, muito acrescentada nas Notas. 3 volumes..... 1\$500

Traducção dos Fastos de Ovidio, annotada por mais de 100 escriptores portuguezes contemporaneos. 6 volumes 4.^o 3\$600

F. GOMES DE AMORIM

Cantos Matutinos, (versos). 3.^a edição. 1 volume..... 800

Ephemeros. 1 volume in-12.^o 800

THEOPHILO BRAGA

Estudos da idade média, contendo: Mythologia iberica. O cyclo de Sam-Graal — Virgilio na idade média — Os contos de fadas — Lenda do Judeu Errante — Lenda do doutor Fausto — Poesia da navegação portugueza — Poesia mystica amorosa — As cartas de uma religiosa portugueza — Os poetas menores — Luta da introdução do romantismo em Portugal. 1 volume in-12.^o... 500

Visão dos tempos, antiguidade homerica, harpa de Israel, rosa mystica. 2.^a edição, 1871, correcta e augmentada. 1 volume in-12.^o..... 500

Cancioneiro e romanceiro geral portuguez, confecção e estudos: 1.^o volume. Historia da poesia popular portugueza. 2.^o vol. Cancioneiro popular. 3.^o vol. Romanceiro geral. 4.^o vol.

Floresta de varios romances. 4 volumes in-12.^o..... 2\$00
Torrentes, ultimos versos. 1 volume..... 1\$00

A. GONÇALVES DIAS

Poesias. 5.^a edição, augmentada com muitas poesias, incluzendo os Tymbiras, e cuidadosamente revista pelo snr. dr. J. M. precedida da biographia do auctor, pelo rev. conego dr. Fernandes Pinheiro. 2 volumes in-12.^o..... 2\$00

CUNHA VIANNA

Relampagos, com um prefacio por João Penha. 1 volume in-12.^o..... 1\$00

JOÃO DE DEUS

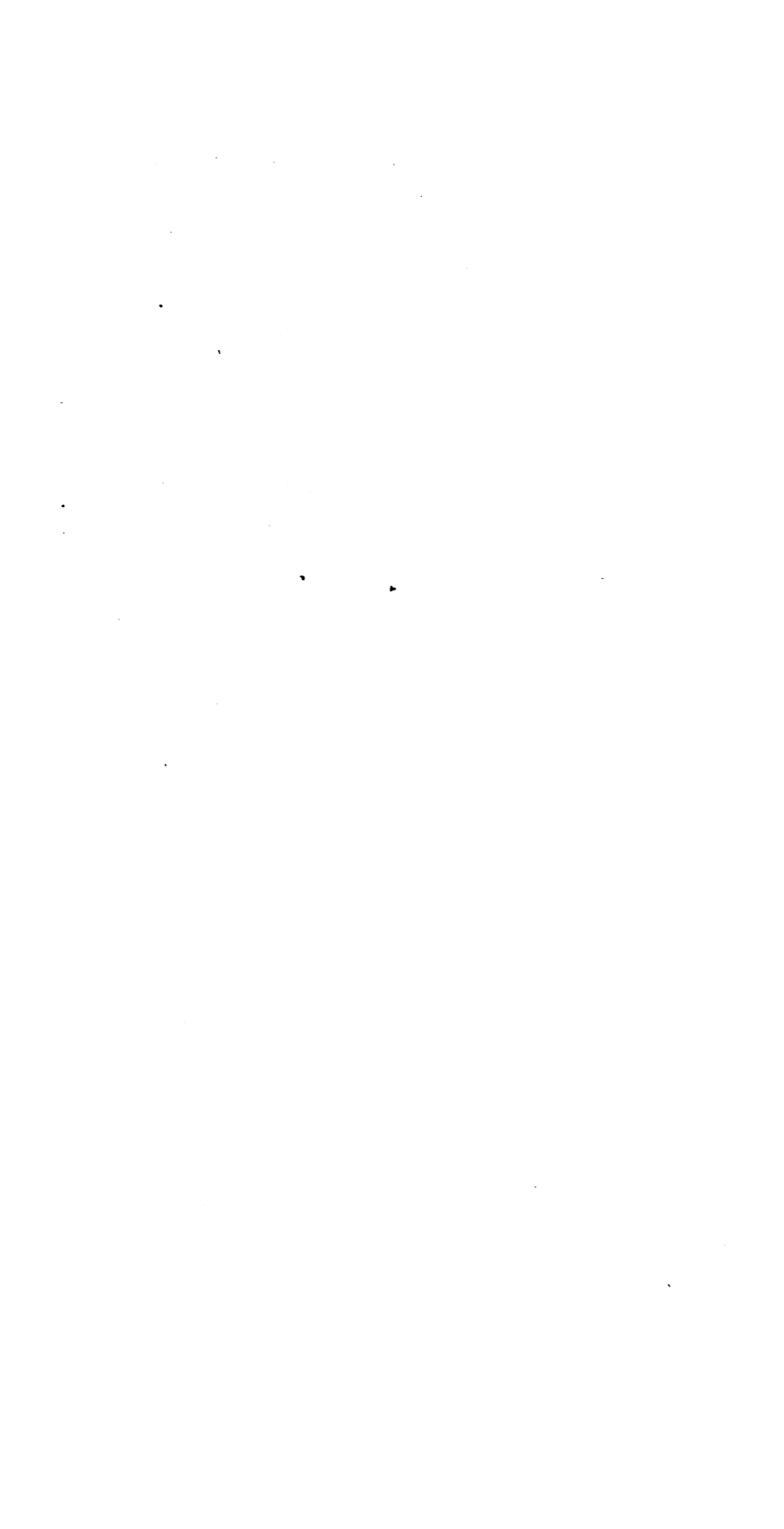
Ramo de flores, acompanhada de varias criticas das Flores do Campo. 1 volume in-12.^o.

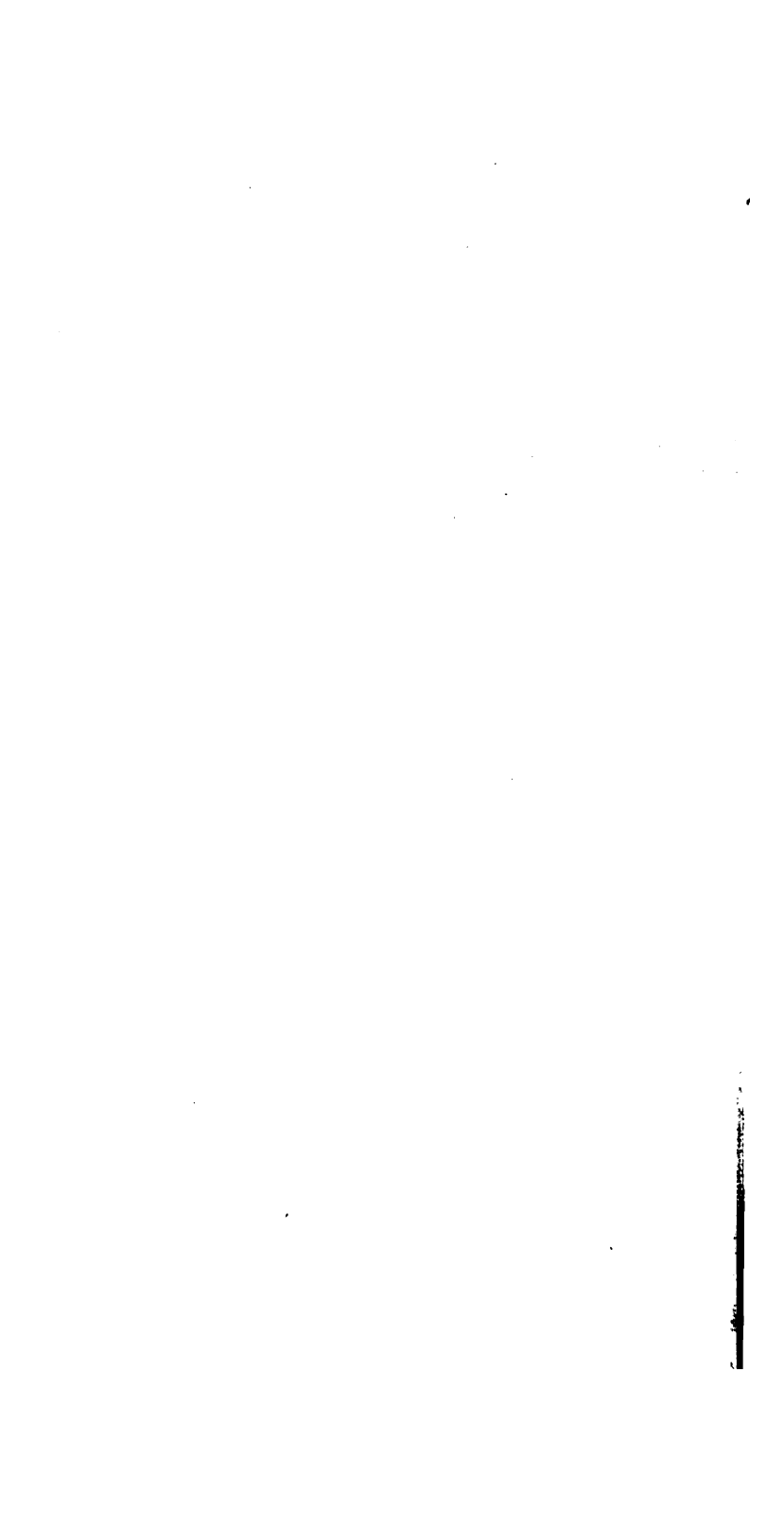
CASIMIRO J. M. DE ABR

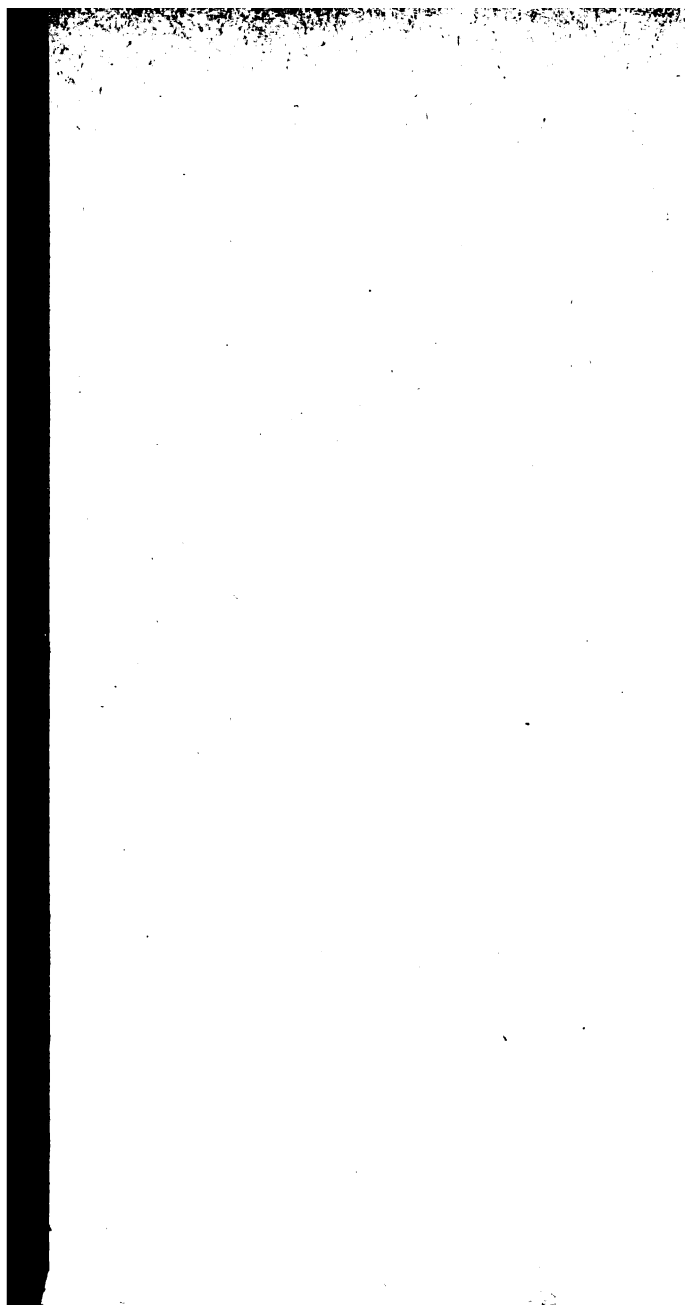
Obras completas, colligidas e notadas, precedidas de um estudo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de noticia sobre o auctor e escriptos, por J. Norberto Sousa Silva. Nova edição, nada com o seu retrato. 1 volume..... 1\$00

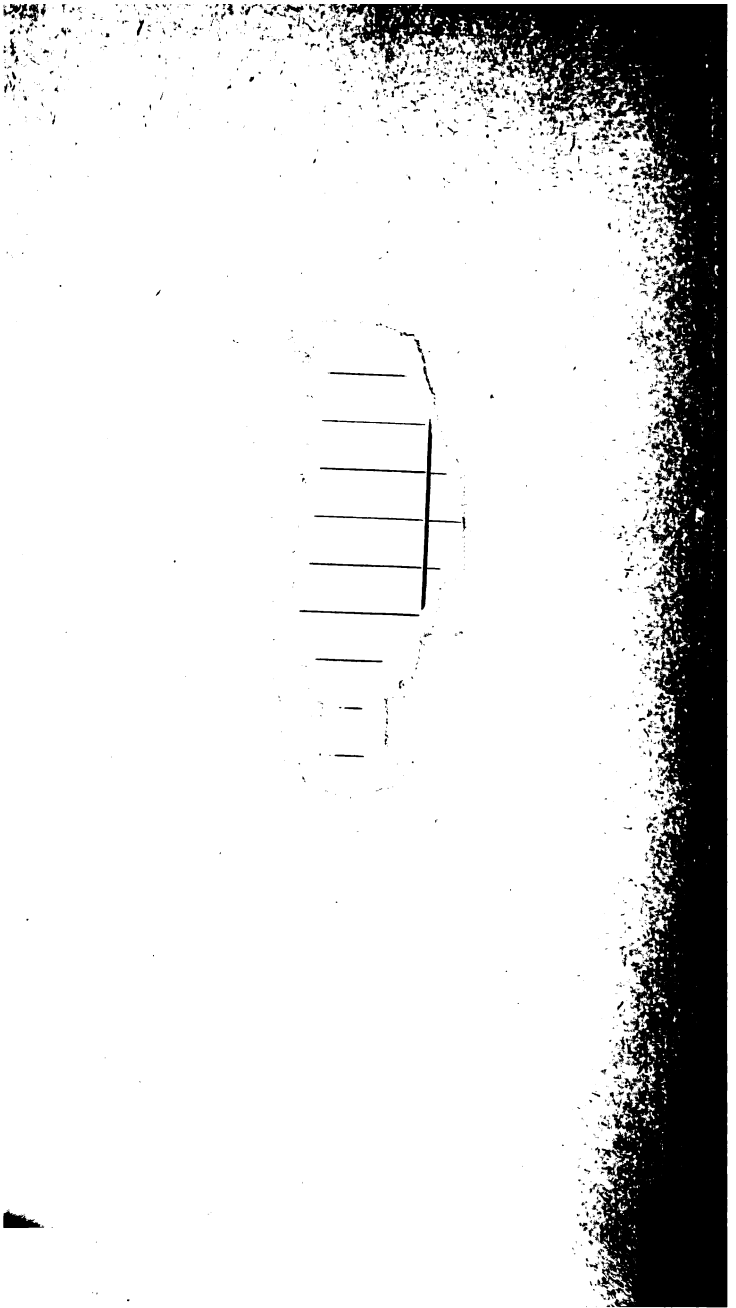
LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FRE

Obras poeticas. 3.^a edição, correctada e acrescentada com um estudo critico, por J. M. Pereira da Silva. 2 volumes in-8.^o.... 1\$00









THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY

300 EAST 5TH STREET
CHICAGO, ILL. 60607

TEL: 773-936-3700

FAX: 773-936-3700

WWW.CHICAGO.LIBRARY.EDU

LIBRARY SERVICES

24 HOURS A DAY

7 DAYS A WEEK

EXCEPT HOLIDAYS

AND SUNDAYS

AND MONDAY

AFTERNOONS

AND EVENINGS

AND NIGHTS

AND WEEKENDS

AND HOLIDAYS

AND SUNDAYS

AND MONDAY

AFTERNOONS

AND EVENINGS

AND NIGHTS

AND WEEKENDS

AND HOLIDAYS

AND SUNDAYS

AND MONDAY

AFTERNOONS

AND EVENINGS

AND NIGHTS

AND WEEKENDS